3 1761 04616563 5

DP
659
V5C35
1901

CAMILLO CASTELLO BRANCO

MARIA DA FONTE

A PROPOSITO

DOS

Apontamentos para a Historia da Revolução do Minho em 1846

PUBLICADOS RECENTEMENTE PELO REVERENDO

PADRE CASIMIRO

Celebrado chefe da insurreição popular

2.ª EDIÇÃO

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, editores
1901
Todos os direitos reservados.

Maria da Fonte

DO MESMO AUCTOR:

A brazileira de Prazins	500
A corja	800
A filha do arcediago	500
A freira no subterraneo	500
Amor de salvação	500
Amor de perdição	500
A neta do arcediago	400
Carta de guia de casados	300
Como os anjos se vingam	240
Diccionario de educação e ensino	9$000
D. Luiz de Portugal	300
Eusebio Macario	500
Genio do christianismo	1$200
Luiz de Camões	400
O assassino de Macario	500
O Carrasco de Victor Hugo	500
O general Carlos Ribeiro	400
Os amores do diabo	500
Os criticos do cancioneiro alegre	200
O vinho do Porto	300
Seroens de S. Miguel de Seide	1$200
Romance d'um homem rico	500
Um homem de brios	500
Vaidades irritadas e irritantes	200
Voltareis ó Christo?	200
Volcoens de lama	500

CAMILLO CASTELLO BRANCO

MARIA DA FONTE

A PROPOSITO

DOS

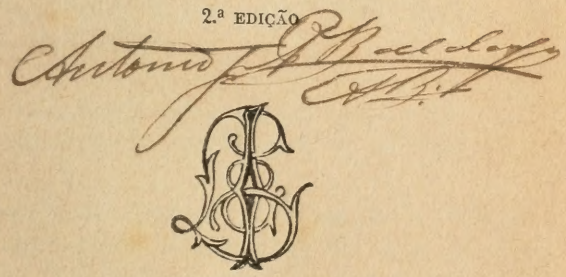
Apontamentos para a Historia da Revolução do Minho em 1846

PUBLICADOS RECENTEMENTE PELO REVERENDO

PADRE CASIMIRO

Celebrado chefe da insurreição popular

2.ª EDIÇÃO



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, editores
1901

Todos os direitos reservados

LIBRARY
NOV 14 1972
UNIVERSITY OF TORONTO

PROPRIEDADE ABSOLUTA DOS EDITORES

DP
659
V5 C35
1901

Porto — Imprensa Moderna

DISCURSO PROEMIAL

—

Quando eu abria as paginas d'este livro singular do snr. Padre Casimiro, occorreram-me dois versos de Gœthe, filtrados pela glote melliflua do visconde de Castilho:.

Tornai-me a apparecer, entes imaginarios,
que me enchieis outrora os olhos visionarios. [1]

Sentia-me remoçar; — o sol da juventude a dissolver gêlos sobrepostos de mais de meio seculo. A primavera dos desenove annos a reflorir violetas, redoiças de trepadeiras e froixeis

---

[1] Fausto, *Prologo do auctor.*

de folhagem veludosa para os ninhos das aves hilariantes. O coração a encher-se-me de cores, de aromas, de musicas, de fórmas e ideaes que eu tinha esquecido. Uma consolação ineffavel como deve ser a do asfixiado que, salvo á morte, de subito, sorve, a peito cheio, haustos redemptores de oxygenio. Em fim, a resurreição da memoria das coisas boas, dos sentimentos alegres — memoria apagada no frontal de um craneo vasio como um velho jazigo com as lettras do epitaphio obliteradas.

Esta tafularia de rhetorica só pode aprecial-a um velho que haja sido môço, quando a Historia passava por esta nêsga da Europa evolucionando os casos que padre Casimiro José Vieira condensou no seu livro. E é preciso, de mais a mais, que esse velho seja infeliz e sinta a saudade atroz, sem desafôgo e sem remedio, da sua mocidade. Por quanto, se a revolução do Minho lhe fôr a recordação horrente de uma epoca sinistra em que as notas de dez pintos se descontavam ominosamente com 15 tostoens $^{1}/_{2}$ de pêrda; as Inscripçoens a 32; a Espanha a emprestar-nos tres milhoens a 43 com commissão de 2 $^{1}/_{2}$ — se elle recorda com movimentos peristalticos dos seus intestinos baixos os toques a rebate nas torres e nos quarteis, o *leva-arriba* canibalêsco das cazernas e das montanhas, os clarins estridulos dos esquadroens com as espadas nuas, as invasoens do José

Passos aos Bancos, os 30:000 proletarios do Padre Casimiro «defensor das cinco chagas e general das duas provincias do norte» em redor de Braga a ululárem por D. Miguel I, a pandega civica dos artistas e colarejas pelas ruas das cidades guinchando a *Luizinha,* os pianos com uma dysentheria democratica patuleando em familia o hymno do Antas e da Maria da Fonte, os matadouros de Valpassos, Agrella, de Braga, de Torres Vedras, do Alto do Viso, — se estas reminiscencias assustam a sua memoria de capitalista pacato, pondo-lhe no seu interior colicas de futuras crizes semelhantes, não leia. Ah! não leia este livro o velho que, ha quarenta annos, soffreu desfalques nas suas notas de moeda, ladroeiras patrioticas nas suas acções bancarias, nas emissoens diabeticas de *bonds,* aboletamentos das legioens da Junta Suprema, ameaças á natureza do seu physico, e talvez á posse legitimamente canonica da sua esposa um pouco desviada da «linha da boa conducta» por suggestoens do batalhão academico ou dos officiaes do Concha, todos descendentes de D. Juan de Maraña. Ah! não leia.

Para que a Maria da Fonte seja uma lagrimosa miragem de saudades é preciso ter sido o que eu era — não ter possuido notas, nem valores bancarios, nem aboletados, nem familia de *Elviras* sujeitas ao iberismo lubrico das hordas castelhanas da quadrupla alliança. Assim,

n'estas condiçoens especiaes, comprehende-se que eu, ao ler o indice das 458 paginas do extraordinario livro do Padre Casimiro, proferisse a saudação de Gœthe ás reapparecidas imagens da sua mocidade:

Tornai-me a apparecer, entes imaginarios,
que me enchieis outrora os olhos visionarios.

*

Ha cinco annos, pernoitou n'esta casa de S. Miguel de Seide um clerigo de variadissima sciencia, d'um trabalho indefesso no serviço da religião; e, na flôr dos annos, pujante de seiva para luctar, barba por barba, com os athletas do estylo e da zombaria voltaireana. Era o padre Senna Freitas o meu querido e inesperado hospede.

As antigas e as modernas sciencias — as novas que vão solapando as velhas pelos alicerces— tudo o que a Inglaterra de Shaftesbury e Toland enxertou na França de Bayle e Montesquieu, e a Allemanha joeirou desde Luthero até Von Hartmann, o padre Senna Freitas sabe tudo isso, hauriu-o nos mananciaes torvos e crystallinos, puros e impuros, nas livrarias profanas, nos cursos publicos de Londres, de Roma, de Paris. Ouviu preleccionar sobre o transformismo darwinista, saturou-se de biologia e anthro-

pologia para não desconhecer os fios mais delgados da urdidura lamarckista, despiu-se da preoccupação da batina para que a luz da sciencia lhe batesse em cheio no peito de homem, e chegou á conclusão refrigerante de que o leitor benigno não é a transformação organica e psycologica de um anthropopitheco — uma qualquer besta extincta e por isso incognita. Como naturalista, pois, Senna Freitas está com Wirchou, um sabio de reputação eminentissima, como sabem. Cuidavam os senhores, talvez, que eu ia dizer que Senna Freitas estava com os padres Grainha e Marnôco? Não sei isso, com certeza, quanto ao *Syllabus;* mas o averiguado é que elle estuda e sabe tudo quanto a Natureza de Lucrecio destillada nos alambiques da chimica, e granulada em miudezas de sciencia pode ensinar e phosphorear na massa cerebral. E a exuberancia do que apprendeu é tamanha que o padre Senna Freitas está convencido de que ha Deus e que a alma é immortal.

E, n'esta persuasão, veio elle do collegio de Santa Quiteria, onde exercia o magisterio, a S. Miguel de Seide, seis legoas decorridas, por que lhe constara que eu adoecèra perigosamente. Viera deitar uma delicada sonda ás profundezas do meu pantheismo de Spinosa, accender uma lampada deante da minha lugubre e chagada esculptura de Jesus Christo crucificado, levantar essa lampada entre a minha alma amaurotica e a

treva que me é na vida o preludio da treva eterna, e mostrar-me, além na penumbra, duas veredas a bifurcarem-se, uma para Deus, outra para o Diabo — que, afinal, se abotôa com 75 por cento, pelo menos, das almas das varias christandades; e quanto ao resto da especie humana, que está fôra da religião verdadeira, é tudo a eito.

O meu adoravel amigo, com um sincero jubilo por se haver enganado quanto á minha doença mortal — e por me achar a escrever e a grangear a minha immortalidade por meio da costaneira barata e canêta de porco-espinho — sentou-se á beira d'esta meza de trabalho.

Palestramos muito. Contei-lhe episodios da minha mocidade, as minhas predilecçoens politicas aos desenove annos. Disse-lhe que eu tinha sido miguelista e afivellára esporas de cavalleiro (umas esporas de correia, de 12 vintens, por signal) na legião formidavelmente estupida do general escossez Reinaldo Macdonell. Fallando-se em *Maria da Fonte,* não podia esquecer o lendario padre Casimiro, *general defensor das cinco chagas...*

— Conheço-o muito bem — disse Senna Freitas.

— Conhece, quem? o padre Casimiro? de tradição ou pessoalmente?

— Pessoalmente. Vi-o ha dois dias.

— Pois elle ainda vive? Está assim vivo e

obscuro um homem que acaudilhou trinta mil homens e abalou duas vezes o throno! Que ingratidão a d'este paiz que elle arrancou ás garras dos Cabraes! Acaso é elle bispo, patriarcha, ou Commissario geral da bulla da santa cruzada? Foi a Regeneração, filha sacrilega da Maria da Fonte e do conego Montalverne, que o galardoou? Diga-me tudo o que souber d'esse homem que eu julgava morto, n'um silencio mythico, n'uma especie de transfiguração de Çakia-Muni ou de Apolonio de Tyane, desde que executou a façanha herculea de limpar de cabralistas esta cavalhariça de Augias!

No meu espanto, parece-me que ainda fui mais erudito; mas não me lembra o resto da apostrophe.

Não era nada na escala das grandezas civicas, nem na hierarchia sacerdotal, o padre Casimiro — informou Senna Freitas. Ia palliando a velhice com o estipendio da sua missa e do ritual das festividades baratas. Não era nada mundanamente fallando!

Assim devia ser n'esta Byzancio do occidente. Na outra, o general Belizario, depois de exterminar os godos, vivia de esmolas do publico. Aqui, o general Casimiro, tendo expulsado da Lusitania os Cabraes, quinta essencia de godos, vive da esmola da missa. Um seu collega, outro levita, caudilho tambem de guerrilhas transmontanas, escrevia pamphletos incendiarios no

Porto quando o presbytero minhoto vibrava o bronze dos campanarios. Um chegou a conego, a bispo, a ministro do reino; e o outro, Cincinnato á força e romano antigo quanto se pode ser no concelho de Felgueiras, está em Margaride a plantar couves gallegas e a podar as parreiras do seu quintal!

Como elle desceu, n'um enxurro de calamidades, desde os penhascos de Vieira, sua terra natal, até Felgueiras, é isso uma secção importante dos APONTAMENTOS. A curiosidade do leitor malograr-se-ia, se eu apoucasse em breves periodos algidos, sem as pulsações febris da paixão auto-biographica, as muitas paginas que o reverendo sacerdote realça com a odyssea da sua corajosa desgraça e honrada teimosia de caracter politico. Pelo transcurso d'este estudo, raras vezes trasladarei o que deve ser apreciado no livro que me vae espertando lembranças e noticias aproveitaveis para encher espaços vasios e dignos de serem enviados á posteridade com a plenitude possivel. O d'elle e o meu são dois livros que se completam.

Da existencia do manuscripto d'esta obra me fallára o meu amigo Senna Freitas. Pedi-lhe que incitasse o padre a publical-o, ou, pelo menos, m'o confiasse por alguns dias. Pude obtel-o. Como prefacio á sua obra, o snr. padre Casimiro José Vieira publicou parte de uma correspondencia que trocamos, respectivamente

ao merito das suas memorias, escriptas sem desvanecimento, com quanto, uma vez por outra, n'ellas transluza o amor-proprio immodesto de Cesar nos *Commentarios*, de Chateaubriand nas *Memorias*, e de Lamartine na *Historia da Revolução de 48*.

Não achei então que aproveitar na contextura de um romance que eu andava esboçando — a *Brazileira de Prazins;* mas colhi sensaçoens incomparavelmente mais deleitosas.

Os factos d'aquella epoca attrahiam-me pela magia da saudade. Havia um resurgimento de mortos, o grupo dos meus amigos a reapparecer, como visualidades adoradas de Gœthe, com a vida palpitante de ha trinta e oito annos. Tudo me lembra, como se apoz um dormir de Epimenides, acordasse hoje em 1846. Era eu quem de pé, sobre o balcão do Zé-da-Sola, em Villa Real, um logista de cabedaes de bezerro e vacca, muito legitimista, declamava emphaticamente e com os gestos mais violentos as proclamaçoens do padre Casimiro estampadas no *Periodico dos Pobres*, e a carta, rica de conselhos em arte de reinar, dignos de Fénelon, enviada pelo correio á senhora D. Maria II. Era uma carta convulcionada de prophecias tragicas, ás quaes eu dava toadas funereas, expediçoens gutturaes como diz Renan, valha a verdade, que faziam Ezechiel e Habacuc. A turba que me escutava, toda orelhas, trovoava urros

de um vandalismo que sobrepujava as minhas cordas vocaes. Havia cabeças de granito que choravam como os penedos biblicos; e velhos bachareis formados, antigos juizes de fóra, com o simonte engatilhado aos narizes e as mandibulas n'um prolapso de espanto, disiam: — Grande homem é o padre! é o 2.º José Agostinho de Macedo!

E eu, na qualidade de declamador correcto, prosodico e muito mimico, attribuia-me um quinhão d'aquellas ovaçoens, muito menos explosivas quando o leitor era Antonio Tiburcio, o meu amigo de infancia que morreu ha muito, depois de ter governado o districto muitos annos, mantendo-se, com um grande tino, na media, entre a Republica e o Absolutismo.

Havia senhoras realistas, filhas de capitães-mores, de desembargadores, de brigadeiros e morgados em decomposição, ás quaes eu lia as peças do «General das cinco chagas». Em algumas cazas brazonadas accendiam-se castiçaes com bobeches de papel verde nos oratorios de talha dourada, e fasiam-se preces votivas, bastante caras, a varios santos muito anteriores á formação do regimen parlamentar, e por isso talvez indifferentes á revolução de 1820 e á politica de Villa Real. De permeio com as jaculatorias, bebia-se muita geropiga capitosa para, por meio da etherisação alcoolica, dar alôr aos voadouros da esperança.

Que noites de alegria doida n'aquelle inverno de 1846!

Eu tinha um tio analphabeto a quem o padre doutor Candido Rodrigues Alvares de Figueiredo e Lima, logar-tenente do snr. D. Miguel I, promettera nomear corregedor da comarca, logo que se désse o grito em Tras-os-montes. Ah! eu ainda me deliciei a ouvir o grito e o *Rei-chegou;* mas os santos, domesticos das familias heraldicas, cahiram em um descredito politico que não ha fusão possivel que os rehabilite no meu conceito e no d'aquellas familias bigodeadas e scepticas.

Mas que saudades! que relances de olhos marejados, no decurso da leitura d'este livro do snr. padre Casimiro, eu lançarei áquelle horisonte esvaecido para vêr a minha sombra perpassar por entre os cyprestaes onde se esfarelam os ossos de tanta gente querida que me levou para o seu podredoiro o melhor que eu tive — a minha tão curta mocidade! Ah!

Tornai-me a apparecer, entes imaginarios,
que me enchieis outrora os olhos visionarios.

S. Miguel de Seide, 21 de Novembro de 1884.

PARTE PRIMEIRA

MARIAS DA FONTE

Foi a maria da fonte a personificação fantastica de uma collectividade de amazonas de tamancos, ou realmente existiu, em corpo e fouce roçadoura, uma virago revolucionaria com aquelle nome e appellido?

É o que vamos esmiuçar.

Mas, em parenthesis: acho que faltam condiçoens epicas n'este periodo que acabei de immortalisar e exhibir á posteridade. Ao tratar das heroinas da revolução nacional de 1846, o meu estylo é lapantanamente grutesco. De mais a mais, confunde-me a presença de um brinde impresso, proferido então pelo maior orador que deu Portugal, João Baptista de A. Garrett, em um jantar offerecido aos proscriptos, repatriados pela porta que as fouces das mulheres de Lanhoso e Vieira estilhaçaram. Garrett excla-

mava: «...Muitas nações grandes e populosas terão de morrer sem deixar herdeiro do seu nome, nem legatario das suas obrigaçoens na terra. Mas nós não podemos morrer; não devemos morrer, em quanto entre nós houver homens como ha pouco se manifestaram; muito menos ainda em quanto entre nós houver mulheres como agora as vimos, (*Muitos apoiados*) como essas que ha pouco surgiram no norte de Portugal, renovando todas as glorias que pareciam fabuladas, de Aljubarrota, de Diu e de Chaul. Senhores, nós acabamos de presencear uma grande revolução, uma revolução que tem (perdoe-se-me repisal-o) que tem, além de todos os outros caracteres brilhantes, o magnifico, o transcendente caracter de ser verdadeiramente popular, por que começou pelas mulheres. (*Apoiados*). Quasi que ainda não houve uma revolução verdadeiramente grande, verdadeiramente nacional que assim não começasse, desde a expulsão dos Tarquinios até hoje...» [1]

Se eu assistisse ao civico banquete — onde *a presença das senhoras,* como diz Gomes d'Amorim, *explicava a feição que deu o poeta á parte do seu discurso* — applaudiria a gritos

[1] Garrett: Memorias biographicas por Francisco Gomes de Amorim, tomo III, pag. 200 e segg.

d'alma essas phrases eruditas e encomiasticas das mulheres viris do Minho, até para envergonhar os homens afeminados de Lisboa; porém, todo meu enthusiasmo esfriaria n'um sorriso zombeteiro das grandes mulheres e dos grandes oradores, quando vi, em junho de 1849, o snr. conde de Thomar no ministerio e os obreiros dinheirosos da revolução do Minho compellidos, em 1851, a comprar sargentos e soldados do 18 de infanteria. Os vencedores eram os crusados novos d'alguns burguezes da cidade heroica, distribuidos por Salvador França no quartel de Santo Ovidio, onde o alliciador penetrára com chaves falsas forjadas por Victorino Damasio na fabrica do Bulhão. O exterminio do cabralismo não promanou da revolução do povo; foi da indisciplina militar. As balas que prostraram cadaver o coronel Cardoso pesaram mais na balança da politica portugueza que os setenta e sete milhoens desfalcados no capital do paiz com a guerra civil de 46 e 47. Depois, bem sabem, a espada do Saldanha tambem pesava mais que a de Brenno, quando o ouro se levantava na outra concha da balança. O conde de Thomar negoceara-o indirectamente em 46 para a emboscada de 6 de outubro, e vae elle depois em 1851... Ora esta! cuidei que estava agora a compor um artigo para um jornal eclectico de ha trinta annos!... Está fechado o parenthesis.

*

Sobre a personalidade unica, singular e distincta de Maria da Fonte entre as mulheres amotinadas no concelho de Vieira, o depoimento do snr. padre Casimiro deve ser o primeiro n'este processo de investigação.

Refere o minucioso historiador que um sapateiro de Simães, da freguezia de Fonte Arcada, o avisára de que lhe maquinavam a morte; e, na mesma occasião, se mostrára receoso de que lhe matassem sua irman Maria Angelina, a quem chamavam *Maria da Fonte*, e fôra processada e pronunciada nos tumultos da Povoa de Lanhoso. Perguntou-lhe padre Casimiro o que fizera ella para ganhar tal nome. — Nada, respondeu o sapateiro; apenas acompanhára as outras mulheres que arrombaram a cadeia da Povoa para soltar as prêzas que primeiramente se levantaram contra a Junta de Saude. Insistiu o padre em querer saber a causa por que a distinguiam das outras. Explicou o artista que Maria Angelina se estremava das mais por estar vestida de vermelho; e, por isso, o empregado, que fizera a lista das amotinadas, a pozéra na cabeça do rol, com tal nome, por não lh'o querer dizer alguem que elle interrogára. Perguntou o padre Casimiro se havia alguma *fonte* á beira da casa de

Maria. Que não. Chamavam-lhe *da Fonte* por ser da freguezia de *Fonte* Arcada. O interrogador ficou satisfeito, acreditou e felicitou o sapateiro por sua irman ter conseguido nomeada tão distincta.

E, passados mezes, indo vêr a Maria da Fonte, encontrou uma mulher trigueira, de estatura mediana, desembaraçada, robusta, entre vinte e trinta annos.

D'ahi a pouco, terminada a revolução promovida pelos setembristas, uma doceira de Valbom, nas visinhanças de Lanhoso, andava pelas feiras e romarias inculcando-se a *Maria da Fonte*. Padre Casimiro, estranhando naturalmente o duplicado, pediu informações ao abbade de S. Gens de Calvos, parocho e visinho da doceira. O abbade confirmou ser ella a celebre Maria da Fonte. Não obstante, o nosso auctor, sem apoucar os serviços da doceira — pelo contrario, os encarece — entende que a verdadeira é a de Simães, por ser de *Fonte* Arcada, e não a outra, visto que o nome lhe não foi dado por ter prestado maiores serviços, aliás de direito lhe pertenceria. Acrescenta o monographo da revolução de 46 que Maria Angelina ou da Fonte, morrera, annos depois, em Villa Nova de Famalicão ou por ali perto.

Quanto ao obito de Maria Angelina foi o snr. padre Casimiro incorrectamente informado. E' certo ter vivido e morrido em Famalicão uma

endiabrada mulher, volteira e espancadora a quem chamaram *Maria da Fonte* por analogia de bravura com a façanhosa revolucionaria do Alto Minho. Em differentes terras do paiz se chamaram antonomasticamente *Marias da Fonte* as mulheres valentes e decididas.

*

Outro testemunho importante de um coevo e visinho das mulheres iniciadoras da revolução. Quem depõe é José Joaquim de Ferreira de Mello e Andrade, senhor da casa da Agra, na Povoa de Lanhoso, fallecido em novembro de 1881, com idade excedente a oitenta annos. Desde 1874 que conservo com muita estimação as notas veridicas que recebi directamente d'aquelle respeitavel fidalgo. É textualmente sua a radacção circumspecta e redondamente phraseada da biographia da mulher de infima condição cujo nome ficou perpetuado n'um levantamento nacional, e se leu estampado com assombro nos periodicos do velho e novo mundo. Na exposição que vae ler-se ha pormenores que não expungi. Quem os relata desapaixonadamente assistiu á irrisoria iniciativa da revolução, e os jornaes da época desconheceram-os.

MARIA DA FONTE

(1846)

«Na madrugada de 24 de junho de 1822, Josefa Antunes que morava em uma casinha sobranceira á fonte do Vido [1] no logar do Barreiro, da freguezia de Font'arcada, levantou-se da cama, vestiu-se e correu pressurosa á fonte para colher agua de S. João, antes do sol nado, por que, dizia, era agua de muito prestimo para todos os achaques.

Ao aproximar-se, ficou surprehendida, vendo á beira da fonte um embrulho de baêtas sobre uma pedra. Pegou no embrulho; e, parecendo-lhe que encerrava cousa viva, voltou com elle para casa; e, passando a examinal-o, achou uma menina recem-nascida e muito vividoura. Applicou-lhe logo os peitos (por que lhe tinha morrido, dias antes, uma criança); a menina mamou e adormeceu.

Sem lhe lembrar mais a agua milagrosa, preparou-se e partiu com a menina para a Povoa. Apresentou-se ao rodeiro, e este, depois de a examinar, disse-lhe que seria bom leval-a

---

[1] Havia junto á fonte um antigo vidoeiro *(Betulla alva)* que um raio espedaçou no meado do seculo XVIII, d'onde deriva o nome.

á egreja para receber o sacramento do baptismo, para o que se offereceu Josefa Antunes. O rodeiro então, lançando mão do capote, e mais a ama, marcharam com a menina para a egreja de Font'arcada. Lá, ao preparar a criança para receber o sacramento, acharam-lhe, cosido na fralda da camisinha, um bilhete que continha a seguinte copla:

Eis-me exposta junto á lympha
que aqui mana d'este monte.
Serei d'ella a clara nympha,
serei Maria da Fonte.

O parocho riu-se muito, riram todos, e a criança baptisou-se com o nome de *Maria da Fonte;* e, depois de lavrado assim o termo, voltaram ambos para a Povoa.

Facil foi a Josefa Antunes obter aquella exposta para creação; por isso depois do rodeiro fazer o assento do estylo, pôr-lhe o numero ao pescoço, e ella receber d'elle o enxoval do costume, voltou para a Fonte do Vido, muito satisfeita por tão depressa achar um linitivo que lhe mitigava as saudades do seu menino que pouco antes havia perdido. Nenhuma ama houve que maior affeição creasse á sua pupilla, pois queria-lhe tanto como ao proprio filho; mas este excessivo amor foi a perdição d'aquella rapariga.

Já o tempo da lactação tinha passado e a criança medrava a olhos vista, sempre sadia, rubicunda e travêssa. A ama a quem ella chamava mãe olhava-a com a maior complacencia como se n'ella se lhe encerrassem todas as riquezas do mundo; mas descurava totalmente de a educar.

Em 1828, quando se consummára a uzurpação, cantava já a fanfarra do Rei-Chegou com taes arrebiques que attrahia a attenção dos ouvintes; e não faltava quem por isso lhe dava alguns cobres que immediatamente ia gastar em vinho nas vendas do Cruzeiro, recolhendo-se sempre embriagada. A ama sabia tudo, mas não se dava por achada.

Em 1830 ainda ignorava a doutrina christan e não sabia pegar na roca; mas proferia palavras obscenas; luctava com os rapazes da sua idade, e, quando os levava de baixo, a mãe adoptiva ria que se consolava; e, se lhe trazia alguma fructa ou lenha das propriedades dos visinhos, limitava-se a perguntar-lhe se lá ficou ainda mais.

Em 1840 havia chegado ao seu perfeito desenvolvimento. Não era baixa, mas refeita, madeixa comprida e bem povoada de cabellos pretos; olhos, sobrancelhas e pestanas negros; mas estas arcadas e salientes; nariz direito de azas folgadas; bocca breve e sem riso; rosto afogueado e redondo; vista firme; voz algum

tanto varonil, forte e san; temperamento irascivel; trato grosseiro; teimosa e rispida nas respostas. Suppunha-se invulneravel, e assim afugentava os admiradores e lisongeiros; mas uma *reverenda* melluria venceu todos esses reductos, e, no fim de nove mezes, a roda dos expostos deu mais uma volta.

Por este tempo Josefa Antunes, sendo atacada de uma febre escarlatina, em menos de treze dias rendeu a alma ao Creador; e Maria da Fonte, ou por conselho alheio ou por deliberação propria, alugou uma pequena caza na mesma freguezia, sita no logar de Val-Bom e transferiu-se para ella com todos os haveres que lhe ficaram da sua mãe adoptiva que a levou para a sepultura, como se costuma dizer em taes casos, atravessada no coração: tanto era o amor que lhe tinha..... [1]

N'esse tempo foi que os missionarios (prosegue o meu informador), como se estiveramos nos sertoens da America, ou não houvesse parochos nem confessores, principiaram a cruzar por estes sitios, quaes andorinhas em maio, sobre os verdes linhares, ao avisinhar-se a tro-

---

[1] No manuscripto de Ferreira de Mello segue a noticia do fingido D. Miguel I, preso na residencia do abbade de S. Gens. Este episodio faz parte do romance intitulado A BRAZILEIRA DE PRAZINS.

voada. Maria da Fonte começou a seguil-os por toda a parte, e a roda dos expostos deu mais duas voltas... apezar de ella se vestir de roxo e preto, despojar-se dos seus bellos cabellos, deixando a classica marrafa, cortada horisontalmente duas linhas acima das suas arqueadas sobrancelhas. Era este o decantado uniforme da milicia d'aquelles senhores que por aqui recrutaram a mãos largas, distinguindo-se assim dos mais fieis, principalmente dentro das egrejas, onde se assestavam sobre as sepulturas, com as testas pousadas nos taburnos e as garupas alçadas para o ar... como obuzes; ou agrupando-se arrebanhadas no cucuruto da egreja, soltando uma ou outra, de quando em quando, em voz intelligivel e de cabeça torta, o terno gemido: *ai meu Jesus!* Tudo isto se presenciava e Maria da Fonte sobresahia a todas. Os confessionarios não creavam tèas daranha, nem ferrugem as chaves dos sacrarios. Versinhos e jaculatorias não faltavam: tudo santidades e um céo coberto.

Começára o anno de 1846 docemente reclinado nos fagueiros braços da mais bonançosa paz. A agricultura prosperava, o commercio desenvolvia-se, as artes floresciam, o credito publico augmentava, a viação começava os seus primeiros ensaios e as contribuições não escaldavam. Mas o surdo mugir do touro do Minho, com quanto mal percebido, ouvia-se por toda a

parte sem se saber da sua guarida: é que o incommodavam sonhadas visoens no antro do seu repouso. O prurido da desconfiança principiava a inquietal-o; e o halito corrosivo, manando clandestinamente dos bons dos ministros da paz para os ouvidos das filhas de Sião, estas infeccionavam o ar que o touro, mugindo, aspirava. Por isso, viu-se em março na freguezia de Garfe onde tinha estado o apostolo de Leiria, [1] uma nuvem de bacchantes, todas de marrafa como a dos leigos da ordem benedictina, arrepanhar um esquife e conduzil-o á egreja dando-lhe sepultura entre risadas e motejos,

---

[1] Quem fosse este «apostolo de Leiria» elucida em outra pagina das suas notas Ferreira de Mello e Andrade, ao dar noticia do *D. Miguel I* que enganou o abbade de Calvos, *(Brazileira de Prazins)* e prosegue: «Não tardou muito que apparecesse na freguezia de Garfe, do concelho de Lanhoso, outro individuo desconhecido apparentando quarenta e tantos annos de idade, com seu capote de panno azul forrado de vermelho, fardêta, calça e colête da mesma côr e fazenda, chapéo grosso de copa alta e larga, butes de attanado, cabellos pretos um tanto grisalhos, rosto trigueiro e oval, barba feita, nariz regular e semblante abeatado. Não era baixo nem alto; fallava brando e pauzado; mas sempre com reticencias e mysterio. Alli se recolheu na casa de um lavrador, onde permaneceu encerrado alguns dias occupando-se na leitura de livros mysticos, e de noite, em catequisar, a seu modo, a familia em volta da lareira. E declarou que mais onze como elle tinham par-

na presença do Deus vivo, alli sacramentado! A authoridade deu logo parte do sacrilegio, pediu providencias, pediu força armada; mas nem resposta obteve. Era a repetição do que pouco antes se havia praticado na freguezia de Travassós, no concelho de Guimarães, com os enterramentos. Nos primeiros dias de abril repetiu-se egual profanação na freguezia de Font'arcada; mas debalde a authoridade participou ao governador civil. Quasi no fim d'este mez, no logar de Simães, freguezia onde o halito da corrupção mais tinha penetrado, e a dourada nuvem de Londres havia assombrado um pouco,

---

tido de Leiria, sua patria, e se espalharam por outras partes, para annunciar a palavra de Jesus Christo. Que lhe não convinha mostrar-se, por que se arriscava a ser martyrisado, embora o desejasse; mas que ainda não era chegada a sua hora. De tal sorte se fez acreditar perante aquella gente boçal que já o tinham em conta de grande santo, pois por onde passava deixava tudo fanatisado. Assim discorria pelas melhores casas; até que, tendo noticia d'isto a authoridade administrativa, o mandou vir prezo á sua presença, onde deu identicas respostas, acrescentando que vinha em nome de Deus cumprir sua missão, e que para elle as prisoens abriam suas portas de par em par; pelo que, nada receava. Mandou-o o administrador para o governo civil, mas ahi foi posto em liberdade; e, passados poucos dias, voltou a Garfe, e de lá passou a outras freguezias, continuando sempre as mesmas praticas, até que sahiu a campo o tumulto dos enterros, e então desappareceu».

estreou-se nova companhia de bacchantes, como se vae vêr com pormenores. [1]

Achava-se depositada na capella do logar em ataúde fechado sobre eça enlutada de crepes uma defunta de familia honesta. Chegou a hora de ser transferida para a egreja parochial com acompanhamento de pessoas que alli tinham concorrido tanto para desanojar os doridos como para acompanhar á ultima morada os restos mortaes d'aquella finada. Já o parocho se achava paramentado, já responsava a defunta e levantava o *memento,* já ondeavam as alvejantes sobrepelises, repartiam-se as tochas accesas, e hasteava-se á porta da capella a cruz da redempção, quando, de repente, apparecem quatro bacchantes, de cabellos cortados e amarrafados na testa debaixo de lenços brancos atados na nuca, em mangas de camisa, saias pelos joêlhos, presas nas cinturas e descalças. Entram na capella, arrebatam o ataúde, põem-no aos hombros e caminham a passo dobrado para a egreja, indo á frente a Maria da Fonte com a cruz alçada, e uma horda de Amazonas rodeando o caixão, umas de chuços, outras de ferrê-

---

[1] *A dourada nuvem de Londres* é a herança de algumas centenas de contos que levantaram á opulencia alguns jornaleiros, resvalados depois á miseria e ao latrocinio. O romance *Domonio do ouro* foi urdido com os apontamentos de Ferreira de Mello.

lhas e pás de infornar, muitas com choupas e sacholas, algumas com forcados e espêtos, e até uma com uma colher de ferro amassada, formando duas pontas com que ameaçava arrancar os olhos de quem se lhe pozesse deante.

Apoz d'este prestito burlesco, foi-se abalando em seguida o parocho, o clero, e no couce d'este os concorrentes, muitos sem surpreza d'esta novidade, que até parecia á maior parte d'elles muito honesta e importante e para bem de todos, por que já o halito pestifero lhes tinha eivadas as cabeças.

No meio do transito, as bacchantes levantaram vivas, e seguiram até entrarem na egreja da parochia. Ellas mesmas enxotaram do interior sem excepção o sexo masculino, pondo guardas ás portas, armadas de choupas e forcados; e, depois de collocarem o ataúde sobre a eça, levantaram o taburno de uma sepultura, despejaram-a, extrahindo os restos das ossadas com a terra, desceram novamente o ataúde ao fundo d'aquella sepultura, reenchendo-a de novo com a mesma terra e fragmentos humanos; e, depois de lhe assentarem o taburno, bateram palmas, deram *vivas* á religião e ás leis velhas, *morras* ás leis novas, levantaram as guardas e foram-se embora.

Ninguem alli foi testemunha d'isto senão o Sacramento e as sagradas imagens dos altares, e mesmo uns olhos que ficaram escondidos por

detraz da tribuna do altar-mór, que desgraçados seriam, se fossem lobrigados pelos olhos que se aninhavam debaixo das marraías beatas d'aquella sucia. Só então é que entraram na egreja o parocho, o clero e os seculares em limitado numero, por que os mais d'elles tinha retirado. Seguiu-se a missa e o officio do *corpo presente,* posto que o corpo já estivesse sumido seis palmos debaixo da terra. E, a final, recebendo o clero a colação e a esmola costumada tambem retirou.

A authoridade administrativa deu logo parte de tudo por expresso ao governo civil pedindo pela terceira vez alguma força; mas nada de novo. Limitou-se então a mandar prender Maria da Fonte e algumas outras Amazonas que se tornaram salientes. Todas foram prezas excepto Maria da Fonte que se escondeu. O juiz de direito retirára-se para sua casa até vêr no que paravam as modas. O ordinario, que n'esse tempo era seu substituto nato, resolveu ir á egreja levantar auto do facto, procedendo á exhumação do cadaver. Na sexta-feira proxima em que havia confessores para desobriga, dirigiu-se para lá com o delegado e escrivão da semana, official de diligencias e mais adjunctos; porém, logo que alli chegaram e se soube o seu intento, foi como se estourasse uma bomba no meio da egreja. De repente, as Amazonas pozeram-se todas em acção. Umas foram tocar os sinos a rebate, outras espalharam-se amotinando gente; muitas

procuravam os da *Justiça*, como ellas diziam; perguntavam *pelo dos oculos*, o delegado, outras deram sobre o juiz com uma pá do forno e ainda lhe descarregaram uma pancada nas costas; outras perseguiam o escrivão que por muito gordo cuidou de abafar quando fugia. Os officiaes de diligencias ninguem mais os viu.

Continuavam os sinos a tocar a rebate n'esta e n'outras freguezias em roda. Já o adro e avenidas estavam cobertas de mulheres e outras vinham chegando. Foi então que appareceu a Maria da Fonte de clavina empunhada e duas pistolas no cinturão,[1] gritando: *Vamos á cadeia tirar as prezas! Viva o snr. D. Miguel!* E, sendo enthusiasticamente correspondida por toda a multidão, principiou esta a desfilar pelo caminho da Povoa até ao largo do Cruzeiro, onde fizeram alto para se juntarem todas em numero talvez de 1:200 mulheres! Seguiram pela estrada occupando a sua largura e extensão de meio kilometro, e assim foram caminhando já guardadas pelos lados, sobre os campos, por homens armados.

Chegadas á Povoa, Maria da Fonte, lançando mão de um machado, arrombou as portas da cadeia e os alçapoens, e tirou as prezas entre *vivas* ao snr. D. Miguel e á santa religião, voltan-

[1] Era dadiva de padre. *Nota de Ferreira de Mello.*

do com ellas em triumpho pelo mesmo caminho. A authoridade participou logo por expresso ao governo civil; mas já sem lhe pedir nem forças nem providencias. Eram 4 horas da tarde.

N'esse mesmo dia, ao pôr do sol, um destacamento de 50 praças do regimento 8, estacionado em Braga, commandado pelo tenente Taborda, entrou na Povoa.

...Mas para que tão diminuta força, no estado a que as cousas tinham chegado?... e que commandante!... Inteiramente desmemoriado e tão pusilanime que não descançou, emquanto não foi mudado para a freguezia de Gallegos, que, dizia elle, era um bello ponto para uma retirada sobre o Santuario do Bom Jesus e d'ahi para Braga!... Porém, como o fóco da reacção era todo do lado do Nascente, tornou-se indispensavel remover aquelle destacamento para a freguezia d'Oliveira. [1] Eis que se dá outro enterro tumultuoso na freguezia de Gallegos, onde appareceu Maria da Fonte e suas Amazonas! O enterro fez-se, como nas mais partes, com a differença do clero estar funccionando dentro da egreja. Foram prezos depois, pela policia, um homem e uma mulher que mais se distinguiram

[1] Taborda, aboletado na residencia, obrigou o Parocho a mandar abrir, na taipa, uma porta, para uma sentinella lhe rondar a cama, em quanto elle dormia!

n'aquelle motim e logo enviados para Braga; mas, ao passarem na serra do Carvalho, lá vão tiral-os á escolta os moradores das proximas freguezias de Ferreiros e Geraz. Estava visto que o vulcão se ia espraiando, e suffocal-o com pequenas forças — já era tarde. Maria da Fonte tornou a esconder-se.

Em consequencia de tudo isto, n'uma manhã, ainda que tardiamente, chgou á Povoa outra força de 250 baionetas do rigimento 8, commandadas pelo major Malheiro; a qual fazendo juncção com a do primeiro destacamento, ficaram ás ordens d'aquella patente superior. Foram aboletadas na freguezia d'Oliveira e parte Oriental da de Font'arcada, onde se conservaram poucos dias; até que vindo do administrador do concelho de Vieira uma lamentosa requisição, por se ter alli sublevado o povo, marchou para lá toda a força. Ao mesmo tempo, foi novamente occupada a freguezia de Gallegos por outro destacamento, do regimento n.º 9, composto de cincoenta praças, cujo commandante não só fraternisava com o povo, senão mostrava as confidenciaes que recebia!... por isso, foi d'alli transferido para Guimarães, onde o povo das freguezias do norte, conduzido pelo padre José das Caldas, no dia 15 d'abril, tentou entrar. Houve tiroteio entre elle e a tropa, ficando com um quarto quebrado por uma balla aquelle commandante.

No mesmo dia os povos de Prado, depois de queimarem o archivo da administração do seu concelho, capitaneados por outro padre, avançaram a Braga e atacaram de surpreza os quarteis do regimento 8... Foram, porém, repellidos e perseguidos até ao rio Cavado, deixando bastantes mortos e feridos: pelo que foi mandado recolher o major Malheiro com toda a força do seu commando que se achava em Vieira.

Tambem, n'esse mesmo dia, os povos da freguezia de Souto, Donim e Briteiros, do concelho de Guimarães, homens e mulheres, invadindo o concelho da Povoa de Lanhoso, pela freguezia de Santo Emilião entraram em S. Martinho do Campo, atravessaram Villela e foram pernoitar nos logares de Quintella e Porto d'Ave, na freguezia de Thaide, obrigando a seguil-os todas as pessoas que encontravam. Aqui se lhes uniu Maria da Fonte com as suas pistolas e clavina.

Ao outro dia, 16 d'abril, tocando todos os sinos a rebate, era pavoroso vêr, ao som d'elles, como se abalava aquella mole de povo, a qual subiu com toda a lentidão ás freguezias de Travaços, Brunhaes e Esperança, desceu a Oliveira, baixou a Font'arcada, deixando queimados, nas regedorias, todos os papeis, e fazendo juncção com os povos de Gallegos e Lanhozo. Outro tanto praticou no archivo da administração, sem se importar dos prejuizos que n'isto

iam. Era triste vêr, em roda, tudo alastrado de papeis rasgados e queimados: uns redemoinhando com o vento e outros servindo de joguete, nas mãos dos rapazes, que os apanhavam ás rebatinhas.

A noite veio pôr termo a este vandalismo e evitou igual catastrophe nos cartorios dos escrivães de direito, e mesmo no archivo municipal, que só por esta razão escaparam...

Então Maria da Fonte, julgando terminada a sua missão, recolheu-se á choupana de Valbom—já sem receio de ser preza, porque a authoridade administrativa cessou de funccionar; até que, no outono seguinte, voltando de Vieira o conde das Antas, com a sua divisão de 3:000 homens, onde fôra tentar um convenio com o padre Casimiro, (!), e, pernoitando em Font'arcada, Maria da Fonte affeiçoou-se a um tambor; e, acompanhando-o na divisão, desappareceu, sem que mais se soubesse noticias d'ella.

Tal foi a carreira e fim da clara *Nympha da fonte*... Que a terra lhe peze n'alma.»

*

Conjecturo ser esta a lidima e authentica heroina com suas intermittencias de borrachona e malandra. Tambem me quer parecer que o snr. padre Casimiro José Vieira não conheceu exa-

ctamente aquella Maria da Fonte, a garantida, ou pelo menos ignorou a sua fecundidade e outras costumeiras pouco austeras, quando lhe chama biblicamente a *Judith portugueza*. Acertou melhor chamando *Holofernes* ao snr. conde de Thomar, *cuja cabeça,* — rhetoricamente, graças aos ceus! — *andou pendurada nas roçadouras das matronas e das donzellas do Minho.* [1] Quanto a *donzellas*, o snr. padre Casimiro não precisa ser mais rigorosamente classico e technico que mestre Camões para quem Ignez de Castro, mãe de alguns filhos, era a

...«pallida *donzella.*»

Ellas eram, pelos modos, como as *donzellas virilmente experimentadas* de Horacio, na *Ode* 14 do *Livro* III:

.....*Et puellæ*
Jam virum expertæ.

Seja como fôr, laboro na incerteza de que a Maria Angelina, irman do sapateiro de Simães, donzella talvez menos problematica, se encabeçasse, com incontroverso direito, nas tradições castas e bastante carniceiras da Judith da Es-

[1] *Apontamentos...*, pag. 181.

criptura sagrada. Eu tambem, venerando a sagrada poesia da mãe de Jesus, não acredito sem discussão que a genuina Maria da Fonte se pronunciasse no Minho contra os impios, obedecendo a suggestoens da candidissima Maria de Galilèa. Vejo pelo meu prisma da infancia a Rosa mystica, a Consoladora dos afflictos, a amantissima inspiradora da Ladainha, onde psalmeiam os hymnos das estrellas e gemem as elegias das angustias humanas. Duvído que Maria santissima se entendesse com Maria da Fonte pela maneira como o snr. padre Casimiro o formúla n'estas palavras de pag. 208:... *Lembrai-vos do castigo com que a Virgem Santissima principiou a atormentar os impios em 1846, pelo insulto que então lhe fizeram na egreja dos Congregados do Porto, e de que ella começou a desaffrontar-se por meio do seu mesmo debil sexo no mesmo mez do seu insulto... animando as matronas do Minho armadas do forcado, da fouce e do chuço a arrostar contra as authoridades d'esses monstros, etc.* E' possivel que os negocios assim tenham corrido entre o céo e a Povoa de Lanhoso; mas a mim — ouso insistir — repugna-me aceitar a confederação da rainha dos anjos com qualquer das duas Marias discutidas, e muito menos com a legitima, a da *Fonte do Vido*, que, depois de passear, espetada no chuço, a cabeça de Tigellino Holofernes da Costa Cabral, se foi embora com o tambor da

divisão do Antas. Acho mais natural que ella, tendo estado em relações tão particulares e confidenciaes com a esposa do padre eterno, em vez de se ir á gandaia com o tamborileiro por ahi fóra, aspirasse á canonisação, depois de ter soffrido nas roliças nadegas o martyrio de alguns pontapés do regedor e de outros carnifices da sua freguezia. Lembra-me agora a *Satyra* VII de Juvenal: *Dar-se-ha caso que Deus* (Osiris) *esteja relacionado com taes parvoeiroens? Em tal caso no céo não ha que fazer, e vós, ó deuses, viveis n'uma calaceirice.*

Isto não é querer armar á polemica; mas talvez não se désse positivamente, como o historiador inculca, uma coalisão das forças celestiaes com os forcados minhôtos contra os empregados de Vieira e Lanhozo. Póde admittir-se orthodoxamente, senão me engano, que o Sagrado Coração de Maria, ultrajado no templo dos Congregados por irrigaçoens de assafetida, podesse punir o Almeida Penha e outros atheus sem recorrer á intervenção armada da Maria da Fonte, nem ir castigar tão longe os innocentes plumitivos do Cadastro, estranhos de todo aos sacrilegos fedores aspergidos na egreja. É notorio que os empregados das administraçoens sertanejas levaram a sua dose, sem cumplicidade nas irreverencias feitas á petuitaria das senhoras Cirnes, das senhoras Farias Regras, do limpo e mystico auctor das *Viagens a Lei-*

xões, Alexandre Garrett, parente de S. Gonçalo de Amarante, e de outras damas que sahiram do templo, esbofadas, de roldão, com as narinas calafetadas, e os seus ventres offegantes n'uma grande emprenhidão de flatos e angustias inenarraveis—tudo sem methaphora. *Jésus, mon Sauveur, sauvez-nous de la métaphore*, como disse o cauto Paul Louis Courier.

Verdade é que os scelerados que deram o impio escandalo tambem foram punidos. Affirma-o a pag. 35 o snr. padre Casimiro: ...*E que tremendo castigo não principiaram a ter já cá na terra aquelles doudos furiosos, aquelles monstros desenfreados, morrendo todos os doze principaes influentes n'aquelle motim infernal dentro de um anno, parte rebentados, parte seccos pela tisica, e parte com sangue pela bocca, como me contou annos depois lá mesmo no Porto Alexandre Garrett, homem da maior probidade, illustração e firmes crenças nos dogmas catholicos e um dos principaes promotores e directores d'aquella festa solemnissima. E que pulos* (calcula o historiador) *não tem dado desde então até hoje esses malvados nas labaredas do inferno?!!*

Dos que morreram rebentados no anno economico de 1848-1849 não tenho sufficiente noticia, talvez por não ser vulgar nos obituarios e necrologias das pessoas o uso da terminologia pathologica dos alveitares. Provavelmente morreram de indigestão ou de tymphanites explo-

sivas os sujeitos que Alexandre Garrett capitulou veterinariamente de *rebentados*, salvo seja. Um d'esses doze, o capataz do desacato, Almeida Penha, sei eu que morreu tisico, muito sêcco; mas d'essa morte muita gente boa tem fallecido, e os Agiologios mencionam predestinados que os tuberculos seccaram. Bem sêcco estou eu, e mais não promovi nem applaudi o escandalo; pelo contrario, caustiquei com ventosas de adjectivos os impios, e nem por isso engordei. Não me quer parecer, pois, que a maior ou menor espessura do tecido cellular regule nos desacatos feitos á methaphisica. Ora agora, quanto á tisica, santo Alderede, abbade *(Acta Sanctorum, 1 de Janeiro)* morreu tisico, e por isso é advogado contra a tosse. Morreria algum dos doze monstros paralytico? Tambem S. Servulo, confessor, assim acabou. *(Surius, tom. VI.)* A gastralgia dilacerou as entranhas de algum dos taes? Foi a sorte funesta de S. Gregorio Papa. Se é provavel que morresse aneurysmaticamente algum dos suspeitos rebentados, assim morreu Santo André Avelino, confessor. *(Brev. Rom. 10 de Novembro)*. Repito que não pretendo armar á polemica. Exponho as minhas dúvidas; retiro-as, porém, se estou arranjando com isto a dar, na phrase choreographica do snr. padre Casimiro, *alguns pulos* no inferno com os outros doze.

*

Outra estampa de Maria da Fonte nos offerece a lenda. Encontra-se nas *Memorias biographicas* de Garrett. Citando-se esta obra, nunca vem inopportuno o applauso. E' um obelisco imperecedouro que Francisco Gomes de Amorim erigiu á glorificação do culminante escriptor portuguez d'este seculo — e a si proprio — sem receio de que lhe agourentem o legitimo direito á admiração com as reservas que em Portugal é costume resalvarem-se os que admiram.

A si proprio, repito; por quanto, se a admiração dos coevos e vindouros sahir restricta e imperfeita para o biographado, é e será sempre incondicional e perfeitissima para Gomes de Amorim. Jamais se escreveu com tanto coração e com tanto juiso. Eu nunca vi a exegese de um talento abalisado como o de Garrett desfiada em fios tão subtis, em modalidades litterarias tão accentuadas e congeneres do seu caracter. Assim, comprehende-se Armand Carrel: *La vie d'un grand écrivain est le meilleur commentaire de ses écrits; c'est l'explication et pour ainsi dire l'histoire de son talent.* [1]

[1] *Essai sur la vie et les écrits de* P. L. Courier.

*

Gomes de Amorim viu em 1846 o palco da guerra e ouviu os coros das varias Marias da Fonte, cantando ora o *Bemdito,* ora o *Rei-Chegou.* «No mez de Abril, escreve o biographo, [1] a provincia do Minho, mais insoffrida sempre que as outras do reino, começou a insurgir-se, allegando ser vexatoria a lei do imposto e protestando que não pagaria o cruzado para as estradas. Affirmou-se que uma camponeza chamada Maria da Fonte soltára o primeiro grito revolucionario, correndo sobre os exactores do governo, armada de fouce roçadoura. Juntaram-se-lhe outras mulheres egualmente armadas, e quando a força publica se lhes quiz oppor, accudiram os maridos, os filhos, os irmãos e os paes, e travou-se a lucta. Verdade ou mytho, chamou-se a esse movimento *Revolução da Maria da Fonte.* A musa popular consagrou-lhe cantos, e fez-se-lhe um hymno.»

Gomes de Amorim, mais inclinado á realidade que ao mytho, acrescenta em nota: «O auctor viu tantas Marias, brandindo fouces, forcados e outras armas, que julga possivel ter sido alguma d'ellas a heroina citada. Em todo o caso, pa-

[1] Ob. cit., tom. III, pag. 167 e seg.

rece que a revolução se não inspirára n'um mytho, como depois se asseverava. No *Commercio de Portugal*, de Lisboa, de 15 de março de 1883, se lia o seguinte em o noticiario: MARIA DA FONTE. *Fez no dia 12 do corrente cincoenta e seis annos que nasceu em S. Thiago de Oliveira* (*Povoa de Lanhoso*) *Anna Maria Esteves, muito conhecida no paiz pela denominação de «Maria da Fonte.» Esta famigerada mulher falleceu na noite de 7 para 8 de dezembro de 1874, na freguezia de Verim, naturalidade de seu marido Antonio Joaquim Lopes da Silva que provavelmente ainda vive.»*

Gomes de Amorim, deplorando a morte obscura da heroina que Almeida Garrett defrontára com as mulheres de Diu e Chaul, escreve: «Os politicos que se aproveitaram e colheram os fructos da insurreição, deixaram a iniciadora d'ella morrer esquecida, e consentiram que fosse enterrada em campa obscura sem lhe darem sequer um Padre Nosso por alma! Aviso a revolucionarias minhôtas.

Que exemplos a futuras lavradeiras!»

A reflexão é patriotica e judiciosa; mas, se os politicos tentassem recolher a ossada da Maria da Fonte genuina, os craneos apocrifos seriam tantos como os de algumas santas que teem sete e mais caveiras em diversas egrejas.

Aqui apresento á contemplação dos politicos outro exemplar não garantido. Havia-me dito Pinho Leal que possuia apontamentos sobre a veridica Maria da Fonte. Quando em 1877 lh'os pedi, respondeu-me: *Tenho remechido toda a monstruosa papellada e não acho os malditos apontamentos com respeito á Maria da Fonte. Parece-me que os dei, ha annos, ao J. L. Carreira de Mello. Eu sabia o sobrenome da Maria da Fonte e de seus pais e do homem com quem casou, depois da guerra. Tudo se desencaminhou ou não sei o que lhe fiz. Do que estou lembrado é de dizerem as folhas, aqui ha coisa de um anno, que a Maria da Fonte veio a Lisboa esperar o marido que regressava do Brazil; mas isto são noticias de jornaes.*

Esta Maria da Fonte que esperava em 1876 o marido em Lisboa, não podia ser a que morreu em 1874. Já temos por consequencia cinco, incluida a que falleceu em Villa Nova de Famalicão.

Em um livro de superior merecimento e modernissimo na sua contextura, a Jornada dos Seculos, escreve o snr. Alberto Pimentel: «Sabe-se com que facilidade se fórma uma legenda, sobre tudo quanto mais notavel fôr o personagem que desperte a imaginação popular. O elemento poetico apropria-se d'esse personagem, para fazer d'elle talvez um Deus, depois da morte, segundo a theoria de Evhméro resuscitada

por Herbert Spencer, quando pretende sustentar que as religioens historicas não são mais que a evolução do culto dos mortos; para fazer d'elle um santo, como acontece entre nós com frei João de Neiva, o *fradinho* de Braga, cuja canonisação tem apenas por ora o caracter popular, mas fortemente accentuado; para fazer um heroe como na legenda patriotica de Martim Moniz, *que não tem melhor abonador que uma phrase vaga attribuida ao conde D. Pedro;* como na legenda politica da Maria da Fonte, personificação mythica da celebre revolução do Minho...» [1]

Alberto Pimentel tem, por tanto, como fabula a personalidade da Maria da Fonte. Presume talvez que as gasêtas cabralistas de 1846 adoptaram um nome bem aldeão e labrêgo para envilecer a collectividade do mulherio amotinado. E' certo que o cartista alcunhava de *pé-fresco* o *sans-culotte* do setembrismo. De *pata ao leo* suspeito que deriva o *patulea*. A academia real das sciencias parece que tem dormido sobre esta etymologia. Pelo desdem com que se tratam nomenclaturas de factos contemporaneos ha-de resultar, d'aqui a dois seculos, a revolução do Minho ser considerada um mytho, e o snr. padre Casimiro um moderno Amphião

[1] Pag. 215 e 216.

que engodava as massas como o antigo os monstros dos mattagaes. Mas da personalidade da Maria da Fonte não ha que duvidar, visto que o seu nome estava inscripto na cabeceira do rol das processadas por arrombamento da cadeia.

O snr. Oliveira Martins, no *Portugal contemporaneo*, está perplexo entre a realidade da mulher revolucionaria e a diviza symbolica da revolução. Escreve o meu amigo: «No logar da Fonte, concelho da Povoa de Lanhoso, no coração do Minho, existia a que foi a Joanna d'Arc do setembrismo».

Singelo reparo: no concelho da Povoa de Lanhoso não ha logar algum chamado *Fonte*. A freguezia de Font'arcada comprehendia então o villar chamado Povoa de Lanhoso que hoje está independente. Mas póde ser que a Maria Angelina, irman do sapateiro, e natural da freguezia de Font'arcada, seja a que o excellente escriptor adoptou como hypothese. Demorei-me n'esta incorrecção topographica para obstar a que os historiadores futuros, pelo facto de não encontrarem no concelho da Povoa o logar da *Fonte*, se decidam pelo mytho da Maria.

Oliveira Martins para insinuar-nos ethnicamente a comprehensão da indole varonil, intrepida, das mulheres do Minho, symbolisadas na valentia de uma, escreve paginas elegantissimas: «No Minho, como em todas as regioens de stirpe celtica a mulher governa a caza e o

marido; excede o homem em audacia, em manha, em força; lavra o campo, e jornadéa com a carrada do milho á frente dos boisinhos louros. Requestada em môça nos arraiaes e romarias pelos rapazes que a namoram, *conversando-a* com as suas caras rapadas, basta vêr um d'esses grupos para descobrir onde está a acção e a vida: se no olhar alegre, quase ironico da môça garrida, luzente de ouro, se na molle physionomia do rapaz, abordoado ao cajado, contemplativo, submisso, como deante de um idolo... Quando se cazam, as môças conhecem o valor do dote que levam, e os casamentos são negocios que ellas em pessoa debatem e combinam. Não é uma esposa, quase uma serva que entra no poder do marido, á moda semita que se infiltrou nos costumes do sul do reino: é uma companheira e associada em que o espirito pratico domina sobre a mollesa constitucional do homem desprovido de uma intelligencia viva. A mulher parece homem; e nos attritos da dura vida de pequenos proprietarios, quase mendigos, se as colheitas escasseiam, cercados de numerosos filhos, apagam-se as lembranças nubelosamente doiradas da luz dos amores da mocidade, e fica do antigo idolo um rudo trabalhador musculoso, com a pelle tostada dos soes e geadas, os pés e as mãos coreaceos das ceifas e do andar descalça ou em soccos nos caminhos pedregosos ou sobre a bouça de urzes espinho-

sas. Não se lhe falle então em coizas mais ou menos poeticas: já nem percebe as cantigas da mocidade no desfolhar dos milhos! A vida cruel ensinou-a: é pratica, positiva, dura. Odeia tudo, que não sôa e tine, e tem um culto unico — o seu *chão*. Vae á egreja e venera o «Senhor abbade» mas com os idyllios da mocidade a sua religião perdeu a poesia: ficou apenas um secco rosario de superstiçoens, funda, tenazmente arraigadas. Ai de quem lhe bolir ou nos interesses ou no culto! ou na egreja ou no chãosinho!... O sentimento innato da rebeldia (que não deve confundir-se com a independencia)... existe no minhoto — com o lastro de presumpção e manhas d'onde sahem os nossos palradores do norte e os astutos emigrantes do Brazil; com a segurança que a vida responsavel e livre de proprietarios, não salariados, lhes dá.» [1]

Inquestionavelmente, pittorescamente bello; mas, em parte, na ethnographia que affirma a dignidade da mulher minhota, ha ahi pontos de vista involtos nas neblinas prismaticas de uma rica imaginação. A mulher do Minho não rege o marido, nem é arbitra no governo da caza, nem na gerencia dos negocios externos. E' uma besta de carga que encontrareis no transito das

[1] Pag. 186 e 187.

feiras, vergada sob o pezo dos sacos e dos baileus, em quanto os maridos endomingados se encovam nas tavernas do mercado, ganhando brios para á noite lhes quebrarem os ossos em caza — exercicio auxiliar á digestão do seu verde. Quanto a venerarem o vigario as mulheres, dá-se o caso de o venerarem a elle e mais aos coadjutores, algumas, com excesso, se o abbade e a cleresia circumjacente não tem na bexiga ou nas articulações a pedra e a rheuma que os tornem mais castos que a fantasia de Jocelyn. A devassidão das minhotas, alternada com intermittencias de beaterio quando os missionarios urram, tem sido para mim um objectivo de contemplaçoens de que não pude ainda attingir o gráo de alienação mental a que pode levar a estupidez. Os solteiros acceitam, sem biôcos de honra, as mulheres infamadas que lhes estimulam o cio ou o interesse. O brazileiro, o argentario que fechou a loja nas extinctas Congostas, deshonra e dota raparigas com uma quantia sabida; de modo que os candidatos á dotada disputam a páo de choupa o gôso legitimo da moça habilitada para noiva. O snr. Oliveira Martins, depois das duas paginas transcriptas, está comigo com uma condescendencia que me regala. Diz o eminente critico: «Mas o minhoto, naturalista, não é susceptivel nos peccados da carne: fraquezas humanas! Muitas, muitas raparigas casam sem ser virgens, e isso,

apezar de sabido não escandalisa.» [1] Com certeza, não; e eu mesmo me appresso a declarar que não pretendo que a rubidez do meu pudor vá purpurejar as faces candidas de quem me lê, nem levante ahi a celeuma dos peitos indignados pela libertinagem do Minho. O que eu pretendo é demonstrar que a sublevação da gentalha da Povoa e de Vieira não promanou de nenhum sentimento nobre de rebeldia ou reacção ás exacções cabralistas: foi suggestão de um ou dois conegos setembristas, influentes em alguns padres que veremos figurar nas paginas d'este livro.

Ahi não houve rebellião por atavismo celtico, nem borrascas de fanatismo, nem a bravura que virilisava os pulsos das mulheres de Diu e Chaul. A turba das sequazes da Maria da Fonte nunca se arrostou com a tropa; a sua façanha, além das fogueiras dos cadastros, foi dar uma pázada nas costas de um juiz ordinario, e envestirem atraz de um escrivão obezo a termos de por um triz o asfixiarem n'uma agonia arquejante. O que esbravejava ahi era uma alcatea de crapulosas muito cabelludas, convulsionadas pelo espirito das tavernas e das sacristias. Dos ducumentos coevos não se liquida mais nada para os Annaes do seculo XIX; parém, o

[1] Pag. 189.

rodeiro dos engeitados da Povoa poderia completar os fastos da corja que, durante os armisticios, ia fecundando pequenitos heroes com sangue celtico na guelra e uma marca de chumbo no pescoço. Os poetas nebulosamente ossianicos da rua das Flores, d'aquelle tempo, cerebros bysantinos, figuraram aquellas Maritornes encodeadas de estêrco umas Dianas de perna liza e vibratil lavada com oriza-lactea, de madeixas ondulosas engrinaldadas de boninas, manilhas de ouro nos braços alabastrinos, narinas afflantes de cólera, a romperem dos seus bosques com os venabulos atraz dos janizarios. Foi assim tambem provavelmente que as idealisou o divino Garrett, no brinde, atravez do calice opalisado; mas ninguem as figurou tão carnavalescamente como o snr. padre Casimiro, vestindo-lhes a tunica de Judith, e dando á Povoa de Lanhoso a importancia de Bethulia ameaçada pelo José dos Conegos, logar tenente da corôa.

*

«A Maria da Fonte, — diz Oliveira Martins pendendo para o mytho — tornou-se o symbolo dos protestos populares. A imaginação collectiva provou ter ainda plasticidade bastante para crear um mytho, uma fada — Joanna d'Arc an-

ti-doutrinaria. O heroe da revolução minhota devia ser uma mulher, não um homem; devia ser desconhecido, lendario: mais um nome de que uma verdadeira pessoa.»

Não obstante, o mesmo historiador, exercitado o seu formoso estylo no vago do mythologismo tão querido dos espiritos reconstruintes e avêssos á naturalidade chata das coisas, a final accentua d'este modo a existencia da heroina em carne e osso e fouce roçadoura: «Entretanto, parece que de facto houve uma certa Maria da Fonte que soltou o primeiro grito da sedição.» [1]

*

Em remate d'esta «Parte primeira» do livro, monotona e enfadonha de pesquizas para restituir á historia um nome que ia delir-se sob o esmeril dos mythologos, eu tenho para mim como certo que a genuina Maria da Fonte é a engeitada da Fonte do Vido, que em menina cantava bebedamente o *Rei-chegou* e era ladra, —que em mulher deu alguns filhos á roda e o seu nome á revolução de um paiz; e que a final, já muito sovada, se foi á vida da cazerna

[1] Id.

com um tambor da divisão do conde das Antas. A sua paragem derradeira deve ter sido a enxerga de uma enfermaria especialista.

O meu presado Gomes de Amorim queria que os politicos que enceleiraram o fructo das searas semeadas por ella, lhe mandassem resar uma missa por alma. Ah! a alma da Maria Fonte adeja por ahi, paira sobre este povo lusitano; e o povo, quando a vê, exclama e exclamará no rodar dos seculos:

Viva a Maria da Fonte
com as pistolas na mão
para matar os Cabraes
que são falsos á nação.

NOTA

A justiça reclama esta *Nota*, seriamente lavrada, como um correctivo disciplinar ao tom galhofeiro, heroi-comico das paginas escriptas.

O fermento azedo que fez levedar a revolução de 1846 — as assuadas das mulheres á volta de cadaveres exhumados — seria irrisorio, se não fosse bestialmente repugnante. O setembrismo, bordando no seu estandarte victorioso o moto «Maria da Fonte», resvalou dos seus briosos principios avançados. Passos Manoel devia indignar-se! Qual indignação! Elle propoz em 46 que se dispensasse a provincia do Minho de pagar subsidio litterario como galardão aos serviços prestados á causa nacional. Não seria isto uma ironia do poeta de Bouças? Considerando que a provincia do Minho era analphabeticamente selvagem, acharia Manoel Passos absurda

iniquidade obrigal-a a subsidiar coisas litterarias? Eu bem queria escapulir por esta espirituosa evasiva aquella estatua encazacada que está em Mattosinhos invocando a piedade da Arte.

Preconisarem os setembristas um tumulto fanaticamente alarvejado como estimulante de evolução progressista foi descaro que transcende todos os máos costumes da devassa Politica. [1] Arguiam a rainha e os seus ministros predilectos de retrogrados, escarneciam a religião nos prelos e nos templos, e ao mesmo tempo insinuavam no clero miguelista do Minho que acirrasse a plebe boçal contra a lei impia que prohibia as inhumaçoens na terra sagrada das egrejas. Os de Setembro, espiritos fortes e demolidores dos preconceitos inveterados, deshonraram-se legitimando o canalhismo do motim popular nos adros e o incendio dos archivos nas regedorias e nas camaras.

---

[1] *Manifesto da Junta de Santarem*:...Á bella provincia do Minho, á primeira das nossas provincias, coube a honra immortal de ser a primeira que arvorou o estandarte da patria, com incrivel constancia; mas a nós, habitantes do districto de Santarem, caberá a gloria de sermos os primeiros a entrar na capital do reino, ajudando a libertal-o de seus cruentos oppressores.

(Assignado) *Manuel da Silva Passos*, etc.

Um momento houve, todavia, em que a rebellião attingira proporçoens heroicas: foi quando se generalisou, sem repetir as brutas tropelias praticadas no foco da insurreição. Então se viu, a peito descoberto, sem a tonalidade ridicula das mulheres, o grande partido nacional em que a parcella setembrista influiu menos que a poderosa e valida facção do regimen absoluto. Porém, esse heroismo, liberal estreme, realçou em Torres Vedras e no Alto do Viso onde se baratearam vidas tão preciosas que seria opprobrio acamaradal-as na hoste da Maria da Fonte. Quem mordeu o pó lá em cima nas batalhas das montanhas de Vieira e Pico de Regalados? Honradamente o confessa padre Casimiro o «General das duas provincias.» Ninguem. O sangue derramado nas guerras civis espirra de peitos escandecidos pela paixão generosa de um principio. As asneiras disfarçadas em zelo da religião, que incitaram as aldeias do Minho, quem primeiro devia refugal-as do seu credo eram os revolucionarios da Belemzada.

Tenho dito, penso eu, o bastante para que me não arrolem no catalogo dos fosseis remanescentes ao diluvio que subverteu a camada dos Cabraes. Repito: eu não quiz desluzir a coragem do povo de 46; mas pretendi joeirar no crivo da peneira historica a Maria da Fonte que os progressistas chamam sua mãe, e os republicanos sua avó.

PARTE SEGUNDA

CASIMIRO, O PRESBYTERO

Em março de 1846 estudava rhetorica em Braga padre Casimiro José Vieira, habilitando-se para prégador. Tinha vinte e nove annos, donosa presença, estatura mais alta que a regular, plastica delicada, um pouco pallido, semblante prazenteiro e ironico. Um dos seus correligionarios e camaradas nos desastres da facção miguelista em dezembro de 1846, o finado Augusto Barbosa de Pinho Leal, meu saudoso amigo e auctor do *Diccionario antigo e moderno,* em carta de 22 de outubro de 82, lembrava-se do bellicoso levita n'estes termos: *Em Braga estive aquartellado com a padre Casimiro, com o padre Monoel das Agras e com o abbade de Priscos em casa do prior de S. Victor. Gostei muito do padre Casimiro; era boa figura, tinha um lindo bigode preto, era muito*

pandego. Olhe que, se tivesse mais solida educação, não havia de ser tolo de todo. [1] *Hade ser da minha idade com muito pouca differença.*

O alumno de rhetorica era estranho á origem dos motins populares de Vieira; e ficaria decerto afastado do theatro da guerra, se a sua familia não fosse victimada a velhos odios fermentados por questoens de dinheiro — uma herança ultramarina de 200 contos em que elle tinha com suas irmans uma oitava parte. Declara o padre que a guerra não era a sua vocação; e, todavia, manifestou exuberantemente que o direito das represalias lhe aguerrira uma segunda natureza formada com o cheiro acre da polvora que elle fabricava primorosamente, e com os rebates electricos dos campanarios de vinte e duas freguezias.

Padre Casimiro exercitou primeiramente no seu conselho o ministerio da paz, evitando incendiarem-se as casas das familias liberaes, e salvando da morte, com engenhosos disfarces e proclamaçoens commoventes — ensaios felizes da rhetorica de frei Miguel — alguns empregados publicos infamados de cabralistas. Não obstante, comprometteu-se em extremo desde o momento que os amotinados, pelo facto de lhe obe-

[1] Imagem que Pinho Leal usava quando queria conceituar uma pessoa instruida.

decerem, o constituiram seu chefe, acclamando-o *Intendente geral da comarca da Povoa*. Esta magistratura imaginosa, abrangendo os negocios militares e administrativos, diz o historiador que era uma *auctoridade arbitraria; mas que elle a exigira para produzir o effeito desejado*. Afim de legalisar este suffragio popular, o cauto Intendente, muito legalista, quiz que se renovasse na Povoa, cabeça de conselho, a acclamação. Mandou, pois, lá reunir o povo no dia seguinte e que o esperassem. Elle foi, e não achou lá viva alma. Voltou para casa muito desanimado; e, n'um ataque de bilis, disse, pouco rhetorico, ao seu camarada Pereira: *D'aqui por diante onde quer que appareçamos temos de ouvir a irrisão dos nossos inimigos Cabraes de menos juizo, e occorre-me que o remedio melhor e unico para a evitar e anniquilar* (a irrisão) *é andar constantemente armados de cacêtes seguros de cerquinho ou lódo e proval-os a miudo nas costas d'elles sem promettimentos previos*. (Pag. 24). Isto alegrou-os como um alvitre efficaz em ultimo recurso. Semelhante projecto de pancadaria, sem programma enviado aos interessados, era o romper da aurora da segunda vocação.

Desde que um destacamento do 13 foi a Vieira para capturar o *Intendente geral da comarca*, principiam as façanhas militares do padre Casimiro, com a sua hoste de seis rapazes na piugada de 170 praças de infanteria e 20 ca-

vallos. N'essa primeira evolução, travou-se o fogo fronteiro entre as duas margens de um regato; e a tropa, esquivando-se a uma batalha decisiva, sumiu-se. D'ahi ávante as proezas d'esta especie, relatadas pelo valente caudilho, seriam menos dignas de credito, se a alta intervenção divina se portasse estranha aos ataques e escaramuças que padre Casimiro narra sem basofia, attribuindo os triumphos prodigiosos ao Senhor Deus dos exercitos ou das guerrilhas —que importa o mesmo.—Houve, pois, grande mortandade?—pergunta o pallido leitor. Não, não morreu ninguem, e o auto-biographo explica luminosamente em nota de pag. 28: *Não se pense que eu, n'esta narração dos acontecimentos passados, procuro engrandecer-me, porque eu mesmo confesso que, embora os ataques produzissem o effeito desejado, foram quasi insignificantes. E accrescento mesmo que me não consta ter morrido ninguem nos ataques commandados só por mim, provavelmente por Deus querer mostrar com mais clareza que a elle e só a elle que dá e tira a coragem como lhe apraz, e que é elle e só elle que dá a victoria a quem quer e como quer, sem se importar com os conhecimentos de arte da guerra, ou com os petrechos bellicos,* etc.

Dest'arte explicada a incruenta vantagem da guerrilha sobre o exercito, não temos obscuridade nenhuma a dilucidar. Trocavam-se saraivadas de ballas a distancia de tiro de pistola com

a pontaria certeira do odio entre soldados disciplinados e caçadores dos desfiladeiros do Gerez — pois, senhores, não morreu ninguem.

Exemplo: uma vez, padre Casimiro, com dous homens, sahe á frente da tropa, e, ao alcance de um tiro de caça, exclama: — «Rapazes, aqui está o padre Casimiro, commandante do povo de Vieira, a quem procurastes para prender. Ou vos rendeis, ou nenhum de vós fica hoje vivo!»

A soldadesca, que estava deitada, levanta-se, mas não se rende. O padre aponta-lhe e desfecha uma pistola de cavallaria. A tropa responde-lhe com uma descarga cerrada. O padre carrega de novo e atira. A tropa carrega e desfecha outra descarga. Pois das 340 balas não houve uma que acertasse no padre nem raspasse pelos dois guerrilhas invulneraveis. Diria Boileau:

Le vrai peut quelque fois n'être pas vraisemblable [1]

[1] Um correspondente de Traz-os-montes para o *Periodico dos Pobres* de 28 d'agosto d'aquelle anno dizia, com referencia aos povos d'aquella provincia: *O padre Casimiro passa para elles como um santo, e acreditam que as balas que lhe batem no casaco reflectem para traz sem poderem penetrar-lhe no corpo.* Este correspondente corrobora Boileau.

*

Mas, para evitar polemicas convem saber que o modêlo adoptado pelo snr. padre Casimiro, no seu methodo de historiar, é Bossuet, o auctor do *Discurso sobre a historia universal*. Segundo o sabio prelado, o genero humano, no seu progredir para a possivel perfectibilidade, é dirigido por Deus que o submette aos seus mysteriosos designios. Deus é a lei occulta e impenetravel dos factos. Os successos, embora nos pareçam illogicos e disparatados, mais tarde se manifestam em concerto maravilhoso, estampilhados com o sinête da presciencia divina. Friza nesta eschola o livro do snr. padre Casimiro; porém, não se combinam em tudo os dois historiadores. O bispo de Meaux, na sua obra *Politica*, provando a alliança dos preceitos da Escriptura com as monarchias despoticas, reconhece o poder absoluto dos principes e permitte aos vassallos, não a rebeldia, mas a súpplica humilde aos déspotas e a oração a Deus. O snr. padre Casimiro Vieira não está com Bossuet quanto a súpplicas submissas aos reinantes e preces pacientes á Divindade. Revolta-se contra o poder estabelecido, convicto de que o Senhor ordena que elle se insurreccione contra D. Maria 2.ª, a favor de D. Miguel 1.º

E o certo é que o nosso historiador tem geito de ser mais coherente que a excelsa aguia de Meaux. Se os actos humanos obedecem a um programma divino, cessa o livre arbitrio, não é assim? A revolta é a manifestação, na creatura inconsciente, da vontade do creador, ao passo que a submissão aconselhada pelo bispo é uma violencia imposta a um direito que se revoluciona por suggestão do motor supremo dos actos humanos; e a prece a Deus é uma inutilidade affrontosa, senão blasfema, porque pretende corrigir os planos do Incognoscivel tão inalteraveis como a rotação do mundo planetario, não é verdade?

«O movimento popular do Minho, diz o snr. padre Casimiro, não foi um acontecimento natural: foi um plano da Providencia.» E na mesma pagina fortalece a these: «Este plano passou á França, e de lá a todas as nações da Europa, como um castigo visivel de Deus; e assim como em Portugal foram precisos trez mezes para supplantar o governo cabralista, em França bastaram trez dias para supplantar o governo de Luiz Filippe». E d'esta concumitancia de tempo, de logar e de reformação politica evidenciou o solerte escrutador do divino Revolucionario da Europa *não poder-se duvidar que o movimento popular do Minho foi feito por plano de Deus, e foi por elle determinado, dirigido e protegido*. E Mazzini? e Kossuth? e Cavour? e Ga-

ribaldi? e o theologo Dœllinger tão hostil como Luthero ao papa infallivel? Se Deus suscitou aquelles flagellos dos reis e das theocracias, parece-me que Sua Divina Magestade está muito compromettida politicamente e theologicamente. A metaphysica, no methodo historico, sinca n'estas incongruencias.

Mas que differença de exordios revolucionarios entre França e Portugal! Aqui era a Maria da Fonte nas tavernas de Font'arcada a envinagrar a pimponice do mulherigo com borbotões de tolices avinhadas. Em França era Affonso de Lamartine, nos facciosos «banquetes da Reforma» a fazer «toasts» com girandolas de figuras sentimentaes, excedendo o que ha mais detestavel nos massadores poeticamente politicos. Não importa. Lamartine recebera da nossa Maria a primitiva corrente electrica. A isca de bacalhau e azeitona das bodegas da Povoa desdobrara-se nos opiparos banquetes de Autun.

No transcurso da volumosa obra do snr. padre Casimiro hão de entrever-se as melhorias que a revolução de Font'arcada e de Paris, planeada por Deus, surtiram em prol de Henrique v, de D. Miguel 1.º, de Carlos vii — os reis ungidos — do clericalismo decadente e do papa desthronado, quando um concilio ecumenico, acordado ao cabo de trezentos annos, o decretava «infallivel» — uma irrisão melodramatica ás portas do seculo xx.

*

Percebida a indole philosophica do nosso historiographo, volvamos a procural-o nas batalhas sob a estrategia marcial da sciencia que o dirige por infusão do Espirito Santo. Nunca deixarei na sombra os vestigios lucidos que manifestam, desde Vieira até á Ponte de Cavez, a assistencia das potestades olympicas ao inicio da revolução da Europa. No descriptivo, padre Casimiro faz, a relanços, lembrar o dominador das Gallias nos *Commentarios*, ou, melhor comparado, Idacio, chronista visigodo, historiando com as primitivas energias, como em esculptura de bronze, as pugnas dos barbaros assoladores da Iberia. Eis como o chronista portuguez descreve os preludios de uma das suas cargas á tropa: «Ao amanhecer, mandei procurar businas grandes, para se tocarem pelas montanhas acima, e appareceram tres businões como eu nunca tinha visto, nem tornei a vêr. Sahiu a tropa ao romper do dia, e eu mandei tocar os sinos a rebate, e marchei com o povo pelas escarpadas montanhas a cortar-lhe a passagem no caso de ella se dirigir para Chaves. Fiz tocar por todas as montanhas acima em diversas distancias e mui retirados uns dos outros os tres businões, atroando aquellas escarpadas serras,

ao longe e ao perto, com som horrivel muito parecido com o do trovão, que fazia arripiar os cabellos aos mais corajosos! N'aquella occasião era já muito o povo e como todos corriam com vontade, e cada qual segundo suas forças e agilidade, formavam uma columna mui extensa, de vista imponente e em conformidade com a musica sonora dos businões ou cornetas bellicas... Porém, como eu corria mais que os outros, etc.»

Novo e terrivel!

Como se vê, a linguagem rithmica, nervosa, colorida e rotunda não tem a barbaria estridente dos businões. Flaubert na *Salammbô* — episodio das luctas de exterminio entre Roma e Carthago — tem capitulos formidaveis com adjectivos crepitantes que não desdenhariam aquella passagem dos businões. Parece que assistimos, no 2.º seculo, a uma alluvião torrentuosa de herulos que se despenham sobre Trebizonda; ou escutamos o mugido das trombetas dos sarmatas que irrompem dos sertões incognitos do coração florestal da Russia. Padre Casimiro, a *correr mais que os outros*, traz á lembrança espavorida o mavorcio caudilho Fridigern na vanguarda dos visigodos, varrendo atravez da Thracia as legiões romanas desmantelladas. Portugal, em 1846, teve aquelle atavismo de uma selvageria sympathica; mas aquillo dos businões não podia durar. Estavamos de mais amolentados em cor-

rupção de ouvidos e do resto para podermos prescindir das charangas do nosso exercito, ricas de fadinhos, da Canna-verde e do Pirolito. Pois os businões eramos nós, eram Portugal, assoprado symphonicamente; e, se já houve musica ethnica, nenhuma raça a teve tão caracteristica, em busios, businas e businões, como nós. Por isso, Fétis queria que se distinguissem as raças consoante as variantes da musica. Ah! como o snr. padre Casimiro, talvez impensadamente e por acaso, conquistou 30:000 homens arrebanhados por um transporte de orelhas, e arrastados pelo som horrendo dos barbaros instrumentos!

Por que não hade o rugido atroador d'esse marisco sonoro, assoprado nos grandes centros dos peccados, na Praça Nova e no Rocio, ter sempre as almas álerta a scismarem na trombeta do «Dia de Juiso», o ultimo, que hade ser talvez o primeiro e unico em Portugal — quanto a juizo? E se atirassemos de cima da galeria ao gremio dos deputados um businão com o feitio da bota de Carlos XII? E se atirassemos á camara dos pares outro businão com o feitio da trombeta de Jericó?

*

E os pretorianos de Costa Cabral a fugir sempre, nas azas do pavor, as mochilas a ringir com attritos asperos do correame, e a trapejar nas costas contra as patronas. Eis senão quando, outra vez lhes surge pela frente o padre, á entrada de Fafe, com um só homem á sua beira, e de novo lhes proclama que se rendam. Como não lhe respondessem, o padre esfogueteia-os com a pistola, e os janisaros não lhe atiram, por já estarem por experiencia escarmentados e desconfiarem que o padre ou é santo ou incombustivel; e além d'isso não tinham cartuxame para descargas meramente theatraes. Depois, no transito de duas leguas entre Fafe e Guimarães, um tiroteio fulminantissimo. As massas juncavam os sêrros, e desenrollavam pelos desfiladeiros n'um grande estrupido de socos ferrados. Um fogo do inferno, uma granizada de balas sibilantes, exterminio *à outrance*, em que não morreu um só guerrilha, por que Deus os resguardava, diz o livro; mas como tambem não faltasse alguma praça, é de fé que Deus se houve entre os dois partidos com uma honrada imparcialidade.

Não aconteceu o mesmo com certas pessoas extranhas ás duas facçoens. Por exemplo, a

tropa matou um mendigo, e um lavrador que estava cavando o seu campo. Estes dous innocentissimos defuntos, a descoberto da protecção divina, é que pagaram as favas. Verdade é que o lavrador assassinado tinha morto, em 1808, em egual dia e hora, um soldado francez da invasão. Assim reflexiona, com lardo de latim do *Genesis*, o snr. padre Casimiro Vieira, o generalissimo de uma guerra fratricida que, poucos mezes depois, ladrilhava com duzentos cadaveres as ruas de Braga. Quem varias vezes descarregou a sua pistola, em lucta civil, sobre os seus conterraneos, entendo eu que, por caridade, devia dar-se de suspeito como juiz na causa determinante da morte do portuguez invadido que matára o francez invasor. De resto, tudo muito bem.

Pairou então sobranceira uma catastrophe, não obstante o olho vigilante da Providencia estar sempre fito e prosperrimo sobre os seus dilectos minhôtos. Um official militar caira ferido. O Pereira, camarada do padre, despojou-o da barretina, encaixou-a na propria cabeça, e assim avançou triumphalmente atravez de Guimarães, caminho da sua terra; mas como a nevrose da gloria lhe multiplicasse a força motriz das pernas, ia muito adiante dos seus camaradas. Ao atravessar a ponte de Bouças, o povo armado, vendo scintillar as laminas metallicas e o oleado da barretina, cuidou que o homem era

um tropa a fugir ao padre; e, n'esta persuasão, tamanho fogo lhe fez que o infausto Pereira, afim de tornar-se refractario ás balas, atirou-se ao rio e ahi se deixou estar de cocoras, qual outro Mario no charco de Minturnes, até se desfazer o equivoco. N'este conflicto, o rio, pantheisticamente fallando, foi a Providencia disfarçada em protoxydo de hydrogenio.

Não foi menos visivel a intervenção dos céos, quando o padre Casimiro, chegando descalço a Fafe, arranjou uns tamancos e de mais a mais uma cavalgadura em que foi para casa, constipado e mais o do semi-cupio fluvial, afim de *tomarem um caldo de gallinha bem quente para suarem*. Aqui o estylo esmorece e descae na prosa derreada, correspondente á situação anormal de dois guerreiros encatarrhoados, a espirrarem, com muco nazal, dentro de cobertores de papa.

De madrugada, ainda sob a influencia diaphoretica do caldo de gallinha, recebeu o enfermo aviso da aproximação da tropa. Ergueu-se a tiritar, mandou tanger a rebate, e foi, de arrancada, ao encontro do inimigo. Era falso o boato. O exercito, encurralado no castello de Guimarães, foi cercado por uma grande brigada de guerrilhas confluentes de varios concelhos; mas, exhaustas as muniçoens de guerra, o padre retirou sem desaire.

*

E' necessario ter sido contemporaneo d'esta parodia melodramatica do Cabrera hespanhol —sem batalhas, sem ambulancias, sem uma defuncção—para acreditar seriamente que o padre Casimiro, antes de ser acclamado general das provincias septentrionaes, com tres ou quatro buzinas incruentas por uma corda de serras, e com meia duzia de arrobas de polvora de fabrica sua, encartuxada por suas irmans,—duas fortes e desempenadas raparigas que vellavam de clavina em punho em quanto elle dormia— de mais a mais sem auxilio de dinheiro nem seu nem alheio, em taes condições, deflagrasse o pronunciamento geral do paiz! Aquelle pacato alumno de rhetorica do pulpito foi o determinista automatico das Juntas reagentes que se instauraram nas provincias. Manoel Passos no sul, e o conde de Villa Real ao norte sahiram das trombetas do padre, umas cornucopias de Decios e Spartacos. Dado o primeiro grito em Vieira e na Povoa, se o medo soffreasse as doidas petulancias de Casimiro, o presbytero, a revolução não vingaria. Essas correrias e algavaras nas pégadas da tropa, commandada por uns majores que hoje fariam indignar a coragem disciplinada de um furriel, vingaram então des-

abar um governo duro, e cimentado na confiança de uma rainha energica, e escorado em laminas (sem equivoco) dos velhos generaes e barbaçudos coroneis que vinham cicatrizados da Terceira e dos baluartes do Porto.

Este nome *Casimiro*, auréolado pela corôa sacerdotal, levantou muitos milhares de braços que largaram a enxada e exposeram o peito. Não foram as proclamaçoens dos jornaes, nem as lojas dos pedreiros-livres que poseram em poucos dias 30:000 homens á volta de um rapaz de 29 annos sem o prestigio dos appellidos nem da riqueza. O seu poder magnetico era a petulancia desorientada, o atroamento dos businoens nos nevoeiros das concavas montanhas, o calafrio enthusiastico nos rebates das torres. Poderia o fanatismo explicar esse arranque de força brutal que tirou a lume os Fomentistas, os homens iniciadores do progresso pela exploração das forças naturaes egualmente brutas? Fanatismo, não. Padre Casimiro, em 1846, não era fanatico: era um alegre, um pandego, como dizia Pinho Leal, o seu companheiro de quartel em Braga. Não julguem o rapaz do bello bigode e das negras melenas de 46 pelo velho cenobita de Margaride que hoje poda o seu vinhedo, e divulga impressas as suas memorias dissaboreadas, descoloridas, estragadas pela piedade. E' que a vista retrospectiva lançada da beira do tumulo para os actos da juventude é

uma falsa miragem sem a poesia das grandiosas rapasices, sem naturalismo, coisa invalida como documento humano, sem os toques de uma idiosyncrasia pittorescamente selvagem. Aquella indole volcanica de um Masaniello, á portugueza, está hoje filtrada pelo gelo dos annos. São cinzas apagadas com agua-benta, em que não lucila faula do antigo homem. Se elle escrevesse sinceramente as suas memorias sob a inspiração emotiva dos 30 annos robustos, e as publicasse sem commentarios asceticos, alheias a theologias mystagogas, teria interposto um livro sério na estante dos volumes que nos abalisam o itinerario da jornada — avanços e retrocessos — da Civilisação. Todavia, se padre Casimiro, alguma vez, foi um inconsciente humorista na sua obra, quando queria ser circumspecto, a penna que essa penuria de criticismo me faz não implica de modo algum com o justo juiso que formei da utilidade do seu livro.

*

Demittido o ministerio Cabral, (20 de maio) os setembristas cogitaram no processo mais decente de se desfazerem do poderoso e intransigente caudilho dos 30:000 homens. O horisonte politico do padre era mais largo que a subs-

tituição de um grupo de liberaes, e dos respectivos convivas á meza onde o povo era cozinhado e engolido em varios *menus* chamados *orçamento*. Elle o declarava em brados e gestos no Bom Jesus aos de Setembro que davam «vivas» á Carta: *Que de Cartas e escriptos estavamos nós muito cheios; que era essa peste que tinha produzido a nossa desgraça*, etc.

Não obstante, no programma do padre, a proscripção de D. Maria 2.ª não era ainda então coisa decidida. Bem claro o disse á multidão: *que á rainha embora dessem* «vivas», *por não poder ser por outro modo; mas nunça á carta constitucional*. Era um opportunista. E eu tenho presentes documentos impressos e por elle assignados que muito abonam a sua sagacidade. [1] Mas ainda concebido que houvesse manha e fraude n'essa interina condescendencia em conservar-se a rainha, sem carta, absoluta, com as leis do tio—por isso que volvidos alguns mezes, o ouvimos acclamar D. Miguel—essa elasticidade de politica externa não lhe macúla

[1] O snr. padre Casimiro refugou esses documentos da sua biographia politica por que talvez os não colleccionasse n'aquelle tempo. Algum que haja de apparecer n'este livro entrará como documento sociologico indispensavel á apreciação dos personagens dirigentes—elementos heterogeneos de que a Evolução, mysteriosa alchimista da historia, extrahiu o ouro do Fomento.

o caracter, visto que a Junta Suprema do Porto, decretando em nome da soberana coacta, punha generaes miguelistas, Povoas, Guedes, Victorino e Bernardino — os que a tinham combatido — á frente das columnas das suas legioens. *A um throno despotico, o direito de D. Miguel é melhor,* escrevia o *Espectro* com grammatica bastante espectral.

Como quer que fosse, o expediente mais comesinho era supprimir o padre pela morte. A preponderancia do guerrilheiro em milhares de homens irreconciliaveis com os corrilhos liberaes periclitava a victoria dos setembristas. Outro ministro do manso cordeiro, o conego Montalverne, commandante de um batalhão de voluntarios, chamados «Sirzinos», fardados de ganga e estopa, era o contra-regra da tragedia. Foi elle quem induziu o ingenuo collega da aldeia a parlamentar com as auctoridades civis e militares, em Braga.

Desceu o Intendente comarcão do santuario do Senhor do Monte á frente de 30:000 homens que desbordavam na longa estrada e espavoriam as aves com o estridor dos tamancos. Chegado á Senhora-a-Branca, propoz-lhe o perfido conego que entrasse na cidade sómente com dez homens armados para evitar provocações á soldadesca. Condescendeu o caudilho sob clausula de que o povo tornearia a cidade em attitude de fogo. O Montalverne annuiu.

Na extrema do Campo de Santa Anna, elle e a sua escolta de dez homens viram as espingardas de um piquete a alvejal-os. O capitão Lacueva conteve os soldados, e intimou o padre a desarmar-se. Transigiu; mas os dez homens apossaram-se do capitão como refens. —*E nem pio! aliás é defunto!* O capitão effectivamente não piou, e ficou no acampamento do povo. Um acto de juizo! E, como elle talvez assim praticasse muitos, veio a fallecer em Braga, por novembro de 1884, reformado em general. E' doce morrer assim de velho, *na* patria, dando e legando lições de prudencia e de hygiene. Foi Horacio quem inculcou as doçuras de morrer *pela* patria. Olhem quem o disse! O intrujão que fugia sempre; e, na batalha de Philippes, atirou o escudo para as costas, unico lado que elle mostrava, e de longe, ao inimigo. Temos tido generaes que parecem Horacios Flacos... nas batalhas.

O prestito seguiu pela rua do Souto; e, quando chegava á quina contigua ao paço archiepiscopal, um segundo piquete mette as espingardas á cara, provavelmente, para arcabuzar a polvora sècca o parlamentario. A respeito d'este segundo insulto, padre Casimiro, n'uma explosão de colera e justiça, escreve: *Comecei então a dar um grande cavaco contra as authoridades e officiaes militares, etc.*

Quem não daria um grande cavaco em taes circumstancias?

Foi á presença do general. Disseram-lhe os do estado-maior que não tivesse medo, que não o matavam. Elle então com hombridade: «Que não cuidassem que a morte o assustava: que lhe era indifferente morrer na cama de uma febre, no campo de uma bala, ou de uma punhalada traiçoeira; por que, no instante em que o matassem, subiria á bem-aventurança celeste, etc.» Uma alma em arróbos de martyr a saudar o empyreo. Depois, no aprumo solemne de propheta, inflexionando a garganta em tons minases, expediu do peito estas e outras vozes: «... Mas saibam que, se eu aqui for morto, n'esse mesmo instante, começará Braga a arder em altas lavaredes por todos os lados até ser reduzida a um montão de ruinas para ser vingada a minha morte!»

E n'um crescendo de solemnidade tragica: «As massas enormes de povo que se apinham em volta da cidade, e das quaes muitas já entupem as bôcas das ruas, avançam com tal rancor e tal desespero contra todas as authoridades, que, se ellas bem o conhecessem, por certo não se julgariam seguras, nem mesmo nas mais profundas cavernas da terra... E talvez já as grandes columnas de povo estejam rompendo pelas ruas de Braga dentro, e, vendo-me n'este logar, eu seja tambem victima do seu fu-

ror, por se persuadirem que eu me vendi e as atraiçôo.»

Havia um terror no pallido auditorio. *Amarellos como defuntos*, diz o padre. Depois, aproveitando aquelle parenthesis de susto, pediu papel e tinteiro para fazer sustar as columnas incendiarias de povo. Postilhoens de cavallaria, *com velocidade electrica*, affirma o historiador, levam as ordens; e as massas param.

Não posso suspeitar da veracidade da apostrophe que trasladei incompletamente. Aqui não ha os discursos fantasistas de Tito Livio e Jacintho Freire. O auto-biographo produz a sua allocução de memoria, com certeza: mas eu me recordo de a ouvir quasi litteralmente de um dos seus ouvintes aterrados. Não tenho egual crença nos discursos de Napoleão I ditados, a sangue frio, em Santa Helena.

O general, visconde de Valongo, safara-se. Levaram ao coronel o parlamentario. Ia pelo braço do joven e delicadissimo secretario do governo civil Marques Murta a quem padre Casimiro, a pag. 46 do seu livro, desfecha uma nota azeda. O coronel era o Ferreira, o *Trinta diabos* d'alcunha, que lhe deu vinho e biscoitos e larachas — uma reinação; e mandou-o acompanhar por uma patrulha de cavallaria. Os sicarios tinham gisado matar o padre nos antros dos Biscainhos: mas o generoso Ferreira repelliu a covarde infamia. Padre Casimiro sahiu,

montou a cavallo e logo teve denuncia de que o matariam. Desconfiou que os cavallarias lhe desfechassem as clavinas pelas costas, *ficando eu defunto para sempre*, diz elle deplorativamente. Esta idéa incommoda de uma defuncção perpetua fez que elle *mettesse a galope a toda a brida, sem nunca olhar mais para traz nem tornar a saber do destino dos cavallarias*. Andou muito bem, quero dizer, pensou muito bem. Quem andou egualmente bem, e muito, foi a burra que por signal era branca.

Entrou incolume no seu acampamento, no Campo de Santa Anna. Ahi o conego Montalverne, tomou-lhe a rédea da cavalgadura, como para dizer um segredo ao cavalleiro. O scelerado queria aproximal-o disfarçadamente do piquete e pôl-o ao alcance d'uma descarga; mas um dos dez guardas *que mostrava dar sem prometter*, abocando ao peito do conego o bacamarte: *Nem mais um passo!* E o conego raspou-se *para não sentir o desgosto de vêr o ventre furado*. Phrase realista e pittoresca que ainda não está muito poída.

N'este comenos, estoiram alguns tiros nos telhados da cazaria do campo de Santa Anna, coalhada por 30:000 mil patuléas. As massas consideram-se atraiçoadas, apanhadas n'um fôjo sem sahida. Desvairados de terror, os 30:000 desatremam n'um panico de fuga. Empurram-se, tropeçam, bracejam, escorregam, escouceam-

se, escabujam engalfinhados uns nos outros; os que vem atraz desabam sobre os dianteiros; e, por não poderem aguentar-se de pé, os grupos agatanhavam-se em epilepsias de pavor, estorciam-se em vascas de moribundos varados de balas. Os tamancos alastrados no acampamento podiam pezar-se ás toneladas como se mediam aos alqueires os anneis dos cavalleiros de Pompeu no morticinio da Pharsalia. Pode ser que eu exagere a profusão dos tamancos; mas para estes lances epicos é que Aristoteles e Longino estatuiram a hyperbole.

O padre, *apossando-se dos mesmos sentimentos* dos 30:000, como elle modestamente confessa, apeou abandonando a besta, enfiou por uma taverna na rua d'Agua, marinhou até á trapeira e passeou felinamente varios telhados. Depois, de um salto feliz, pinchou ao peitoril de uma janella trazeira. Foi espreitar por outra da frontaria e viu, reliquias dos 30:000, apenas o intrepido João *Corneta* a fazer fogo e simultaneamente a dar os toques de avançar e retirar a que obedeciam o Batoca e poucos mais. [1]

[1] Do *Batoca* direi adiante o destino sobrenatural; e do *Corneta* farei aqui a devida memoria. Hoje, 15 de dezembro de 1884, o meu prestantissimo amigo, poeta e prosador primoroso, Cunha Vianna, de Braga, me communicou, ácerca d'este *Corneta*, outr'ora famigerado, a nota seguinte:... *Depois de varias pesquizas sube que o Corneta*

Desceu o padre á rua, inerme, com um chapéo de castor emprestado. Afora o chapéo, tinha perdido a egua, o gabão e a pistola de cavallaria. Não obstante, foi animar o fogo na rua do Souto; mas como a tropa o atacasse de flanco para lhe cortar a rectaguarda, fez dar o toque de retirada pela rua d'Agua; e, atalhando por viellas, sahiu á Senhora-a-Branca. Ahi, fustigado pelas balas, metteu-se por uma porta, subiu a uma sala e desceu a um quintal. O regimento 13, que o avistára do adro da Senhora

---

estava doente na enfermaria de S. Cosme, hospital de S. Marcos. Fui lá. Deparou-se-me um velho de rosto anguloso, duro e carregado. Respondeu: que nascera em 1809 e estivera no Alto-do-Viso. Que em 37 estivera na Catalunha, e mordera a pé, até Madrid, uma distancia de 105 leguas. Que um soldado de cavallaria o ferira, cortando-lhe tres dedos da mão direita. Que andára depois com o padre José da Lage (1846), *e que, sendo o Corneta da guerrilha, era na realidade o verdadeiro commandante. Que foi chapelleiro e que em 47 estivera preso na Relação... Chama-se o homem João Antunes da Silva... Ainda hoje dizem os do tempo: «O Corneta! Oh que demonio!»*

O valente lidador que perdeu tres dedos no serviço da legitimidade dos reis portuguezes e hespanhoes, aos 75 annos, mutilado, indigente, e sem familia nem amigos espera a morte em uma enxerga da caridade na enfermaria de S. Cosme, hospital de S. Marcos. Os padres que elle serviu devem levar-lhe, ao menos, a esmola das consolaçoens religiosas, e a esperança da resurreição da carne com todos os dedos por inteiro.

de Guadelupe, granisou-lhe algumas descargas que não o feriram por elle ter adoptado certo systema de defeza de uma simplicidade prodigiosamente exotica. *Ouvida cada descarga,* refere a victima escapada á carnagem, *deitavamo-n'os no chão por detraz das pequenas parêdes de divisão entre cada dois quintaes, de altura de 3 a 4 palmos, marchando ligeiros depois de passarem as balas, de quintal em quintal, até outra descarga, e continuando n'este gosto o divertimento até S. Victor.* Tal qual como os indios quando ouviram assombrados as estranhas detonaçoens dos arcabuzes portuguezes: atiravam-se por terra; mas, de ordinario, quando se atiravam já iam atravessados. Porém, que ricas pontarias, que boa escola de tiro a do 13, e que benigna pachorra a dos projectis que, depois do estampido, esperavam que o padre se agachasse atraz das paredes, para passarem!

Saltando quintaes, o fugitivo foi bater á porta de uma velha surda que, muito martellada, veio abrir. Sahiu por outra porta, achou-se na rua, e *debaixo de um diluvio de balas*, a descoberto. Chegou aos Pioens, subiu ao Bom Jesus, e foi para casa são e salvo, com o prejuizo da egua, do chapéo, da pistola e do gabão. A cavalgadura, que tomára o freio nos dentes espantada pelo tiroteio, rompeu em desapoderada fuga, homisiou-se em Guimarães e Fafe por alguns dias, e voltou á córte do dono, du-

rante um armisticio. O garnacho e o chapéo tambem lhe foram restituidos. Este garnacho não andaria sovado aos pés da tropa, se o dono á maneira de S. Goard, o dependurasse n'um raio de sol; ou, sentando-se n'elle na corrente do rio d'Este, se safasse á injuria das balas como S. Raymundo de Peñaforte; mas a fé n'este atribulado sacerdote manifestou-se toda na energia dos membros locomotores e na volatilidade dos pés que perlustraram os telhados escorregadios da rua d'Agua como se fossem os macios e surdos tapetes d'um *boudoir*. E, quanto á pistola, essa foi apanhada por certa meretriz na rua debaixo de fogo; e, como conhecesse de quem era, escondeu-a entre os saiôtos e levou-lh'a ao acampamento do Bom Jesus. Vê-se que a panoplia do pugnacissimo padre era assás conhecida e que não é máo estar a gente relacionada em todas as casas sem excepção.

Este incidente é uma reminiscencia juvenil que o velho revolucionario nos conta com grande seccura de estylo em uma nota magra de pag. 52: *A pistola de cavallaria, conhecendo-a uma prostituta, apanhou-a no meio das balas da tropa, occultando-a debaixo da saia, e m'a foi levar ao Bom Jsus.* N'esta mulher, repulsa do gremio das bos, das fieis e das dedicadas, dera-se um feito arojado de desprezo da vida e um lance primorso de affecto. Apanhára a pistola por entre balas, por que a conhecêra, escondeu-a

em perigo de ser vista e espingardeada; foi leval-a ao dono quando os faccinoras *polacos* e *sirzinos* espionavam as pessoas que communicavam com o campo do padre rebelde. Esta mulher não tinha nem já agora terá nome. Será simplesmente e cruelmente — *a prostituta*.

D'este assumpto podia extrahir-se ideal bastante para duas paginas de sensação; mas por aqui me cerro. Temo abrir a valvula do meu velho sentimentalismo feito nas *Damas das Camelias* e *das Perolas*. Que emocional romance, ha vinte e cinco annos, poderia architectar-se nas Travessas, em Braga, intitulado *A Dama da pistola!* Se um talento de raça, tendo entre os seus personagens um gardingo presbytero, não conseguiria virginisar o coração d'aquella dama até á pureza esthetica de uma Hermengarda! Hoje, seria tarde. Já se não restauram litterariamente creaturas assim. Será senpre *a prostituta*. E aquella Maria da Fonte, a engeitada ebria e franduna, a cantoneira do tambor, emquanto houver linguagem portugueza, será sempre *a heroina*. É o feitio do mundo.

*

Capitaneava então uma guerrilha ptuleia estreme, no Bom Jesus do Monte, um Bento José Gomes, esturrado setembrista, que depois

foi despachado escrivão de direito para Braga. Este sujeito, exercitando-se em uma especie de concurso documental ao officio que depois lhe deram, apossára-se ladravazmente de um cavallo e duas vaccas avaliadas em 60 moedas.

O presbytero, depois da perfidia grega das authoridades bracarenses, genuinos cavallos de Troia sem obra de carpinteiro, resolveu acampar tambem com a sua guerrilha no Bom Jesus, a vêr se a «commissão de fornecimento» representada pelo Pinto Basto, do Porto, lhe distribuia munições e pré. Nunca lhe tinham dado vintem os setembristas; mas, d'esta feita, e visto que a sua causa ia triumphar, o Pinto Basto, rebentando de prodigalidade, deu ao padre, commandante das duas provincias do norte, vinte pintos para fardar e sustentar as legioens populares. Havia no acampamento uma banda musical que fazia reboar o *Rei-chegou* e o hymno da Maria da Fonte por aquelles ecos da montanha sagrada. Era forte em caixas de rufo e serpentinas de colmilhos assanhados que expediam mugidos incomparaveis. Quando todos aquelles metaes e pelles estrondeavam, esfusiava uma alegria, uma crise furiosa de enthusiasmo que faiscava electricidade na espinha dorsal; na espinha, porém, estavam os musicos, anemicos, debilitados pelo passadio flatulento do arroz e do caldo verde com feijão gallego. Uma noite, a barbara orchestra desertou, e foi

para a sua terra. Padre Casimiro, amantissimo de musica, sentiu amargamente esta elipse dos philarmonicos, e mandou quarenta homens agarral-os á Feira Nova. A escolta retirou sem a musica, e muito afflicta, a gritar que o povo se levantára contra ella julgando-a parceira de um exactor de contribuição forçada que Bento Gomes, o guerrilheiro setembrista, lançára e mandára cobrar. Para não perderem de todo a diligencia, os emissarios prenderam o cobrador, e apanharam tambem um cavallo que o Bento mandára tirar a certo proprietario. A escolta queria espingardear o futuro escrivão de direito e mais o cobrador; mas o camarada do padre, bom homem, escondeu o Verres e mais o cumplice debaixo de uma banca de pinheiro que tinham as quatro pernas vestidas de chita, sob a ramaria da carvalheira. Padre Casimiro, irreconciliavel com ladrões, abandonou o acampamento, levando comsigo todo o povo, e mais o bacalhau, o arroz e muniçoens que eram do Gomes, e bem assim as taes gentilissimas vaccas. Andou muito bem. Nada de ladroeiras.

As vaccas d'este episodio, são muito mais authenticas que as do sonho do Pharaó do Egypto; mas encontro-lhes umas obscurezas que os exegetas da historia lusitana, os futuros Gibbon, Niebuhr e Mommsen difficilmente hão de clarificar d'entre os nevoeiros da lenda.

Conta o snr. padre Casimiro que as vaccas eram do coronel do 8, Xavier Ferreira, o *Trinta-diabos* e lh'as enviára ao quartel, depois de proclamar ao povo contra o roubo da propriedade. Segundo os *Apontamentos*, o coronel agradeceu ao padre as vaccas em uma longa carta, brindando com generosas gorgetas os portadores. Escreve-lhe de novo padre Casimiro admoestando-o a que se renda e lhe entregue as armas do regimento; e, no primeiro periodo d'essa carta, deixa perceber que o Ferreira declinára de si o dominio das vaccas:... *Quanto ás vaccas* (escreve padre Casimiro) *deve conserval-as em seu poder até que o dono as procure para que não aconteça extraviarem-se.* [1] A final, de quem eram as vaccas? Em Braga reina profunda escuridão a tal respeito. Ninguem diz positivamente quem era o dono ou dona das vaccas. É um facto de hontem que cahiu na insondavel treva dos mysterios historicos como o *Homem da mascara de ferro*. É certo, porém, que o coronel reconheceu por escripta a honra do padre, bem como o perigo em que elle esteve *de levar uma descarga geral do povo como trai-*

---

[1] *Periodico dos Pobres* de 17 de Julho de 1846. Este documento, com mais alguns de que darei noticia resumida, fazem falta na organisação chronologica dos *Apontamentos*.

dor, bem semelhante á do Agostinho Freire na Egreja Nova na occasião da irrupção franceza. [1]

Subscreve-se na referida carta o padre Casimiro José Vieira *Protector das cinco chagas e commandante das Massas populares.* Elle usou diversos titulos conforme a acclamação popular o ia promovendo. Escreve o padre Manoel Bernardes: «É proprio de animos altivos tomar titulos e appellidos arrogantes, que são uns como pennachos, cujos canhões estão arreigados na vaidade do seu cerebro». Titulos pomposos do padre notei os seguintes: *Commandante das tres provincias em nome da santa Religião;* depois, *Intendente da comarca de Lanhozo;* em 31 de maio, quando escrevia ao coronel, era o *Protector das cinco chagas;* e em julho, quando escrevia á rainha, era *Defensor* das mesmas, *e General commandante das forças populares do Minho e Traz-os-montes.* Mais tarde, em abril de 47, foi confirmado por diploma regio *Commandante geral de todas as forças populares ao norte do Minho com honras de brigadeiro;* e, finalmente, em 1850, foi agraciado com a commenda de S. Miguel da Ala. José de Souza Bandei-

[1] E' bem comparado; mas ha equivoco. O general assassinado pelo povo chamava-se *Benardim* Freire. *Agostinho* José Freire, ministro da guerra, foi assassinado em 4 de novembro de 1836, na calçada da Pampulha, por um soldado dos batalhoens nacionaes.

ra, com o pseudonymo de *Braz Tizana*, annunciou no *Periodico dos Pobres* que D. Miguel fizera *conde de Vieira* o padre. Este titulo, com quanto não exceda os outros em fantasia, não tem um fundamento egualmente sério. O que D. Miguel lhe deu por intermedio do seu ministro e logar-tenente doutor Candido, foi a commenda de S. Miguel da Ala. Esta graça, posto que irregular, é mais lucrativa que as conferidas pelo rei legitimo, porque não paga direitos de mercê. Como chimera, está sempre dentro das fronteiras do Ideal, e nunca esbarra na materia bruta da tabella dos sellos.

Em uma proclamação mandada aos habitantes do concelho de Villa Chan, recommendando-lhes *que não larguem as armas até acabar com todos os maçoens* (*Periodico dos Pobres* de 25 d'agosto de 1846) assigna-se o snr. padre Casimiro — *Defensor da Patria*.

Optimamente. Seguiu o patriotico exemplo do Mestre de Aviz e do Prior do Crato, que ambos se acclamaram *Defensores da Patria*. Está na tradição dos grandes homens modestos ou cavillosos, mas sempre bem intencionados. Todavia, nenhum d'esses aspirantes á soberania se denominou *Defensor das cinco chagas*, como o snr. padre Casimiro. Das chagas trataram elles de se defender o melhor que poderam. O Prior do Crato, na batalha de Alcantara, assim que lhe fizeram uma escoriação muito

superficial na cara, fugiu á redea solta e foi curar-se em Aveiro. O Mestre d'Aviz defendia-se das chagas tão dextramente que nunca foi ferido. Padre Casimiro tambem sahiu invulnerado das palejas, podendo com razão intitular-se *defensor* estrenuo, mas de si mesmo, do seu corpo illeso de chagas.

Isto quanto a *Defensor;* mas a respeito de *Protector das cinco,* parece-me peor ideia. É um titulo assaz pretencioso, immodestissimo, irreverente e não sei se um pouco sacrilego. Oliveiro Cromwell tambem foi *Protector,* mas não das chagas divinas do creador do universo. O mais a que a sua missão de protector podia aspirar, em alçada de feridas, era proteger as chagas humanas dos seus faccionarios da influencia do ar nocivo, ministrando-lhes cerôto e ligaduras. A protecção é um favor do maior ao menor, beneficencia que denota superioridade — força concedida a uma fraqueza supplicante. As chagas de Christo adoram-se, não se protegem. Não duvido que a theologia mystica regeite estes argumentos de livre pensador; eu, porém, se podesse conceber a plastica pathologica de um Deus perpetuamente ulcerado por causa do genero humano morphetico e incuravelmente pôdre, pediria aos sagrados estigmas que me protegessem, e nunca me proclamaria *Protector das cinco chagas.* Modos de vêr as coisas, os deuses e as feridas.

*

Padre Casimiro, rôta a alliança com o corrupto Bento, foi acampar nas *Sete Fontes*. Ahi se confederou com outro chefe, o destemido padre João do Cano de quem darei noticia em parte mais competente d'este livro.

A proposito da cleresia, nomearei agora os padres mais ou menos militantes na epopeia da revolução, á volta do protagonista de Vieira. Contra elle, degladiam-se no campo o conego Montalverne, commandante do *Batalhão de segurança rural;* no gabinete, o egresso Francisco José Alves Vicente. A seu favor, o padre Antonio Teixeira, das Quintas, do concelho de Montalegre, que alli acclamou D. Miguel 1.º em julho de 46; o padre José Soares Leite, chamado *o da Lage,* um barra; o padre José das Taipas, o padre Gomes, do Prado; o façanhudo padre Luiz Antonio Pereira, abbade de Priscos, o pimpão padre Manoel da Agra; finalmente o padre Joaquim da Costa, puxador de muito pulso, de uma canna só. Havia outros que batalhavam na cadeira da pratica dominical, no pulpito, no confissionario e nos comicios das tavernas d'aldeia. Eram quasi todos.

Chegado ás *Sete Fontes*, o general mandou ir do Geraz tres peças de ferro, roídas de fer-

rugem, e abandonadas desde a lucta da independencia com Filippe IV. Pelo feitio pareciam ser tres das dezeseis bombardas que os castelhanos em 1385 trouxeram e perderam em Aljubarrota. Montou-as em carretas novas, fez outras tres carretas para os petrechos, formando *um comboio respeitavel... imponente* que attrahiu o povo na *circumferencia de mais de dez leguas.*

Quando esta noticia estoirou em Braga, varias familias, receando ser bombardeadas do alto das *Sete Fontes,* fugiram. Era um terror de Numancia que poderia justificar-se, se o padre soubesse como as peças funccionavam. *Estava eu senhor das peças,* diz elle, *mas sem saber como carregal-as, por que não tinha polvora, nem balas, nem até artilheiro que soubesse servir-se d'ellas.* Depois appareceu um artilheiro, e de varios pontos rolaram balas de todos os calibres. Apezar d'isso, nunca se ouviu o estampido d'estes velhos monstros por que ainda não tinha soado a hora da assolação de Braga. Assim mesmo a cidade confrangia-se de pavor quando lia proclamaçoens d'esta laia:

HABITANTES DE BRAGA!

É chegado o dia de vos unirdes ás Massas Populares para repellir esse punhado de soldados que só tem por divisa o atropelar as leis da honra, da humanidade, e (por desgraça) da Religião.

Bracarenses, ou nos ajudais a desterrar d'entre vós esses monstros sanguinarios, ou vêdes hoje dentro de vossos muros a infausta scena que ha pouco teve logar em S. Thiago da Galliza. Habitantes de Braga, é chegado o dia dos abraços ou das vinganças. Bracarenses, escolhei — ou unir ás Massas Populares ou vêr a cidade em chamas. O padre Casimiro José Vieira. [1]

Das *Sete Fontes*, na vespera de um *ataque decisivo*, segundo os calculos do *Protector das cinco chagas* um pouco precipitados, dizia elle aos bracarenses que ia resgatal-os: que o ajudassem; senão, o sangue inundaria toda a cidade. Que era chegada a hora de estimarem as pedras e as garrafas. *As garrafas!* a quem elle o dizia! Convidava-os a defender a religião, e a augusta rainha D. Maria 2.ª para que ella *podesse espalhar livremente a par das Maximas Evangelicas leis do céo aos valentes portuguezes.* Chamava-os ás armas emfim *para poderem com gosto entoar como d'antes canticos do céo.* E concluia n'um rapto de Pedro Eremita em frente de Jerusalem: *E' chegado o tempo da innocencia, a idade d'ouro, corramos á victoria!* [2]

---

[1] Antecede a publicação d'este documento no *Periodico dos Pobres*, a seguinte nota explicativa: *Proclamação de terror que mandei para Braga da primeira vez que estive no Bom Jesus do Monte.*

[2] No mesmo *Periodico dos Pobres*. Junho de 46.

*

Não se realisou o «ataque decisivo» por que alguns padres, mais transigentes com os setembristas, lhe faltaram com as suas guerrilhas; mas, não obstante, os valentes de Vieira escaramuçaram com o piquete do 8. As peças conservaram a sua virgindade bi-centenaria em materia de fogo. Duas, receosas de serem apanhadas pelo inimigo e expostas á troça dos bracarenses, fugiram nas suas carretas; a terceira ficou com as guelas negras e fuliginosas abocadas contra a cidade; mas, á falta de polvora, fugiu atraz das outras, cheias de oxydos e de nostalgia do seu Gerez onde tinham logrado dois seculos de paz, desde que varejaram os sordidos gallegos em 1645.

Estava destinado novo dia de *ataque decisivo*, quando o visconde da Azenha escreveu ao padre Casimiro, felicitando-o «pela corôa de louros que adquirira» e considerando-o *como o maior heroe de Portugal d'aquelle tempo*. Depois, pedia-lhe que depozesse as armas, e não desfizesse a composição que estava feita.

Foi o padre a Guimarães, e o visconde levou-o pelo braço a parlamentar com o general da provincia barão do Almargem. Repicavam os sinos: garotos enthusiastas esganiçavam-se a berrar os «vivas»; tres fogueteiros á compita

estrallejavam girandolas; enxames de bebedos esfervilhavam nas tascas pedindo meias-canadas e capitaens-mòres; das janellas choviam açafates de flores sobre o gentil rapaz de bigode negro e bardas intonsas trajado á caçadora, japona curta, bonet de pelles de toupeira abotoado á frente por um grande botão amarello da mesma pelle, com a sua clavina de cavallaria, canana com cartuchame á cinta, correão a tiracolo. Era o *Protector das cinco chagas*, aquelle esvelto homem de olhos ardentes, e tão fina mira de pontaria que, affirma elle, com aquella sua clavina, a sessenta passos, mettia uma bala em 10 reis. Por isso, as donzellas de Guimarães, devotas das cinco chagas, lhe tapetavam os ladrilhos de petalas de camelias, emquanto as mães se abriam em jactos de lagrimas exultantes.

*

Não se reconciliaram os dois generaes. No palacète do Almargem assanhou-se uma altercação politica de pessimos symptomas para a vida do barão. O povo chegou a aperrar as clavinas para lhe atirar quando elle assomasse a uma das janellas do salão em que o padre com a sua forte larynge, affeita a vibrar as columnas do ar das serras, golphava catadupas

de phrases no tom declamatorio dos missionarios. Afóra a politica, a religiosidade e a rhetorica, compelliam-o a essa formidanda solemnidade de gesto e voz o habito de proclamar ao ar livre e de ler as suas cartas enviadas ás authoridades, e as proclamações funereas, «de terror», em presença de milhares de ouvintes, tendo por suppedaneo as musgosas penedias druidicas.

Ficamos desmanchados, depois de puxarmos muito um pelo outro, diz o «General-Protector». Ao outro dia submetteu o visconde da Azenha ao seu hospede uma proclamação a vêr se elle se conformava. Não conformou, por causa de um defeito capital: — não se davam «vivas» á Religião. Replicaram-lhe que *não era preciso, porque isso se entendia.*

— Pois então, retrucou o padre, tambem não é preciso dar «vivas» á rainha, por que isso se entende.

O Pinto Basto, do Porto, que assistia ao dialogo, mandou imprimir novo papel com os «vivas» á santa Religião. Ainda assim, o padre não subscreveu. Queria a tropa desarmada, mudança de authoridades e officiaes, leis antigas, capitaens-mores, etc.

— Isso é trabalhar contra a rainha, e chamar sobre nós a França e Inglaterra — contravieram os liberaes.

E o padre retorquiu:

— Tanto trabalhamos contra a rainha desarmando a tropa e mudando de systema, como obrigando-a a mudar de ministerio e a acceitar as authoridades que lhe querem impôr, porque tudo isso é contra a vontade d'ella...

Não era de todo tôlo — diria o meu saudoso amigo Pinho Leal. Os setembristas deviam sentir arder-lhes a cara debaixo da mascara de respeito á rainha.

Padre Casimiro podia exprimir mais nitidamente o seu pensamento d'este theor: «Eu quero que a rainha governe absoluta, e vossês querem que ella reine coacta. Eu posso ser um absolutista retrogrado: vossês são uns refinadissimos velhacos. A rainha para vossês é simplesmente um real espantalho com que pretendem afugentar da painçada os pardaes damninhos dos outros partidos. Eu quero uma patria para todos, governada pela rainha absoluta: vossês querem uma rainha constitucional a guardar-lhes o exclusivo da gamella.» Reconheço que o padre não podia descer ao razo d'esta linguagem com taes interlocutores; mas, sem a rhetorica do frei Miguel Justino, de Braga, elle teria assim fallado pouco mais ou menos.

Afinal o presbytero, estirando pelo ambiente o braço exicial como Coriolano á saída de Roma, rematou d'esta arte a tumultuosa sessão: *Agora é que vae correr sangue, por que nem eu nem o povo queremos saber de tal composição*, e

ou havemos de morrer todos, ou dar cabo da tropa e da chusma de ladrões que nos roubam.

E, montando a garrana, foi para o arraial das Sete-Fontes.

Malogrou-se, outra vez, o «ataque decisivo» a Braga, porque todos os chefes de guerrilhas se apresentaram pacificamente ao general Almargem e receberam á bocca do cofre as facturas que apresentaram das despezas feitas com as massas. E que facturas! Contas de Gonçalo de Cordova, o Grão-capitão, mestre em ladroeira d'aquelles capitaens pequeninos.

Ficou o padre sosinho em campo, sem recursos nem alliados, resistindo ás seducçoens e ás ameaças. O coronel do 8 e o governador civil Lopes d'Azevedo empenharam-se directamente, por meio de cartas, em convertel-o ao setembrismo triumphante. Resistiu, atormentado de privaçoens, de populares impacientes e famintos, de perfidos e sicarios suspeitos que o traziam em continuo receio de ser assassinado. O coronel Ferreira avisava-o de que se acautelasse. O generoso e bravo soldado de D. Pedro IV sabia que de Braga tinham sahido assalariados no proposito de remover a punhal o unico estorvo á transacção dos revoltados com o ministerio.

Percorriam então as aldeias os inimigos do padre rebelde a combinaçoens politicas, accusando-o aleivosamente de crimes hediondos, taes

como ter espancado o proprio pai. No adro da egreja de Oliveira esta proterva calumnia inflammou as mulheres, que se armaram de pedras para *endireitar os queixos* aos calumniadores; e acrescenta o padre com algumas metaphoras de força: *e fugiram elles a unhas de cavallo para não passarem pelo desgosto de verem o miolo das tripas*. Locução naturalista com cheiro e côr local, portugueza de lei, sem o «tempêro de gergelim e papoulas» que Petronio, o Arbitro, reprovava nos escriptores peralvilhos do seu tempo — *verva sisamo et papavere condita*. E ajunta que elles, feita a exhibição do referido miòlo, — um hopoponax não garantido por Lubin — *iriam dançar como diabo ás «escuras» nas felugentas cavernas do inferno*. Tem este escriptor predilecção por aquellas figuras acrobaticas dos pulos e danças infernaes, cambalhotas eternas no fogo, ás escuras. Ficou-lhe talvez este geito da litteratura dantesca, dos macabrismos dançantes medievaes, e das telas sinistras de Hans Holbein, o choréographo dos mortos.

Em tão desanimadora crise espanta a pertinacia do padre, e a sua boa fé epistolar na pachorra teimosa com que escreve a dois governadores civis impondo-lhes sob penas severas o adherirem ao povo, como se disposesse de batalhoens bem municiados e das tres peças de artilheria para sempre cahidas no abysmo da historia, e talvez a esta hora desfeitas em enxa-

das e taxas para tamancos. Em 5 de junho enviava elle á authoridade superior do districto, em nome do povo, o seu definitivo e inalteravel programma. A saber: *Religião catholica romana como estava d'antes. D. Maria 2.ª rainha. Carta constitucional accommodada ao governo antigo. Capitães-mores, juizes de fora, corregedores, recebedores gratuitos. E tudo mais como d'antes. Tropa licenciada illimitadamente. General da provincia, Gaspar Leite, fidalgo do Cano. 1.º subalterno visconde da Azenha, 2.º Nicolão de Arrochela. Empregados nos concelhos, á vontade do povo. Que o participasse á rainha para que ella nomeasse um ministerio catholico e honrado. Assim terminaria a guerra: aliás, effusão de sangue.*» [1]

No dia immediato, em nova missiva, queixa-se da falta de resposta. Aquelle meu querido governador que morreu conde de Azevedo, era supremamente civil. Talvez não respondesse por suspeitar que a proposta do «Protector das cinco chagas» era o pródromo de um atonismo

[1] Condensação da carta do snr. padre Casimiro José Vieira publicada extensamente no *P. dos Pobres* de 17 de julho de 1846. No mesmo jornal avulta outra desenvolvida carta escripta ao coronel Xavier Ferreira em 31 de maio. Contém o episodio das vaccas. Promette salval-o da morte, e sustentar-lhe o regimento alguns mezes á custa de certos patifes de Braga.

cerebral, a crize morbida de alguma cellula funccional das indispensaveis ao siso commum. Só assim se explica o silencio do urbanissimo fidalgo; por quanto, sendo elle muito catholico e sequioso da bem-aventurança celestial, padre Casimiro seria um d'esses com quem não queria corresponder-se nem ir para o céo.

Parece provavel que padre Casimiro padecesse de militophobia, uma raiva implacavel á tropa — odio que decerto não deriva de Jesus, compassivo com os soldados do Pretorio, nem das congregaçoens religiosas que iam, durante as batalhas, ao campo e aos hospitaes soccorrer tanto o soldado da patria como o estranho. Esses homens de piedade sabiam que o escravo da bandeira levado de rojo ao sacrificio fôra um trabalhador alegre a quem violentamente tiraram a enxada, deram uma espingarda e ensinaram a pontaria ao peito de outro homem. Não duvido, pois, que o encephalo do violento presbytero em continuada phosphorescencia ignea de raiva aos janisaros, soffresse intermittencias de desequilibrio que o não deixassem funccionar normalmente a todos os respeitos. Talvez tambem desconfianças d'esta natureza scientifica justificassem o silencio do tão delicado quanto erudito Francisco Lopes d'Azevedo Velho da Fonseca.

Entretanto, enviou-lhe um proprio a dizer, de viva voz, que se aquietasse, que pedisse alguma coisa e seria attendido pelos seus serviços

prestados á causa nacional. O padre responde em larga escriptura «que não quer empregos nem dinheiro. Que despreza a morte. *Que não o desfeitea quem lhe tirar a vida; mas que o injuria quem lhe offerecer empregos ou dinheiro.* Que o respeite como commandante de duas provincias. Que exponha á rainha o contheudo da sua carta, para que ella entre no conhecimento da mortandade que vai começar. Que se retira das Sete-Fontes; mas que espera em breve as duas provincias em massa.» [1]

N'aquelle tempo ainda faiscavam esporadicamente indigenas assim desinteresseiros; hoje, porém, apresentem a qualquer alienista, ao Senna, ao Julio de Mattos, ao Craveiro um sujeito a bradar que não quer dinheiro nem empregos, e que offerecerem-lhe essas coisas é peor desfeita que a morte, e hão de vêr como os especialistas os mandam summariamente recolher a Rilhafolles ou á Cruz das Regateiras, onde com certeza não entrou ainda um exemplar d'esta especie teratologica. O certo é que este padre foi prelucidamente idealisado na epopêa do Cantor do Gama. *Cant.* x, *est.* CL:

Que o bom Religioso verdadeiro
.....Não pretende... dinheiro.

[1] Carta publicada no *P. dos Pobres*. Estes dous topicos faltam nos «Apontamentos».

*

Refere o snr. padre Casimiro que desacampára das Sete-Fontes e marchara para Vieira *coberto em todo o transito de flores e «vivas», musicas e foguetes, festejado com canticos populares, e acclamado como o Salvador de Portugal, á similhança de David no meio das canções das moças de Israel na volta de matar o gigante philisteu, o opprobrio e terror do seu povo israelita.* Uma invejavel jornada, vamos lá, no meio das moças de Israel, com musica — e que musica! Mas ia triste, pelo pezar de não haver conseguido algum beneficio para o povo, e com o presentimento de ser assassinado ou pelos israelitas ou pelos philisteus. Fluctuações geniaes dos homens excentricos. Ou padre Casimiro descreu da intervenção divina no pronunciamento nacional, ou deixa perceber que Jehovah, Deus de Israel, se enganou nos seus calculos. E' o que deprehendo d'esta nota de pag. 73, escripta sob um desalento consternador: *Apenas lucrou o povo evitar a perseguição terrivel que tinha a soffrer dos Cabraes, e o demorarem-se por algum tempo as contribuições pesadissimas que agora o sobrecarregam, e que já desde então tinha de supportar sem remedio algum.* Logo, a revolução não foi remedio a nada, antes aggravou a desgraça dos que morreram na lucta e a dos que ficaram opprimidos pelas contribuiçoens

augmentadas. Intervallo lucido que talvez confirmasse as suspeitas do Senna, do Julio de Mattos e do Craveiro. Foi a reacção da militophobia que tolheu o effeito da sensata reflexão sobre si mesmo e sobre o crescente infortunio da patria. Fulgiu-lhe a consciencia os funestos resultados da guerra civil; e, não obstante, voltou a encartuxar polvora e balas com duas das suas valorosas manas. E' que os azedumes devorados no arraial das Sete-Fontes haviam-lhe escandecido a indole contra os seus conterraneos adversos. Fez decretos desterrando alguns sujeitos de Vieira e da Povoa. Contaram os jornaes que elle prendêra alguns no seu espigueiro, com sentinellas á vista. Provavelmente calumnia; mas, quanto ás proscripçoens, ha documentos que as não desmentem. [1]

---

[1] Nos *Pobres de Lisboa*, no *Telegrapho* e no *P. dos Pobres*, do Porto, de 7 de Julho de 1846, apparecem dois officios do *Protector das cinco chagas*, do theor seguinte: *Ill.mo snr. regedor. Faça intimar ao snr. José Joaquim Leite para que despegue de Portugal até ao dia 14 sob pena de todo o povo lhe ir bater fogo e de se queimarem todas as casas onde elle se achar ou occultar, ficando o snr. sujeito á mesma pena não cumprindo esta minha ordem. S. Gens 12 de Junho de 1846. Do protector das cinco chagas e commandante das forças do Minho e Traz-os-montes. O P. Casimiro José Vieira.*

Este outro documento é um decreto de amnistia condicionalmente concedido a quem quer que seja que não despegue de Portugal. Reza assim: *Ill.mo Snr. — Attendendo ao que V. S.a trabalhou em primeiro em favor da nossa causa,*

No dia 18 de junho recebeu padre Casimiro a fausta noticia, enviada pelo padre Antonio Teixeira, das Quintas, ter sido acclamado o snr. D. Miguel 1.º em Montalegre, com *Te-Deum*, e o competente auto camarario. Respondeu-lhe o prudente collega que se defendesse como podesse, que elle estorvaria a tropa de marchar para cima; porém, que não faria a acclamação sem ter dinheiro e muniçoens. [1]

---

fica aliviado da pena de desterro com a cominação de que se meta em sua casa e não diga a menor palavra a respeito de partidos. Não foi por mandado ou empenhos que o fiz, e por isso tenha toda a cautella. Deus guarde a V. S.ª Do Protector das 5 chagas e commandante da força do Minho e Traz-os-montes. O P. Casimiro José Vieira. Mosteiro de Vieira 13 de junho de 1846.

[1] Tenho presente o *Auto de acclamação do snr. D. Miguel I* em Montalegre, copiado do livro da camara. Como são rarissimas as peças d'esta especie, não será banal o publical-a' como trecho comico de uma tragedia que custou em Montalegre algumas duzias de vidas: *Anno do nascimento de N. S. J. Christo de 1846, aos 16 dias do mez de junho do dito anno, n'esta villa de Montalegre e casas dos Paços do Concelho d'ella, ahi foi acclamado o snr. D. Miguel Rei de Portugal absoluto por acclamação que fez Bento dos Santos e Moura, do logar de Medeiros, o reverendo João Baptista Rosa, de Lodeçôso, o reverendo Antonio Teixeira das Quintas, Manoel Joaquim alferes de cavallaria do logar das Lavradas, e o reverendo Antonio Alvares, de Cepêda, Antonio Alvares Monteiro, do logar de Pinho, João Alves Dias, de Torgueda, commandantes da força do povo, que reunidos com o povo fizeram a acclamação do Snr. D. Miguel 1.º, Rei de Portugal, e no mesmo acto os referidos commandantes nomearam nova camara composta dos membros seguintes, etc.*

Em cumprimento da sua promessa ao padre Antonio das Quintas, preparou-se padre Casimiro para embargar a passagem de 170 praças do 13 e vinte soldados de cavallo que sahiam de Braga para Traz-os-montes.

Vai agora o leitor assistir ao ultimo milagre, evidenciado em Portugal, no campo da batalha.

O «Protector» sahiu de Vieira com dez rapazes, para cortar a vanguarda á tropa e deixou o camarada a encaixotar uma carga de polvora. Andadas tres leguas de noute, chegou a Moreira de Rey, e ahi arranjou mais vinte homens. D'aqui mandou duas forças á descoberta. Cada força tinha seis homens. Parecia uma *fraqueza*. Recolheram as duas forças, annunciando que a tropa ia meia legua adiante, caminho de Basto. Sahiu-lhe o padre no rastilho. Os pacatos habitantes da terra de Basto receberam-o friamente, *sepulcralmente tristes*. Conjecturou racionalmente o padre que aquelle povo devia ser *todo maçonico*. Na Raposeira, desconfiou que lhe faria fogo a plebe. Estava no centro de Basto, uma terra hostil; e, ali perto d'elle, no Arco, 170 soldados de infanteria e 20 cavallos, a cortarem-lhe a retirada para Vieira. Desviou-se da estrada; mas resolvido a não retirar sem ataque e sem despejar a carga de polvora. Preferia morrer a fugir como cobarde, heroicamente o diz. Mandou-lhe perguntar o administrador do concelho, um cabralista, o que queria d'aquella

terra. «Quero as armas dos soldados que estão no Arco.» Respondeu, com arrogancia; mas, *se eu dissesse o que sentia* (corrige o historiador em uma nota ingenua) *devia responder que queria retirar; mas não sabia por onde*. E todavia, como não se lhe ageitava a fuga, *antes queria morrer que fugir*. E' .o paradoxo a preparar o milagre.

Apparece então um guerrilheiro de Basto a bradar que estavam perdidos — que o povo e a tropa marchavam sobre elles. E as noticias de terror multiplicavam-se cada vez mais afflictivas. «Eram os mensageiros de Job — escreve orientalmente o presbytero — a dar-lhes umas apoz outras as alegres noticias de que tinham rompido os sabeus e levaram os bois e jumentos de seu filho, e passaram os creados á espada, e que os chaldeus lhe levaram os camellos e tambem passaram á espada os creados, e mais algumas no mesmo gosto». N'este gosto estava tambem o infeliz Protector das 5 e mesmo os seus 30 em maiores apertos que o spartano rei Leonidas com os 300 na passagem das Termopylas.

Que quer o povo de Basto? — perguntou o padre severisando o aspeito. Que o povo queria, mas que os fidalgotes não queriam D. Miguel, informou o indigena dando as suas rasoens. Então Casimiro, com o gesto largo e prophetista:... «E' possivel que eu seja morto

n'esta terra, por que as balas não escolhem em quem se empreguem; mas saiba o povo de Basto, que, se eu aqui fôr morto, não se saberá para o futuro onde existiram as casas d'esta gente, por que a minha morte será vingada pelo povo do Minho e Traz-os-Montes, e não ficará aqui pedra sobre pedra, por que virá todo furioso reduzil-as a um montão de ruinas!»

—Olhe lá no que se finta... —redarguiu scepticamente, com um sorriso velhaco, o guerrilheiro de Basto.

—Espere um pouco... disse n'um tom de inspirado o general das duas provincias representadas por 30 homens.

Esperar o quê? Elle confessa que, n'aquella crize, só Deus ou nossa Senhora podiam acudir-lhe; *mas como contar com tal milagre?!* pergunta o homem de pouca fé.

O padre sentia um fastio de morte. Fumegavam na mesa as viandas crassas que lhe faziam nauzeas. Tudo negro pela sombra immensa da aza da morte. Eis que, de golpe, apparece um garoto a dar parte que chegára ali o Batoca, de Vieira, á frente de cento e tantos homens. E então o presbytero, n'um arrebatamento de exaltação mystica, disse ao guerrilheiro que esperasse mais um pouco; e, antes de dar graças ao Senhor que seccára o mar-vermelho para passar o seu povo a pé enchuto, sentou-se á mesa e comeu com o appetite de Ugolino, se o transferissem

da *Torre da Fome* ao restaurante do *Café Anglais*. Effeitos miraculosos de coacia sobre a mucosa das visceras digestivas.

Na categoria dos milagres historicos em batalhas nacionaes, Batoca perfila ao lado de S. Bernardo em Aljubarrota, de S. Jorge, no cêrco de Mazagão, e de um certo cavallo branco no cêrco de Pegú — milagres que ficam lançados á conta de Fr. Luiz de Souza, de Fernão Mendes Pinto e do snr. padre Casimiro José Vieira.

Cumpria, pois, bater a tropa. Destacou-se uma força de 4 homens para as Barcas de Mondim. Quatro homens, com o milagre, eram uma legião. O exercito já estava formado na margem esquerda para vadiar o rio. Da margem de cá, os 4 deram-lhe a primeira descarga. As mulheres da tropa, avistando horrorisadas cardumes de povo a ruir pelos despenhadeiros das serras, desataram n'uma choradeira consternadora. Os soldados, cuidando-se espostejados n'um descalabro de fouces, pegaram de quebrar as barretinas contra os rochedos e fugiram para o Arco. E então, padre Casimiro, recolhendo o espolio das 8 barretinas amolgadas, regressou a Vieira.

Aquelles soldados sem barretina eram a preexistencia de outros egualmente portuguezes que no Alto-Minho, em dezembro de 1884, fugiram aos lobos, uns com espingardas incombustiveis, outros com ellas rebentadas. Com um exercito

assim armado, a defeza da autonomia será melhor confial-a aos lobos nacionaes.

No tranzito por Basto, abriram-se aos triumphadores os toneis, homenagem covarde dos vinhateiros ao guerrilheiro que escarneciam pouco antes. As massas davam muito fogo; mas *sem saber a quê*—observa padre Casimiro. Não atiravam a nada. Uns leoens, uns raios da guerra! Pôde o general accommodal-os, retirando-os das adegas. Chegados em tumulto ao convento de Refojos, acclamaram o padre *Defensor das cinco chagas e commandante do Minho e Traz-os-Montes*. Um vinho generoso.

*

Regressando a Vieira, depoz o *Defensor* a clavina e empunhou a penna para escrever á senhora D. Maria 2.ª. D'esta memoranda carta, impressa nos jornaes do tempo, e nos «Apontamentos» a pag. 165, apenas respigarei algumas linhas que accentuem o perfil de padre Casimiro um pouco vago em politica. Participa a s. magestade que *todos os paisanos do Minho, homens e mulheres de todas as idades, e mesmo os padres, pegaram em armas e sahiram a campo para mostrar o seu antigo valor protuguez*. Lamenta que, depois de apparecidas as malditas seitas de setembristas e chamôrros, *todo o povo deixasse*

de cantar. Está n'esta afinação lyrica. Imputa aos chamôrros e aos outros incontinentes de bexiga a aphonia do povo. O bucolismo virgiliano dos 29 annos! Diz á rainha que, se o povo portuguez não fosse verdadeiro christão, *o sangue trasbordaria em quantos charcos tem Portugal*. Que elle é ministro do Deus vivo, e, como tal, *encarregado de espalhar a paz na terra*. Sim, elle espalhava a paz. *Sob pena de morte, fôra obrigado a bater a tropa*. Parece querer assim honestar o absurdo da sua missão pacifica; mas accrescenta, com basofia, que a *sua coragem fizera aterrar todos os militares*, e que brevemente acabaria com elles, se o Almargem e o Basto, do Porto, não indusissem o povo a desobedecer-lhe. Não sabemos que conceito s. magestade ficou formando do Basto; —mysterios da Casa de Bragança. Admoesta a rainha a que nomeie *empregados que aborreçam os empregos, escolhidos pelo povo, innocentes, puros nos costumes*, virgens talvez, e sobre tudo *que não sejam mações*. Quer tudo á antiga. Consente na conservação da carta, com algumas emendas. Pensa n'um Acto addicional. Explica á soberana como hade ser isto de *recebedores gratuitos*. Parece que era este o processo a seguir para que *os empregados aborrecessem os empregos*: serviço gratuito. Unico expediente. Conta-lhe que uma escriptura que d'antes se fazia com 18 vintens, ou

um pinto o muito, já chegára a custar uma moeda d'ouro. Quer que haja deputados, e que se lhes faça o gasto da comida e das jornadas, mas que não embolcem uma de X. Nos 2 *Irmãos unidos*, cevadeira nutriente e modesta de cozido abundante, um prato de ervas, e um quartilho, medida velha — um *menu* de luxo para uns sujeitos que em suas casas não passam de Nababos de orelheira de porco e feijão branco. Macho do Gaitas ou vapor de ida e volta por conta da nação, e que se vistam á sua custa, no aljubêta Nunes, um Pool de estatura correspondente aos Mornys de Braga e Montalegre. Lembra á rainha que a *revolução foi miraculosa, feita por Deus que nos lançou ao mundo.* Não lhe conta o milagre Batoca por modestia; mas sempre vai insinuando no regio peito que *Deus não parece estar disposto a fazer milagres como se tem observado principalmente no Minho, para se mudarem somente os empregados.* Annuncia-lhe, *como propheta, um medonho futuro e as contas que s. magestade tem de dar ao Deus vivo.* Não se sabe que desmaios anesthesiaram os nervos de s. magestade n'este lugubre presagio. Segredos insondaveis do Paço.

Finalmente, particularisa miudezas do processo eleitoral, questoens de finanças, guardas nacionaes, etc., e conclue queixando-se do go-

vernador civil, o meu santo amigo Lopes d'Azevedo. Assigna-se *Defensor das cinco chagas e general,* etc.

Fôra promovido a *general* por acclamação quando acabou de lêr a carta á rainha. Mais uma apotheose litteraria do que um plebiscito militar á imitação do Baixo-Imperio. Porém, o promovido sustenta ainda agora que foi legitimamente general pela seguinte rasão de pag. 84: *Nas circumstancias em que se achava o reino parece que era esta acclamação a mais legal e authorisada por ser feita por quem havia de obedecer, e por isso fui general de direito e de facto.* Esta patente, com uma pequena modificação, foi confirmada pelo snr. D. Miguel, em «brigadeiro», por decreto de 7 d'abril de 1847; mas como os brigadeiros passaram a generaes de brigada, está o snr. padre Casimiro, de facto e de direito, militarmente comprehendido na reforma.

Alguns periodicos escreveram seriamente irritados contra a patente que o padre acceitára. *Como eu na carta que escrevi a D. Maria da Gloria* (refere o Protector) *me assignasse* «general», *começaram todos a dar por isso um cavacão.* Um cavacão que realmente não tinha logar, e muito menos o ingranzeu que ahi fez a imprensa liberal á conta das barbas do padre. Elle as cortou e depoz na ara da opinião publica escandalisada. Fez ás barbas o que o divino mestre mandou que fizessemos ao nosso olho

escandaloso. O evangelho e o barbeiro collaboraram n'esta exemplar tosquia. Até o governador civil o fez intimar para que não se assignasse com algum titulo, sob pena de ser processado e punido como cabeça de motim. *Nenhum caso fiz de tal intimação*, diz o imperterito ameaçado — *por que bem sabia que mesmo não me assignando com titulo algum, sendo apanhado á unha por elles, me punham infallivelmente de escabeche.* Sempre imagens pittorescas metaphorisadas. Ameaçaram-no com a ida do general conde das Antas agarral-o a Vieira. Respondeu: *A vinda do Antas nada me assusta; tenho visto muitos militares, e nunca me fizeram tremer; eu, em Vieira, sou melhor general que elle; e, se cá vier, heide sacar-lhe todas as medalhas do peito.* Não o fazia por menos.

Entretanto, acautelava-se. De toda a parte lhe convergiam denuncias preventivas do movimento da tropa. Eram vigiadas de noite as estradas por amigos gratuitos que o defendiam de alguma surpreza. [1]

---

[1] Não eram summamente espontaneas as vigilantes sentinellas que resguardavam o general. Tenho á vista uma *ordem circular* que elle enviou aos regedores das freguezias cortadas pela viação de Braga e Guimarães a Vieira. Diz assim: «O regedor de... faça pôr guardas na estrada, por que me informam que a tropa quer fazer sortida para me prender, o que é um signal evidente que estamos mettidos com Ladrões como até agora, por que me querem perseguir

Com effeito, o conde das Antas entrou em Vieira no dia 15 de setembro, ás 11 horas da manhan, acompanhado do Silverio, governador civil e do conego Montalverne. Sosinhos os trez temerarios? Ia mais alguem. O batalhão de caçadores 7 entrou de manhan a sondar o terreno. Depois, o batalhão de infanteria 6, caçadores 2, cavallaria municipal, e uma legua á retaguarda ficou infanteria 7. Ao todo 1600 praças para parlamentar com o Protector. «Foi o Antas (escreve ufanamente o padre) o que de todo o reino me honrou mais, indo visitar-me a Vieira com tamanha força, e tomando todas as precauções militares, como se tivesse a bater-se com um grande exercito, no tempo em que eu passeava em Vieira acompanhado por dois ou trez rapazes.»

Padre Casimiro, reconsiderando o plano de arrancar as medalhas do peito do conde, fugiu para a crista d'um outeiro chamado a Cortegaça, onde o foram chamar amigavelmente para conferir com as authoridades militares e civis;

---

por eu acudir pelo povo. *Quando não faça o que lhe ordeno, será por mim asperamente castigado*, como inimigo do povo e da nossa Rainha. No caso que a tropa venha, quer de dia quer de noute, faça tocar os sinos a rebate. Vieira 8 de julho de 1846. Do General de Armas do Minho acclamado pelo Povo. *O padre Casimiro José Vieira.*»

Documento impresso no *Periodico dos Pobres* de 19 de julho.

que descesse do alto para elles não subirem a ingreme ladeira. Respondeu: «Eu não os chamei cá; nem tenho o menor empenho em que elles cá venham; por isso, tanto se me dá que subam como que desçam.» Parece uma passagem romana formulada no estylo concreto de Tacito.

E elles subiram, o Silverio, o administrador e uns familiares do padre. Rogaram-lhe que se apresentasse ao conde, e pedisse o que quizesse. Repelliu a proposta de despacho, e discursou largamente contra o estado das coisas, promettendo levantar todo o paiz contra o exercito, e destruil-o, se o Antas permanecesse em Vieira.

O governador civil então, o sensivel Silverio, *começou a verter lagrimas, condoido da desgraça do povo.* Depois foi chorar outra vez no seio do camarada do padre; e afinal, mais lagrima menos lagrima, convenceram-no a apresentar-se. Queriam que elle se vestisse seriamente de casaco para a conferencia. Disse que apenas tinha um casaco velho; mas, ainda que o tivesse novo, não largava a clavina e a cartuxeira, para, sendo preciso, *se divertir com a tropa um pouco.* E entrou armado e mais o camarada no quartel do conde, que o recebeu urbanamente sublinhando as cortezias com o riso sarcastico de quem ali se via, por ordem superior, face a face de um guerrilheiro tonsurado. Padre Casimiro prometteu despedir as massas,

expatriar-se de Vieira e não permanecer em Braga.

Desde o instante da concordia, um presentimento de morte proxima e violenta, punhal ou veneno, alanceia o padre, pusillanime deante do martyrio. Tem as syncopes da carne fragil que desmaia. Em trez paginas dolentes do seu livro soluçam umas plangencias das «Flores dos Martyres»:

...*E n'este tempo vieram alguns soldados vêr-me, e, passados dias, disseram-me que viera um entre elles que sahira vertendo lagrimas, e dissera consternado*: «*antes eu não te vira!*» *porque provavelmente sabia ou suppunha a sorte que me esperava, isto é, que estava decidida a minha morte*...

Se a pacificação do paiz impendesse da decapitação d'este sacerdote, seria elle capazmente idoneo para se dar em holocausto á patria afflicta? E' prudencia duvidar, embora elle haja dito que não o desfeiteava quem o matasse. O seu *chauvinismo* bem puxado não daria talvez uma 2.ª edição de

Codro nem Curcio, ouvido por espanto.

Idiosyncrasia de bode expiatorio não a tinha. Nos seus dialogos com as authoridades a respeito de miguelismo, denota muita manha, de que se gaba, para poder escapar ao arsenico administrativo ou á navalha de ponta dos janisaros.

Em conversação com o irmão do Antas e outros officiaes mostrava grande repugnancia em involver-se nos motins, e um forte desejo da paz e do seu repouso. «Todo o meu fim, porém, n'esta conversa, diz o finorio, era fazêl-os convencer de que eu estava morto por que terminassem os meus trabalhos, e que não queria metter-me mais em outros, para vêr se conseguia o não me propinarem elles o veneno, que eu presentia como certo.» Os velhacos não se convenciam da emenda do padre, e elle então *sentia-se cada vez mais triste pela lembrança do fim tragico que o esperava*. Com mèdo da morte já pensava em não ir a Braga e fugir para o Brazil; mas receava que o matassem cá no embarque ou lá ao desembarcar. Quando o levavam a Braga, palpitou-lhe *que ia ser assassinado, que o levavam á força para o matadouro*. Parece pois que o matarem-no já se lhe figurava, pelo menos, uma desfeita.

Em fim, o leitor d'estes commentarios verá na obra ementada, se ainda a não viu, a pertinaz sombra espectral da morte a perpassar deante do padre atribulado que já tinha, pelos modos, perdido a confiança na protecção divina.

1846, aquelle anno tragico, apenas deu á pintura historica um falso retrato da Maria da Fonte, com pujança de seios de vacca barrozan, pantorrilhas bojudas escarlates, dentadura anavalhada em attitude de morder, olhos assanhados,

e nadegas espheroides como a hypertrophia gordurosa de quadris semelhantes á steatipygia das femeas boschimanes da Africa. E' o mais que podia engenhar um pintor de historia portugueza, em eterna infancia da arte, á rasão de 10 réis por cada exemplar lithographico.

Padre Casimiro, com um pouco de desprezo da vida, podia ter conquistado a immortalidade do pincel do Roquemont ou dos irmãos Corrêas. Era deixar-se trespassar por uma selva de bayonetas no acto de arrancar os habitos do peito do conde das Antas. D'esta arte, ao mesmo passo que cumpria a promessa, grangearia uma celebridade talvez mais duradoura que o seu livro. O *Remechido* nada escreveu; e todavia tem uma pagina indelevel na historia das dedicações desgraçadas até ao heroismo. Foi a sua impavidez em frente do pellotão que o arcabusou. Elle tem tido a consagração da historia, do drama e do romance.

*

Eram corridos vinte dias de setembro — um dia sem sol, nuvens cinzentas conglobadas como fortalezas de gigantes pelos espigões das serras, uma nevoa espêssa ondulando, arrastando-se, de sobre os rios pelos almargeaes lamacentos, os sinos dobravam a finados n'esse dia, como é costume dobrarem todos os dias

em Braga — vingança dos mortos sobre os vivos! O presagio da morte, aggravado pela tristeza lugente do céo e da terra e do bronze, deu novos rebates de amargura no diaphragma do padre. Levado á presença do conde das Antas, que acabava de jantar, comeu arroz dôce, com a agonia do duque de Bragança, quando ao pé do cadafalso comeu figos lampos. Depois pediu vinho verde, verdadeiro vinho de enforcado para matar a sêde da afflicção. Foi-se buscar o vinho; e, como não viesse logo, a victima receou que lh'o estivessem empeçonhando. Bebeu impunemente, conversou com o conde e foi d'ali para o governador civil que lhe disse estar preparada a cama. O padre desconfiou que o leito fôsse o patibulo. Desculpando-se o melhor que poude, passou a visitar o general Almargem, um dos *principes da Synagoga*, diz o martyr vendo em si os passos da affrontosa paixão do Galileu em Jerusalem. Feita a visita ao general, sahiu a recolher-se, para pernoitar em casa do chapeleiro Lopes Leiria, e não conseguiu comer de entupido pelo pavor da morte. Pezava na casa o terror mudo de um jasigo de familia, quando bateu á porta o amigo Amorim.

Ia alta a noite, como nas baladas. O amigo vinha arrancal-o á morte — que fugisse sem demora. Fora da porta estava um sombreireiro que o foi esconder no palheiro de um surdo. Ao meio dia, deram-lhe um frango cozido que elle

não pôde engulir por que o queria guizado. A' noite mandou comprar um arratel de bolinhos e meia canada; mas ainda não pôde exercer esse acto insubstituivel da assimilação. Depois, chegou o Amorim e disse que estavam salvos os irmãos do padre que o tinham acompanhado, e a familia do chapeleiro onde elle se hospedára. E então, n'uma guinada de gaudio, tragaram os dois o calix da meia canada de amargura. Depois, caminhando á margem do ribeiro d'Este, recolheram-se em Braga, nos Pelames, em casa d'um realista, ao mesmo tempo que o *Antas arrancava as barbas de desesperado por que tinha mandado dizer para Lisboa que estava o melro na rêde*, affirma o padre zombando.

Constou-lhe no seu esconderijo dos Pelames que o conde, para o aviltar, divulgava que o fugitivo lhe offerecêra a correspondencia que tinha dos realistas. Padre Casimiro desmentiu-o em uma carta impressa no *Periodico dos Pobres*, escripta nos Pelames e datada artificiosamente no Porto. Falta nos Apontamentos este documento que encerra dois periodos honrosos para o signatario. [1]

---

[1] «... Logo que chegamos á falla, disse-me s. exc.ª que era forçoso retirar-me de Vieira, apresentar-me ás authoridades em Braga, e depois escolher local para residir, que não fosse Vieira nem Braga. Respondi que sim; e logo em seguida s. exc.ª deu ordem para a tropa retirar d'ali.

Além d'este documento, existe outro, tambem não inscripto nos Apontamentos, de mui decoroso desinteresse e rara honestidade. Como lhe constasse que o arguiam de extorquir dinheiro e generos que convertia em proveito seu, publicou nos jornaes, e nomeadamente no *P. dos Pobres* de 28 de julho de 1846, uma declaração sob o titulo de *Annuncio para beneficio meu e do povo*. Ahi se demonstra que elle recebeu:

Cumpri com effeito o meu promettimento, pois que no dia 20 me apresentei em Braga ás authoridades e immediatamente me retirei para o Porto, onde existo. *Consta-me agora que se tem espalhado boatos de que eu entreguei ou quiz entregar correspondencias relativas a negocios realistas e com as quaes compromettêra ou quizera comprometter varias pessoas. Cumpre-me porém declarar em abono da verdade, de minha honra e credito que nenhumas correspondencias entreguei, nem até fallamos em negocios de tal natureza. Mas ainda mesmo quando fallassemos e eu tivesse essas imaginarias correspondencias, eu não seria tão perverso e tão vil que ousasse entregal-as, por isso mesmo que nunca tive parentesco com Judas, segundo o gôsto moderno. S. exc.ª offereceu-me emprego e alguem instou comigo a que acceitasse; porém como não julgo os meus serviços dignos de recompensa, nem para ser empregado trabalhei, agradeço, mas não acceito; e só acceitaria poder voltar para minha casa e ali estar socegado.* Tanto pede quem é de v. amigo obrigado e criado. *O Padre Casimiro José Vieira.* Porto 29 de setembro de 1846.»

No acampamento do Bom Jesus.....	9$600
No acampamento das Sete-Fontes....	14$400
Do recebedor da decima de Vieira....	30$000
Do recebedor da camara.....	18$000
Somma...	72$000

E accrescenta:

Nada mais tenho recebido em dinheiro nem mandado pedir; por tanto, se qualquer pedir dinheiro em meu nome sem levar carta escripta toda pela minha letra, prendam-no que é ladrão.

Notem. Cinco mezes de manobras, de avanços, de retiradas, ora com um, ora com seis homens, já com trinta mil, de uma extremidade á outra de duas provincias, composição de estradas abandonadas na Geira para transitar a artilheria, polvora, balas, muniçoens de bôca e de pés para as massas, bebidas nervosas, aguardente, genebra, licores — tudo por 15 moedas! — isto é prodigio que transpõe os limites da frugalidade economica e penetra pelo supernaturalismo na região do milagre muito superior ao apparecimento metaphysico do Batoca em Basto.

Oliveira Martins, na *Historia da Civilisação iberica*, escreve que *a ninguem é licito já acreditar em milagres;* e eu digo ao incredulo publicista que a ninguem é licito duvidar d'este mi-

lagre das 15 moedas, reis 72$000, e muito menos ao meu douto amigo que lida com dinheiros pratica e theoricamente.

Eu, para a minha canonisação, antes queria este milagre que o do Batoca; e talvez aquella factura de reis 72$000 em cinco mezes de guerra bastassem como documento extrahumano para, no futuro, se instaurar o processo da beatificação do *Protector,* se elle, em um transbordo de atrabilis contra os cabralistas, não se responsabilisasse por sustentar á custa d'elles o 8 de infanteria — proposta realmente cerebrina e atacante da propriedade. Bem sabe o reverendo Casimiro que uma venialidade do orgulho prelaticio de dom frei Bartholomeu dos Martyres bastou para impedir que elle fosse santificado. Contra o acutiladiço dom Lourenço da Chamusca, tambem arcebispo primaz, allegou na curia o «o advogado do diabo», que elle na carta ao Geral de Alcobaça se gabara de ter matado em Aljubarrota o castelhano que o ferira. Pedro Arbuez, o inquisidor, tinha tido costumes mais innocentes e impollutos de sangue, por isso está santificado. Padre Casimiro não matou ninguem, honra lhe seja; mas o Batoca não lhe será sufficiente recommendação no collegio dos cardeaes.

PARTE TERCEIRA

O MIGUELISMO

Deixemos o padre Casimiro salvo e alapardado nos Pelames em casa do alferes Custodio, por uns vinte e tantos dias. Ahi se fica restaurando a sua quebrantada energia para um novo êxodo ás batalhas do Senhor, cujas chagas protege. O sangue depauperado por jejuns violentos regenerar-se-ha pela endosmose chylifera de globulos rubros, graças á copiosa alimentação plastica, azotada e fibrinosa, fornecida pelo dono da caza — um anjo-Custodio garantido — com o auxilio do bizarro pharmaceutico da rua do Souto, o capitalista snr. Pippa. Que os vindouros não desconheçam o nome do outro socio alimenticio. Logo volveremos a encontrar o padre no theatro da guerra, representando papel mais frizante com o seu genio politico.

*

São ignorados os exordios do pronunciamento miguelista de 1846. Os comparsas d'essa comedia, tragicamente finalisada, são quasi todos mortos; e entre todos houve um apenas que escreveu, já velho, as suas vivas reminiscencias dos trinta annos. Foi Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal, fallecido em Lordello do Ouro em 2 de janeiro de 1884.

Em 10 de junho de 77 me enviou de Pedroiços aquelle infatigavel trabalhador noticia particularisada, que eu lhe tinha pedido, da origem da revolta absolutista de que os historiadores impressos ou nada sabiam ou romanceavam a capricho. No seu estylo corrente, chão e desataviado—imagem genuina da sua alma—dizia-me o prestante amigo, depois da miuda historia: «Puz-lhe tudo isto o mais bem explicado que pude para d'aqui extrahir o que lhe fizer conta; mas como provavelmente V. não aproveita a centesima porção da estopada, se ella, depois de concluida a sua Maria da Fonte, lhe não servir para mais cousa alguma, peço-lhe que m'a devolva; por que, se Deus me der vida e saude, heide escrever a historia da revolução miguelista em 1846, e escuso de estar *a puxar pela memoria*. Com estes apontamentos vão-me

lembrando outros factos menos importantes e arranjo um livrito de 200 paginas. Mas, tome sentido: se faz tenção de aproveitar tudo ou a maior parte, não é preciso recambiar-me o *langaré*. Se mesmo quizer escrever de fio a pavio a tal historia do Macdonell, com as suas antecedencias e consequencias, dou-lhe todos os mais promenores que eu souber. Dou-lhe a minha palavra de honra que não tenho desejo algum de escrever a tal cousa; e só pelo gosto que eu tinha de que nada a tal respeito ficasse ignorado, como tem estado até hoje, V. faziame grande favor se quizesse escrever o tal livro; mesmo por que eu é mais provavel que nunca o chegue a escrever. Se houver 2.ª edição do *Portugal antigo e moderno*, todo o restante da minha vida será pouco. Escreva, escreva, meu filho, que pela sua penna.....
.....»

Viveu ainda seis annos; mas, antes do repouso necessario para esse trabalho, descançou na benigna podridão dos corpos alanciados pela dôr.

*

Na vasta bibliographia de opusculos relativos á revolução de 1846-47, principiada com a *Maria da Fonte* e concluida com o *padre João do Cano*, ultimo que depoz o bacamarte, ne-

nhum monographo veridico ou testemunha presencial deu noticia do mysterioso advento de Reinaldo Macdonell e da farça representada por tão extraordinario patife; por que só um dos inconscientes personagens da peça, Pinho Leal, podia escrevel-a com um franco e desassombrado sorriso da sua boa fé. Só elle nos podia contar como dois consules inglezes em Portugal receberam a bordo e agasalharam um subdito da rainha Victoria, um assalariado que veio a Portugal engodar alguns padres, capitães móres e uns pobres parvajolas famintos de Evora-Monte, em quanto Guisot, amalgamado com Costa Cabral, expunha ás nações alliadas o perigo da dynastia reinante.

Conheci, no Porto, ha quinze annos, Pinho Leal, com uma familia numerosa, a batalhar com a desgraça na primeira linha dos mais avançados para a indigencia. Escrevia elle o *Portugal antigo e moderno*, com escassos elementos archeologicos, ligeiro tirocinio d'esses estudos, sem expositores, vacillante no methodo, excursionando pelas bibliothecas e amontoando noticias topographicas, anecdoticas, genealogicas. Não achava, porém, no Porto quem lhe editasse a sua obra de fôlego muito avantajado á afouteza e aos cabedaes dos livreiros portuenses para quem a editoração aventurosa de um romance de 300 paginas, máo papel, era um arrojo que fazia chamar ao editor beneme-

rito das lettras — o *Michel Levy* portuguez, e protector indefesso da litteratura nacional.

Afóra o minerio esteril da intelligencia, Pinho Leal explorava e vendia veios metallicos mais ou menos problematicos, d'onde não auferia nenhum metal cunhado. Andou em negociaçoens com um empreiteiro de Lisboa, o Caldas Aulete, homem de lettras menos fallidas que as minas, por que era um homem solerte, critico e de muito espirito. Se lhe pagassem, Pinho Leal seria um millionario ahi até quatro contos, que elle chegou a imaginar realisaveis para publicar a sua obra redemptora.

Eram, pois, mais que precarias as condições do seu viver; e, assim mesmo, aquelle inquebrantavel animo, trinta annos acalcanhado pelo infortunio, nem para fallar da sua dissimulada miseria usava adjectivos dolorosos. Alegre, sempre um alegre conversador, no estylo d'essa carta que ahi está, e por onde quem não conheceu Pinho Leal lhe entrevê a indole lhana e folgazan. Sempre honesto, verdadeiro e incorruptivel á acção dissolvente da desgraça sobre as mais rijas almas. Pôde aguentar-se sem uma baixeza, sem um resvalo da honra — essa maxima santidade do pobre. Tinha appellidos de nobre estirpe, e conhecia-se que os presava sem jactancia, escorando-se n'elles para se manter no aprumo da honra com hombridade estoica.

Depois, como grangeasse editores em Lis-

boa, ahi o conheci vivendo em abastança relativa; mas sob encargos de trabalho intellectual que lhe enervavam as forças pela inacção da vida sedentaria. Ainda assim, jovialissimo, abraçando com effusão de lagrimas exultantes os seus amigos, convidando-os para a sua farta meza — que não era a somenos das suas delicias quando mais lhe cumpria contemporisar a atonia gastrica com a hygiene da sua antiga e abstemia temperança. Pois, apezar de lhe serem avaras as horas da escripta, dia e noite, para satisfazer ás exigencias dos editores, assim mesmo escrevia aos seus amigos cartas da extensão d'esta que forma as paginas menos fastidiosas do meu livro:

*

«...Vamos agora á historia da revolta puramente miguelista.

Tanto os realistas como os republicanos queriam especular com os tumultos do Minho, que em breve se estenderam a todo o reino, e puxar a braza á sua sardinha; mas os setembristas andaram mais depressa e foram mais finorios, attrahindo ao seu partido bastantes realistas gordos.

D. Miguel 1.°, na esperança de se pôr á testa do seu partido em Portugal, veio para Londres, onde nunca o deixava Antonio Ribeiro Saraiva que se tornou o seu braço direito. Foi este

quem, nos fins de julho de 1846, nos mandou para cá a bella prenda do decrepito imbecil e borrachão escocez Reinaldo Macdonell.

Macdonell veio para a Peninsula *no mesmo vapor inglez em que veio o Saldanha para se pôr á testa dos cabraes*. Este teve medo de fazer o seu desembarque nas costas portuguezas e foi desembarcar a Gibraltar, e de lá veio por terra para Portugal, mas disfarçado, por que já todo o paiz estava revoltado. [1]

---

[1] Attido a documentos que tinha presentes, impugnei que Macdonell tivesse vindo no mesmo vapor com Saldanha. Pinho Leal replicou asseverando a verdade da sua noticia com os §§ da seguinte carta: «Sei *com toda a certeza* que Saldanha e Macdonell vieram de Inglaterra no mesmo vapor. O proprio Macdonell me disse e a outros em Linhares que viera com elle, e gostara muito da sua companhia por ser um cavalheiro de muita instrucção e muito amavel. Saldanha era macacão, não quiz desembarcar no Porto, receando que os tripeiros lhe fizessem o mesmo que d'ahi a dois mezes fizeram ao Villa Flor, e foi navegando para o sul. O padre Luiz de Souza Couto é que me disse que elle desembarcara em Cadix; * mas o frei José da Graça que em 1846 morava no seu palacio de Melres, ** disse-me que o tal sujeito não tinha desembarcado em Cadix, mas em Gibraltar, e que n'esta praça é que se combinara a *emboscada* de 6 de outubro. Que o Macdonell estava combinado com os cabraes para nos atraiçoar, arranjando a intervenção estrangeira, isso é certo e mais que certo,

* *Este padre foi algum tempo logar tenente do snr. D. Miguel.*

** *Era um bonito palacio comprado pelo egresso ao morgado de Villar de Perdizes.*

Macdonell desembarcou no Porto, a 6 d'agosto, indo buscal-o a bordo o consul inglez do Porto *(Edwin Johnston)*, e um consul inglez da Figueira a quem a gente chamava *Lourenço Fuque (Fook)*, e que tinha um armazem de vinhos em Villa Nova de Gaya. Já se sabe — ninguem soube que era o Macdonell, senão os da panellinha, e foi habitar em casa do consul inglez. O Antonio Taveira (que V. certamente conheceu) tinha em seu poder 50 contos de reis

---

tanto que por varias vezes se lhe disse que não tinhamos armas nem chefes habeis nem outros recursos indispensaveis para deitarmos por terra uma dynastia, e que era urgentissimo unirm'o-nos aos patuleas; ao que elle sempre obstinadamente se oppunha, dizendo: — *Pois nós que somos monarchicos havemos de nos unir a republicanos? Então mais depressa nos devemos unir ao partido da rainha.* Em Porto-Antigo mandou fazer fogo ao Sá da Bandeira, quando vinha fugindo de Valpassos, e em Braga fizemos fogo ao Casal contra as suas ordens. Em Villa Real tinhamos uma força de 1:200 homens, e o Vinhaes estava a poucos kilometros de nós, em Constantim, com uma força muito inferior á nossa. Tinhamos a maior parte do povo da villa e dos arrabaldes a pedirem que o fossemos escorraçar, que elle nos ajudava, e o Macdonell nunca esteve pelos autos. A nossa retirada de Villa Real, por uma noite horrivel, de escuridão e chuva torrencial, a que nada nos obrigava, e com gentes sem capotes nem mochillas foi uma verdadeira porcaria e borracheira. Deixar-se matar em Sabroso foi por que entendeu que o Vinhaes (que sabia da falcatrua) o trataria com todas as attenções, e que a causa realista estava dada em Pantana...»

para o primeiro rompimento realista; e, se é certo o que ouvi dizer, foi a infanta D. Izabel Maria quem deu este dinheiro — esta grande fartura para uma revolução!...

Padre Luiz de Sousa Couto, paleographo da Misericordia, grande amigo do Ribeiro Saraiva, era um dos principaes maquinadores da revolta. Era natural do Torrão (Entre-os-Rios) e morava na rua de S. Sebastião n.º 1, quasi visinho do bom padre mestre Balthasar Velloso (que tambem V. devia conhecer, e até, se me não engano, foi um dos seus mestres, não sei de quê, quando constou que V. queria ser padre e mais o Camara Sinval.) Padre Luiz tomou conta da situação fazendo-se o *totum continens* da brincadeira.

No dia 6 d'agosto veio o Macdonell a bordo de um escaler inglez, acompanhado do tal Fook e do padre Luiz até Gramido — isto pelas 8 ou 9 horas da noite. Em Gramido estava um *rodeiro* (barco rabello sem *apégada*) tripulado por quatro estafermos. 1.º, o morgado de Pé de Moura, Manoel Ferreira dos Santos, que depois foi tenente-coronel commandante dos voluntarios realistas de Paiva; 2.º, Manoel Vieira de Andrade, de Fulgoso, que depois foi capitão do mesmo batalhão; 3.º, um fulano Mendes, alferes d'Evora-Monte, que morreu no combate de Braga, em 20 de dezembro de 1846, sendo ajudante do referido batalhão; 4.º, este seu creado

que, no 1.º de dezembro do mesmo anno, foi feito capitão da companhia de atiradores do batalhão de infanteria de Braga — que depois de ser regimento e se unir á Junta, teve algum tempo a denominação de *Fusileiros da liberdade*, e por fim *Regimento de infanteria 9*; e que, por ser organisado no quartel do Populo em Braga, nunca perdeu o titulo do *regimento do Populo*.

Não nos fiamos nos marinheiros e nós mesmos levamos o barco, arrastando-o com um cabo pelo rio, que estava muito baixo; pois, dos quatro só o morgado de Pé de Moura era o unico que sabia *nautica*.

Quando chegamos a Melres, estava no areal á nossa espera, frei José da Graça, grande amigo de padre Luiz, e alli estivemos em combinações, (e que combinações tão tôlas!) em quanto descançavamos nós, os *barqueiros*. (D'estes 4 parvos só existo eu e o Manoel Vieira de Andrade. Os outros dois, assim como padre Luiz, Fook, frei José da Graça e Macdonell tudo já está a fazer tijôlo!)

Pela madrugada do dia 7, chegamos á quinta de Linhares, na freguezia da Sardoura, concelho de Paiva. Esta quinta era e ainda é de Custodio Monteiro de Magalhães, que tambem foi depois capitão de voluntarios realistas de Paiva, e as casas erguem-se sobre uma penedia ás cavalleiras do Douro. Nós, os *barqueiros*,

chegamos mais mortos que vivos, e eu estive uns poucos de dias sem saber dos ossos nem dos membros.

Note que com o Macdonell vinham dois respeitaveis caixoens de cognac, aguardente magnifica, vinhos especialissimos da Hungria e França, e optimos licores. Vinhos dos mais escolhidos do Douro principiavam a chover em Linhares, assim como outros presentes. Mas não choviam só presentes: choviam pretendentes. O padre Luiz e frei José da Graça queriam ser bispos; o abbade de Boaças (irmão do capitão-mór Luiz do Amaral Semblano, de Nespereira) queria ser capellão-mór de el-rei; o dono da casa contentava-se em passar de coronheiro a correio-mór do reino; finalmente, aquillo eram *avalanches* de aspirantes a emprègos gôrdos e catadupas de ambiciosos de toda a casta. Basta dizer que um diabo muito estupido, chamado Manoel Antonio de Carvalho, de Lamego (da familia dos *Cacos*, nome bem cabido, por que elle era um refinadissimo patife e ladrão) casado com a filha de um tal Freitas, funileiro da Bainharia do Porto, e irman de outro funileiro tambem muito tratante de appellido do pai, não queria senão ser director da alfandega de Lisboa, e que o traste do cunhado tivesse identico emprego na do Porto. O caso é que, apezar do tal Carvalho ser um chapadissimo tôlo, teve artes de chupar ao Antonio Taveira 600$000 reis

para comprar todos os officiaes e sargentos de infanteria 9, pois que os soldados esses estavam ás ordens d'elle Carvalho. E lá alvorou com os 600$000 reis, que não o tornamos a vêr. O 9 de infanteria, esse vimol-o algumas vezes, mas a dar-nos fogo. Dinheiro para compra de armas que nunca appareceram, de cornetas, 7 por junto, chumbo para balas, e polvora para cartuxos, andou a rôdo, e cifra vale 10.

O alma do diabo do Macdonell estava por tudo, mandava dar dinheiro a todos, e fazia bispos, capellães-móres, correios-móres, e directores das alfandegas... o diabo! O José Maria d'Abreu (irmão de Francisco d'Abreu) e eu que estavamos feitos *alquitetes* do Macdonell, morriamos de riso; mas eu achava graça áquillo por que nunca na minha vida bebi tanto e tão bom.

A vida do Macdonell em Linhares era isto: pelas 9 horas da manhan berrava lá do quarto— *Damian! Damian!* Era o creado d'elle. Vinha o Damian e ia vestil-o. O escocez tinha no seu quarto certo numero de garrafas escolhidas; e, quando ahi pelas 10 horas, sahia do beliche, já trazia o contheudo de uma no papo, e vinha vermelho como um tomate maduro. Ia para a varanda da casa, que abria sobre o Douro, e alli dava audiencia aos pretendentes ou lia o *The Tablet*, jornal do tamanho de um lençol, com materia para um livro de 400 paginas. Ao meio dia, almoçavamos; e elle, durante o almoço,

contava suas anecdotas, que julgava engraçadissimas; porém, era a coisa mais insulsa do mundo. Nunca fallava senão hespanhol (e muito bem, isso é verdade). Dizia o brigadeiro Victorino José da Silva Tavares, de Fagilde, que depois foi quartel-mestre general d'elle, que o maroto sabia, mas não queria fallar portuguez só para não dar *senhoria* nem *excellencia* a ninguem. Parece-me que sim. O que é verdade é que elle tratava o visconde de Montalegre, (unico titular que lá foi) os fidalgos do Côvo e o Bernardino da Lama, e outros figuroens a todos por *usted*.

Depois do almoço, até ao jantar, ás 6 da tarde, outra vez varanda, *The Tablet*, e audiencia ás partes. E foi esta a sua vida até 12 de novembro — trez mezes e cinco dias!

N'esta conjunctura, chegou a Carvoeiro o capitão da Mota, patulea, com 75 armas e competente correame. Fui lá com uns poucos de pelludos, *roubei* tudo aquillo de noite, e fui esconder-me em um areal da margem direita do Douro. Mas isto foi feito sem barulho, sem vivorio, sem nada. Estavam lá 16 cabos de policia, futuros voluntarios da Mota, que todos me conheciam, de guarda ás armas. Mandei á casa que servia de *trem* o tal Mendes que morreu em Braga, ordenando-lhe que dissesse á guarda que nos entregasse aquillo por bem, aliás haveria pancadaria. Elle não disse isto. Chegou e disse

aos marmanjos: «Eu sou o administrador do bairro de Santo Ovidio, do Porto, e venho, por ordem da Junta, buscar o armamento e correame que para aqui veio hoje que é lá preciso; por estes dias virá outra partida». E os pelludos comeram-a e deixaram ir as armas.

Em outra occasião, poucos dias depois, fui lá (a Carvoeiro) por me dizerem que tinham chegado mais armas. Era pêta. Para não perder tempo, *passei revista* ás armas da guarda, e a todas as que levavam bala d'onça, deitei-lhes o gatazio e desandei. Em a noite de 10 de novembro soube que tinham vindo 100 armas, 100 correames, muitos cartuxos, pedreneiras e mais trapalhadas para Cabeçaes, a fim de armar e municiar uma *companhia franca nacional*, que não passava de uma quadrilha de ratoneiros bebados e poltroens. Fui com outro futuro official e 100 futuros soldados de voluntarios realistas de Paiva, na manhan do dia 11; mas as armas já estavam distribuidas e o maior numero dos que as tinham passaram as palhêtas. Só pilhamos 43 espingardas, não me lembra quantos maços de cartuxos, um alguidar de pedreneiras, duas cornetas, uma espada e um terçado. Tornamos a Cabeçaes pelo vêso; e, no dia 13, muito em segredo, chegamos ao romper do dia. Eramos ao todo 76. Mas nós a chegarmos, e a chegar do Porto o batalhão nacional de Francisco da Rocha Soares e 60 soldados do 6 de in-

fanteria. Ao mesmo tempo chegou da Villa da Feira o administrador patuléa José Soares Barbosa, da Arrifana, com mais de 200 cabos de policia, e de Oliveira de Azemeis Antonio Bernardo Pinto Basto com o batalhão nacional da sua villa que tinha mais de 300 homens. Já se sabe, largamos a fugir para Paiva, mas fazendo sempre fogo. Não matamos, nem ferimos, nem prisionamos ninguem. e safamo-nos muito frescos, por que os patuléas faziam-nos fogo de fuzil d'onde até estavamos fóra do alcance da artilharia de 48. Apezar d'isso, o *Ecco popular*, o *Nacional* e o *P. dos Pobres* do dia 14 disseram que fomos completamente derrotados, perdendo, *além de cento e tantos mortos, grande numero de prisioneiros* .....

.....

Como os patuléas berravam *Viva a Junta! Viva a causa popular! Viva o Antas! Viva o Passos!*, e era preciso que dessemos *vivas* a alguma cousa, entramos tambem a berrar *Viva o snr. D. Miguel 1.º! Viva a santa Religião! Viva o general Macdonell! Viva o Mimoso!* etc. Descobriu-se a meada, e o Macdonell não póde conservar por mais tempo nem o incognito, nem — o que lhe era mais custoso — o *dolce far niente*. Poz-se pois de nariz torcido, chamando-me estouvado, á frente de 470 homens que constituiam o batalhão de Paiva e Fermedo, uns de tamancos, outros de chinellos, uns com armas

de caçadores, outros com reiunas ferrugentas. Todos sem sapatos, sem burnaes, sem muchillas, sem guarda-fechos; mas em desforra levavamos sete cargas de cartuxame.

Em Sinfaens soubemos da derrota do Sá da Bandeira em Valpassos, dos tiros que o major realista Figueiredo lhe tinha dado na Regua, e que vinham de escantilhão pelo Douro abaixo os restos da columna do Sá da Bandeira.

Macdonell mandou accelerar a marcha, e fomos dormir a Boaças, sobre a margem esquerda do Douro. Já alli achamos em armas ao sul do rio o capitão-mór Luiz do Amaral Semblano com uma forte guerrilha, e um tal Lobo com uns 40 homens da Gralheira e d'outras aldeias visinhas da serra de Montemuro. A gente do Lobo era pouca, mas valia por muita pela sua excessiva coragem e certeza dos seus tiros. Eram verdadeiros descendentes d'esses herminios indomaveis que tanto deram que fazer ás legioens romanas, e talvez descendentes do famoso Geraldo Geraldes e dos seus que eram d'esses sitios, e ahi construiram o famosissimo castello da Chan. (Veja o 3.º vol. do *Port. Antigo e Moderno*, pag. 178, col. 2.ª) Se se conseguisse formar um batalhão d'esta gente — o que não era facil por serem de terras pouquissimo populares — e disciplinál-o — o que ainda seria mais difficil — era com toda a certeza um corpo temivel; mas, se não tinha rigorosa disciplina

a guerrilha do Lobo, eram bravos e fieis, e nunca em toda a guerra praticaram o menor roubo ou maleficio.

Ao norte do Douro estavam tambem já em armas um tal Montenegro com o chamado batalhão de voluntarios realistas de Bem-viver composto de 120 homens, e o chamado batalhão de Bayão composto de 200 estafermos da pelle de seiscentos diabos commandados pelo coronel Medeiros, convencionado d'Evora-Monte. Mas, tome sentido, tanto o Semblano, como o Lobo, como o Montenegro, como o Medeiros pozeram-se em campo por que souberam que nós estavamos em armas na villa de Sobrado, e não por que tivessem para isso ordem de pessoa alguma. Sempre será bom dizer-lhe, para lhe contar a historia com a maxima exactidão: —quando nós (quando digo *nós*, entenda-se a guerrilha do Macdonell) atravessávamos a freguezia de Sinfaens, fomos mimoseados com uma descarga que não feriu ninguem, pelos sete irmãos, os *Suissos*. Eram patuléas. Dois formados em direito (Victorino e Hygino) e os mais eram... nada. Foram corridos.

Estavamos em Boaças, no dia 18 de novembro de 46. Ao amanhecer, vimos subir o Douro um barco com tropa. Eu *estava de dia*. Mandei esconder atraz de paredes, arbustos e silvêdos os piquetes que na vespera tinha collocado na margem do rio e as suas respectivas sentinellas

com ordem terminante de não darem um só tiro sem aviso. Escondi-me na praia atraz de uma barraca de pescador. Do barco sahiu um official e alguns soldados da guarda municipal do Porto e estes principiaram a acender lume para fazer o almoço. Sahi do esconderijo e fui ter com o official. Era o coronel Gromicho Couceiro, de artilheria, que mais tarde foi ministro da guerra. Disse-lhe que estava alli uma força realista de 500 homens commandada pelo general Macdonell; que, pouco mais acima, estava o capitão-mór de Nespereira com 200 guerrilhas, e pouco mais abaixo o Jeronymo da Escalleira com 100, e na margem opposta as guerrilhas de Bayão e Bemviver. Contei-lhe a derrota de Valpassos, que elle ignorava, e disse-lhe o mais que havia. O homem ficou tão surprehendido da derrota dos seus, e da traição do 3 e 15 de infanteria, como de estarem em armas os miguelistas e que alli estivesse Macdonell. «V. S.ª vai desenganar-se já — disse-lhe eu — pois vou apresental-o ao general». — Então, visto isso, estou prisioneiro dos realistas? — e ia entregar-me a espada. «Não senhor; *nós* não fazemos prisioneiros, por que não temos por em quanto onde os guardar, nem nos faz conta andar com impecilhos. Tenha a bondade de conservar a sua espada e venha desenganar-se.»

Fomos para casa do abbade de Boaças, e apresentei o Couceiro ao escocez que o tratou

com as mais delicadas attenções e defferencias. Convidou-o a tomar o partido do snr. D. Miguel 1.º. Couceiro respondeu com o desassombro, dignidade e cortezia de um soldado portuguez, pouco mais ou menos o seguinte: «Não tomo o partido do snr. D. Miguel por duas razões: 1.ª, por que sou republicano; 2.ª por que entendo que é uma imprudencia pôr-se em campo o partido realista, e isso só fará com que os Cabraes triumphem, pois que a Hespanha, França e Inglaterra intervirão forçosamente, por se dar o caso previsto no tratado da quadrupla alliança de 22 d'abril de 1834. Se quer que lhe falle com franqueza, estou mesmo convencido de que esta revolta miguelista foi surrateiramente promovida pelos irmãos Cabraes e pelo Saldanha, na esperança de abafar o movimento popular com a intervenção estrangeira.» Macdonell não insistiu. Convidou o coronel a almoçar, o que elle recusou delicadamente. Disse-me então o Macdonell: «Vá pôr este snr. a bordo e veja lá que a nossa gente se porte com o respeito devido a tão distincto official.» Couceiro, agradecendo, acrescentou: — Parece-me que não é precisa a recommendação de V. Ex.ª, todos os homens armados que encontrei no caminho me trataram com o maximo respeito, e por isso lhes dou a minha palavra de honra que, n'esta guerra, qualquer que seja o tempo da sua duração, não combaterei contra os realistas.

E cumpriu a sua palavra.

Mesmo assim, pelo que desse e viesse, pedi ao José Maria d'Abreu, ajudante de ordens do Macdonell, que viesse comigo, e levamos entre nós o coronel até ao barco. Elle pelo caminho disse-nos: «Os srs. andam aqui a ser o joguete dos Cabraes, da rainha, do Saldanha, do Villa-Flor e d'outros que taes. O Macdonell veio de Inglaterra de sucia com o Saldanha, e muito provavelmente combinados para metterem os realistas n'esta arriosca e assim levarem a agua ao seu moinho...

Em vista da traição e derrota de Valpassos, Couceiro foi para o Porto no barco em que veio.

Da uma para as duas da tarde, começou a vêr-se descer o Douro alguns barcos carregados de tropa, que era o 13, restos da columna do Sá da Bandeira. Macdonell mandou passar para a margem direita a gente de Paiva, Fermedo e Gralheira, e ficar na direita Semblano e Jeronymo da Escalleira com os seus.

O batalhão de Paiva foi tomar posição em Ancêde e Portô-manso, estando na nossa frente, na margem opposta, as guerrilhas do Semblano, em Porto-antigo. O rio ia de monte a monte, e alli, que é muito apertado, corria com a velocidade de mais de 10 milhas por hora. Não queriamos fazer mal aos patuléas: o que queriamos era desarmal-os. Bem nos esganiça-

vamos a berrar-lhes: «A' terra! á terra!» Pois sim! Ainda que elles quizessem, não podiam por causa da rapidez da corrente. Então principiamos a fazer-lhes fogo; os barqueiros saltaram das apégadas e deitaram-se no soalho dos barcos, e quasi todos os soldados fizeram o mesmo, de maneira que os barcos voavam ao sabor da corrente. Parece-me que a sua velocidade era superior á das nossas balas. Quando passou o barco que levava o Sá da Bandeira, vimos distinctamente este velho, trôpego, surdo e manêta, empunhando o oculo com a mão esquerda, a examinar-nos com o maior sangue frio. Mas aquillo era um *quadro dissolvente* — era a passagem das regias sombras de Macbeth. Poucos instantes eram passados, e dos 13 barcos nem rasto! Pouca gente lhe ferimos e não matamos ninguem. Tivemos um homem morto, nenhum ferido, e um *capitão* e dois guerrilhas prisioneiros. O morto não pertencia a nenhuma das guerrilhas: era um pobre diabo de Ancêde que não tendo que fazer, se sentou n'uma fraga, mesmo á borda do rio, a divertir-se atirando aos barcos. Estava com um chapéo de palha, cercado de uma larga fita de lan encarnada. Vi-o morto. Era homem dos seus 30 annos. Veio uma bala e furou-lhe a testa, e nem disse *Boas noites*.

O aprisionamento do tal *capitão* e dos dois guerrilhas, teve muita graça. Estavam na mar-

gem direita, abaixo do ponto que eu occupava. Eram finorios por que escolheram um sitio onde o rio formava uma revessa, e os barcos passavam mais de vagar, rentes á terra. O *capitão* entrou a berrar que varassem, aliás lhes metteria os barcos a pique. Um barco que vinha a mais distancia do dos outros, teve medo e parou, ou os barqueiros, por serem realistas, fizeram varar o barco.

Saltaram em terra os patuléas para deporem as armas; mas, não vendo senão trez homens, agarraram n'elles e levaram-os para o Porto. Custou a leval-os inteiros e sãos até á Casa-Pia; mas alli, o Couceiro, mandou-os á tabua fazendo-os esgueirar pelas trazeiras, por causa da grande multidão de canalha que estava em frente da Casa-Pia.

Macdonell e o seu *estado-maior* que era o seu *quartel-mestre-general* Victorino José da Silva Tavares, o José Maria d'Abreu, seu ajudante de ordens, o morgado de Pé de Moura, e o major Antonio Luiz Moreira, não fizeram caso dos seus que ficaram a fazer fogo nos barcos nem nos disseram para onde iam, nem nos deram a minima instrucção. [1] Ao sol posto, como não vis-

[1] Antonio Luiz Moreira, ou *major da Crava*, tinha sido alferes de ordenanças durante o cerco do Porto, sendo ainda um adolescente, mas já dotado de grande coragem

semos barcos, nem tropa, nem inimigos por terra, fomos por ali fóra perguntando pelo Macdoneil até que, de madrugada, chegamos ao Marco de Canavezes onde o general e o seu estado-maior e a gente que não tinha entrado em fogo dormiam muito descançados da sua vida. A musica do batalhão de Paiva, não sei por quê, tinha-se perdido do corpo, e foram encontrar uns poucos de machos carregados de sapatos (2:000 pares) pertencentes ao Sá da Bandeira. Agarraram aquillo e trouxeram-o para o Marco, com dous soldados prisioneiros, por que o resto da escolta fugiu. Foi bem bom, por que a maior parte dos nossos soldados vinha de tamancos e chinelos, e alguns descalços. Ficou tudo calçado de sapatos brancos. No Marco apresentou-se-nos um sargento e mais dois soldados de cavallaria 7, aos quaes nunca se deu cavallos, e acompanharam o farrancho a pé, até

---

e força muscular prodigiosa. Este major foi o que em Braga, em 20 de dezembro d'este mesmo anno de 46, se bateu só, por muito tempo, com 3 cavallarias do Cazal, e só se deu por prisioneiro quando o Carlos Brandão de Castro Ferreri e o Anthero Albano e outros se chegaram ao pé d'elle e o convidaram a embainhar a espada. Os cabraes não o prenderam. Andou sempre com o Anthero, grande admirador da coragem do *Crava*, e foi seu intimo amigo até á morte d'este que foi ha cousa de dous annos.

que, depois da nossa juncção com os patuléas, se passaram para estes. O Macdonell e o Victorino eram tão imbecis que nunca tiveram uma unica ordenança, podendo ter um bom esquadrão de cavallaria como tinha o Bernardino, que o arranjou n'um instante.

Tornemos atraz — ao dia 18 de novembro. O Alberto Ferreira Pinto Basto, ou por falta de barcos ou por ordem do Sá da Bandeira, para proteger a gente que trazia embarcada, vinha por terra pela margem esquerda do Douro com o seu batalhão da Vista-Alegre, que eram uns pobres vareiros, armados e fardados, mas trazendo ainda carapuças pretas, em vez de bonés.

Foram cahir nas garras do Semblano, que os desarmou com a maior facilidade, sem ser preciso um sopapo. Apanhou 2 cavallos ao Alberto; um d'elles morreu poucos dias depois, com uma dôr — talvez dôr de se vêr com tão máos donos; e o outro, que era muito bonito, foi para o José Maria d'Abreu que até alli andava montado n'um cavallicoque que não valia 4 libras.

Chegamos ao Marco uns 600 homens, estivemos alli e em Canavezes tres dias, e quando sahimos para Guimarães já levavamos mais de 1:000 homens, advertindo que tinhamos mandado embora muito maior numero que se tinha apresentado sem armas, por as não termos para

lh'as dar, nem que lhes dar de comer, nem dinheiro para lhes pagar. As *praças de pré* do Macdonell venciam 160 reis por dia. Os officiaes, nada.

Estivemos dois dias em Guimarães, e apesar de deixarmos alli ao brigadeiro Luiz Leite de Castro mais de 600 homens, chegamos a Braga com 2:500. Se tivessemos armas, dinheiro e cartuxos, dentro de um mez tinhamos 100:000 homens; mas nada tinhamos — nem sequer um chefe que prestasse.

Em Braga, juntaram-se-nos as guerrilhas do padre Casimiro (mais de 2:000 homens), as do abbade de Priscos, as do padre Manoel das Agras, e outras. Com gente de Braga tambem se formou um batalhão que verdadeiramente nunca passou de *relaçoens;* por que, em 20 de dezembro, tendo já mais de 400 homens, nem um unico estava fardado ou armado. Com a charrafusca d'esse dia deu o tal batalhão em agua de bacalhão. A Braga foi dar tambem o Antonio Carlos de Castro, do Côvo, que foi feito ajudante de ordens de Macdonell. A poder de muitas teimas com o general e com o Victorino organisou-se no 1.º de dezembro, no quartel do Popolo, um batalhão de infanteria de linha com praças de pré apresentadas ou prisioneiras, de cabraes e patuléas, tendo por alferes rapazes de boas familias, e d'ahi para cima officiaes da convenção d'Evora-Mon-

te. Eu fui feito capitão de atiradores d'este batalhão.

D'aqui por diante sabe tudo V.....» [1]

*

Estando padre Casimiro ainda escondido, foi acclamado D. Miguel em Vieira pelo *padre João do Cano,* cuja bravura o *Protector* encarece; mas não se esquiva a censural-o pelo arrôjo intempestivo da acclamação, sem auctoridade nem influencia pessoal.

O ousado guerrilheiro não era padre. Chamavam-lhe *padre* por que fizera alguns estudos preparatorios para esse officio. Quanto ao cognomento de *Cano,* isso ajoujaram-lh'o por elle morar em Guimaraens na rua d'aquelle nome nada hygienico, e que está reclamando um municipio desinfectante.

Chamava-se João Baptista Rebello Pereira.

Na sua primeira mocidade, tinha sido aprendiz de pentieiro. Era um modo de vida bastante duro como a materia prima dos seus artefactos

[1] O restante d'esta carta já foi trasladado na *Brazileira de Prazins.* Foi uma providencia de Pinho Leal que, em Guimaraens, salvou os seus correligionarios de uma sangria mais copiosa que a de Braga.

para quem tinha aspirações ás molles suavidades de mais lustrosa carreira. O Leite, fidalgo do Cano, sympathisando com o moço, abrira-lhe a vereda das lettras sagradas, preparando-o para o sacerdocio. Porém, como se interpozessem estorvos, que ignora, á continuação dos estudos, o João limitou a sua hierarchia ecclesiastica a fazer-se nomear sacristão da egreja de S. Domingos; e, como soubesse latim sobejo para afugentar demonios, deu-se ao exercicio dos exorcismos com grande reputação e bons emolumentos.

N'este util e rendoso mister o encontrou a revolução do Minho. Pôde tanto com elle o patriotismo que, abrindo mão dos demonios, voltou-se contra os malhados. A mesma coisa, pouco mais ou menos, lá para elle. Enorme devia ser, porém, a exultação no Tartaro, quando as legioens de Lucifer se viram desaffrontadas do sacristão de S. Domingos, e conseguiram assim tomar posse de Guimaraens desassombradamente!

Este guerrilheiro foi o ultimo cabecilha a largar as armas, como depois veremos.

Decorridos poucos annos, succedeu na casa do Cano João Peixoto de Bourbon da Silva Almeida Macedo e Carvalho, actual visconde de Lindoso, que veio de Alemquer residir em Guimaraens. João Baptista continuou a frequentar a casa do defunto fidalgo que o tinha levantado

do inglorio fabrico dos corneos pentes de 30 reis, e pela porta da sacristia o guindára, como um personagem de Milton, até ás archangelicas batalhas com o inferno, e d'ahi á commandancia de guerrilhas não menos infestas ao demonio da liberdade.

João Baptista começou a requestar a fidalga Bourbon, irman do visconde; e, dominando triumphantemente o anjo amado, segurou-a pelo coração como agarrava o diabo pela cauda. E casaram-se. Depois, João do ex-Cano retirou-se para Alemquer com a esposa, e lá vive no goso dos seus haveres, amnistiando os velhos demonios que o temiam, e que elle execrava, talvez, por lhes vêr na cabeça as excrescencias odiosas de que fazia os pentes na sua reles juventude.

*

Outro general.

Entre 15 e 18 do mez de outubro (46) appareceu em Braga um sujeito hespanhol, da provincia de Galliza, que dizia ter tido patente elevada no exercito de Carlos V capitulado em Vergara. Chamava-se D. Santhiago Garcia y Mendoza. Parte dos realistas bracarenses acceitaram-o como enviado de D. Miguel, e alguns mais patáos, em Guimaraens, onde elle primeiro estivera, beijaram-lhe a mão na hypothese de

que fosse o rei disfarçado. Contava D. Santhiago esse caso comico e verosimil na Guimaraens de ha quarenta annos, onde a Idade-media, foragida do restante da Europa, exhalava, n'uma cachexia senil, os derradeiros suspiros nos braços da collegiada e dos fidalgos do Cano.

Mostrou o hespanhol desejo de encontrar-se com o padre Casimiro, ainda occulto a esse tempo. Uma familia legitimista proporcionou em sua casa o encontro, de noite. O padre, como o visse muito rapaz e imberbe, não pôde acreditar que se desse a tão juvenil figura a melindrosa missão de dirigir com mão armada a conquista da legitimidade. Figurou-se-lhe Santhiago ter pouco mais de vinte annos. Calculara erradamente. Pinho Leal, que o tratou então, conjecturava melhor: *Eu lhe digo — quando nós chegamos a Braga, no fim de novembro de 1846, estava alli á frente de uma guerrilha miguelista o tal D. Santhiago Garcia y Mendoza que se apresentou ao Macdonell dizendo que era general carlista da convenção de Vergara. Era um rapaz bem parecido, aceiado, parecia gallego, e fallava menos mal o portuguez. Teria 30 a 35 annos de idade, e era muito estimado dos realistas bracarenses.* [1]

---

[1] Pinho Leal refere n'esta carta de 22 de outubro de 1882 as atoardas que circulavam muito injuriosas para

Garcia, depois de um dialogo preparatorio, elogiou o padre chamando-lhe *Cabrera de Portugal*. Passados dias, reuniram-se n'outra casa, e combinaram ir no dia seguinte a Vieira ajuntar o povo para atacar o batalhão dos Sirzinos que guarnecia Braga.

Pelo escuro de uma noite tempestuosa, montaram a cavallo quatro conspiradores, e partiram. Além dos dois generaes, ia o hospedeiro José Custodio dos Pelames, promovido a ajudante de ordens de D. Santhiago, e o José Maria, da Rua Nova, aquelle lacrymavel José Maria, fallecido ha tres annos, sempre no baluarte da imprensa catholica, sacrificando dinheiro e trabalho insano a uma esperança que, na hora do trespasse, lhe seria ainda uma saudade pungitiva. Quem não dará prantos aos martyres sinceros de todas as convicçoens? Meu pobre morto, eu te envio este *vale* compassivo em paga dos insultos que os teus jornaes me liberalisaram, e a tua consciencia e algibeira de catholico pagaram a razão de — tres linhas, 5 reis —

Santhiago. Não as reproduzo, por que o arguido já não pode defender-se; e eu, que muito quizera honrar-me na defeza da sua memoria, não tenho elementos. Dizem-me que tão destramente rebatera as pontoadas da calumnia, que sahiu invulnerado na honra; mas não me indicam o periodico em que repellira os aleives allusivos á sua vida politica em Hespanha.

e era caro, meu bigodeado defunto, era caro, palavra de honra!

E os quatro conspiradores, ao romper da manhan, ouviram missa no Geraz, e foram reunir-se, em Frades, ás guerrilhas do padre Manoel da Agra e do padre João do Cano. No dia seguinte, convergiram ás Chans as tres hostes clericaes. Ahi appareceu D. Santhiago fardado de general, José Custodio de capitão de cavallaria, um estado maior de sujeitos em eguas com espadões e botas á Frederica, a musica de Calvos a bufar o *Rei-chegou*, as legioens formadas, *uma vista de respeito*, diz o chronista. O general hespanhol fez allocução ás massas, a incutir-lhes coragem no ataque aos Sirzinos. Um effeito doido!

Marcharam sobre Braga durante a noite. De madrugada, Santhiago parou, a meia legua distante da cidade, e mandou avançar dois padres, o do Cano e o das Agras, e que atacassem o quartel dos Sirzinos. Mais tarde, destacou padre Casimiro com vinte homens a proteger a retirada das duas forças que perigavam em lucta muito desigual. Padre Casimiro queixa-se injustamente de Santhiago que o fizera passar de *Cabrera-portuguez* a cabo de esquadra; apoda-o por isso de *general-creançola;* e parece querer demonstrar estrategicamente, e á vista da grande mortandade dos populares, que o Santhiago, em arte da guerra, estava muito áquem do

Principe-Negro, de Turenne e de Napoleão I. O despeitado *Cabrera* intendeu ao arrepio a conta lisongeira em que o general o tinha, dando-lhe vinte homens que, sob tal capitão, valiam duzentos; mas

O capitão que não cahia em nada,

como disse o epico, desabona grandemente a pericia do general.

A fallar verdade, o leitor, combinando as manobras alvitradas pelo «Defensor» no gabinete, depois da derrota, reconhece que D. Santhiago não tinha a bravura do santo apostolo do seu nome, tão façanhoso em batalhas de Castella. Dir-se-ia que Braga se lhe figurára uma Barataria de facil conquista como o pacato Pança queria obter os seus dominios. Tudo que nos vem extraordinario de Hespanha tem lá o seu typo enkistado na historia. D. Garcia, quanto á guerra, era dos Sanchos.

Como quer que fosse, as cohortes com os respectivos clerigos fugiram, costa acima do Bom Jesus. Garcia, uma vez, soffreou a egua espavorida, sobre espravonada, que pela andadura bem parecia raça das antigas eguas lusitanas que, segundo Varrão, Columella e Plinio, concebiam dos zephiros. E, aprumando-se no cellote, com a espada nua, exclamou: *Padre Casimiro, abajo!* E o padre, bradando: «Deus

é comnosco!» com pouca corrupção o «Deus o quer!» dos cruzados, foi *abajo,* e metteu os Sirzinos na cidade. Depois, por falta de polvora, retirou com a columna para o santuario do Senhor do Monte, onde o general arengou de novo para lhes dizer que se arranjassem como podessem a respeito de quarteis, e voltassem no dia seguinte quando o sino tangesse a rebate. De resto, pouca eloquencia, muita fome, muito frio e muito medo. N'aquelle tempo, para se obter um quartel rasoavel no Bom Jesus, era preciso desalojar os judeus de páo.

A' meia noite, aconselhados por padre Casimiro, fugiram, receando ser apanhados de manhan. Com a natureza do *Protector,* como temos visto, não se dava o «quem me dera morrer» de S. Paulo, *cupio dissólvi.* Aquelles bravos padres e leigos *rebentavam... de força,* como diz d'um portuguez a comedia hespanhola.

Como a noite era tenebrosissima, padre Casimiro cahiu de chofre em uma pôça onde tomou, conta elle com resignação faceta, *um banho geral a todo o corpo, remedio tonico e refrigerante que podia curar de prompto qualquer irritação hemorrhoidal a mais assanhada e renitente...* Ensaios de hydrotherapia que valiam bem uma victoria, e depois lhe aproveitariam nas suas escandecencias posteriores e ulteriores.

E o certo é que, se não fogem, *eramos mortos pelos Sirzinos,* confessa o «Protector das 5

chagas», aliás muito infelizes com tal protecção, pelo que se vê e verá.

Padre Casimiro foi para Vieira organisar batalhoens; os outros padres debandaram: e Santhiago, logo que os Sirzinos evacuaram a cidade fugindo a Macdonell que se aproximava de Guimaraens, entrou em Braga, e começou a organisar o batalhão do Pópulo.

Macdonell, quando D. Garcia y Mendoza se lhe apresentou fardado de general, não gostou do individuo e intimou-o a largar o commando que se arrogara indisciplinarmente. A razão d'este desagrado é clara. O escocez removia, como perigosos, todos os influentes miguelistas de boa fé que o collocassem na posição de defender-se de um ataque em forma. *Não sei porque*, (escreve-me Pinho Leal) *embirrou com elle; nunca o quiz empregar em cousa nenhuma, e até deu ordem para que fosse preso; mas o quartel-mestre-general Victorino José da Silva Tavares avisou o gallego a tempo e elle fugiu para Guimaraens.*

E já agora acompanharemos o guerrilheiro exautorado D. Santhiago Garcia, na sua peregrinação variamente afortunada, no transcurso de trinta e oito annos, até 1884, em que elle morreu funccionario e honesto cidadão portuguez.

*

Era um rapaz galante este hespanhol. Inculcava homem de côrte, feito nas sallas, sem os excessos mezureiros dos adventicios que estudaram a urbanidade em compendios escholares. Possuia o francez com perfeição. Conhecia o latim; e, de fundamento, a litteratura do seu paiz. Fallava a nossa lingua com a nitidez possivel a um hespanhol; e, poucos annos depois, escreveu limpamente um livro em portuguez, que poderia ser classico para bastantes litteratos indigenas. Mas a sua invejavel superioridade era em uma cadeira defronte de um sophá, onde se recostasse uma senhora, quer velha digna de respeito, quer nova benemerita de lyrismo. Fazia-se estimar na selecção das coisas serias com que entretinha a educadora de filhos, e nas frivolidades amaviosas com que chegava ao coração das solteiras pelo encanto dos ouvidos.

Nutrido em excesso, herculeo nas espaduas, pulsos pennugentos, pescoço taurino, proeminencia abdominal, isto não implicava á flexuosidade gracil dos meneios cortezanescos. De casaca azul, gravata e luva branca, chapeu de pasta, com os cabellos frizados e as guias do espesso bigode negro cofiadas, tinha, encostado aos pianos, umas attitudes estatuarias que para não serem irrisorias careciam da sua grande e genial naturalidade.

Ao retirar de Braga, hospedara-se em Guimaraens, na casa do visconde da Azenha.

D. Emilia Corrêa, irman do visconde e da condessa de Basto, era uma dama primorosa, na florecencia das graças, deslumbrante de garbo e elegancia que dispensava os realces da formosura. Passava dos trinta annos; mas não seria o seu condão magnetico mais penetrante aos desoito. Contava-se que esta fidalga tinha injectado hypodermicamente no peito do snr. D. Miguel 1.°, quando elle em 1832 veio ao norte visitar e galvanisar o seu exercito alquebrado, uma paixão em que entrava muito da alma immaterial e bastante da *outra*, a outra do conde Xavier de Maistre — bem sabem, a *bêsta*. Segundo os habitos naturalistas d'aquelle infante, é de presumir que o musculo de aço da sua compleição de toureiro prevalecesse ás transcendencias ethéreas.

D. Santhiago Garcia y Mendoza amou esta dominadora mulher, e foi amado com a violencia arbitraria, decisiva de um caracter forte, emancipado de preconceitos nobiliarchicos. E elle, á maneira dos fidalgos primaciaes das Hespanhas, não se considerou desairado matrimoniando-se com a amante de um rei. As amasias dos Sanchos e Affonsos, as Paes Ribeiras e Fornellos, todas haviam casado com ricos-homens de pendão e caldeira.

O patrimonio de D. Emilia Corrêa, pouco

importante na proporção da jerarchia, era em Ponte do Lima e arrabaldes, predios rusticos e urbanos. Afim de se aproximarem dos seus haveres, estabeleceram os noivos a sua residencia em Vianna, por fins de 1848.

N'este anno, organisava-se o partido realista pela creação de uma sociedade secreta chamada *Ordem* ou *Sociedade de S. Miguel da Ala*, cujo grão-mestrado exercia o snr. D. Miguel de Bragança. A casa capitular, o cerebro pensante funccionava em Lisboa, no Largo do Intendente, e d'ahi, por uma grande circumferencia, irradiava-se pelas provincias em dezenas de conventiculos, onde estava inscripta e juramentada a maxima parte da clerezia com a numerosa phalange da nobreza hereditaria das aldeias. Havia centros legitimistas provinciaes com as suas loco-tenencias. Refervia pois clandestino um enorme vulcão de enthusiasmo que nem sequer fumegava.

D. Santhiago Garcia, em Vianna, cooperára na instauração da sociedade secreta, em harmonia com Ventura Reimão Malheiro, com o commendador de Malta Antonio Taveira e outros que derivavam o seu sangue descraziado de Guadalete e das thiuphadas dos reis godos Favila e Theodofredo.

Estas manobras, com quanto secretissimas, não vingaram passar despercebidas ao faro da authoridade superior do districto.

Era então governador civil Thomaz d'Aquino Martins da Cruz, um pedreiro livre muito calejado em dissimulações maçonicas, e já em 1823 notabilissimo em Coimbra na loja dos *Jardineiros* ou dos *Chicaras*, juntamente com o *Bacorinho*, alcunha que então deram a Almeida Garrett. Foi n'esta loja dos *Chicaras* que o padre José Duarte Beltrão descobrira horrorisado *uma atmosphera;* e por isso, em nome da religião, pedia a D. João VI que degradasse aquelles pedreiros livres para *as Siberias*. Contava aquella magestosa besta pelo menos duas Siberias á ordem de D. João VI. [1]

O ministro do reino provavelmente foi infor-

---

[1] A representação dos povos redigida pelo padre Beltrão rematava lyricamente d'este feitio:

Esta administração
Ao senhor D. Miguel entregue
Fará tudo decidir em breve.

Este o unico modo
Porque o recto infante
Perante Deus e os homens
Em pouco ficará triumphante.

A forca em bolandas
Andando apressada,
Da atroz pedreirada
Acabe as demandas.

Veja ENCYCLOPEDIA DAS ENCYCLOPEDIAS, diccionario em publicação, art. *Maçonaria*.

mado pelo governador civil da attitude revolucionaria de Santhiago. O conspirador hespanhol tinha-se arvorado general em Braga, dous annos antes: cumpria expulsal-o do reino — a maxima deferencia que o ministro podia prestar ao cunhado, visconde de Azenha, vulto importante nas luctas eleitoraes.

Em 29 de outubro (1849), o administrador Manoel José Gavinho, muito celebre n'aquelles dias, com ordem de Thomaz d'Aquino, prendeu D. Santhiago Garcia y Mendoza em sua casa, conduziu-o á cadeia, e no dia seguinte, com uma escolta de infanteria 3, remetteu-o ao castello da Foz onde entrou no dia 1 de novembro. D. Emilia Corrêa, posto que não fosse preza, acompanhou o marido. [1] O *Periodico dos Pobres* do dia 9 dizia que continuava a prisão do snr. Garcia, subdito hespanhol, esperando embarcação para sahir do reino. Louva o procedimento da esposa que o acompanha incessantemente, e o das familias distinctas que a tem ido visitar ao castello, bem como o proceder do governador, barão de Grimancellos e sua familia que se desvellavam em prestar ao prezo todas as commodidades.

No dia 29 de novembro, D. Santhiago fugiu do castello. O *Nacional* considera menos cava-

[1] *Nacional* de 2 de novembro de 1849.

lheira a fuga, visto que o governador lhe dera o castello por homenagem. Presume erradamente a mesma folha que D. Emilia Corrêa ficasse na prisão. [1] O *Defensor* de 31 de novembro noticiava a captura de D. Emilia em Lessa. O *Nacional* reprova a iniquissima prisão. Allega ser direito natural esforçar-se um preso para vêr-se em liberdade, dado que, n'este caso, as leis do cavalheirismo fossem postergadas. Aconselha as authoridades a que apressem as averiguaçoens, se tem que as fazer, interrogando a senhora preza; porque o retêl-a em custodia é menos constitucional e muito despotico. [2]

No dia immediato, o *Nacional* publica um *Communicado* que repelle o labéo cuspido á honra e cavalheirismo de D. Santhiago Garcia de Mendoza, detido em custodia, e intimado a sahir do reino, como se tivesse algum compromisso de honra com o governador, e por força do qual não devesse evadir-se da prisão. Ahi se declara positivamente que D. Garcia *nunca viu nem fallou com o governador, ausente durante a sua prisão; que do governo do castello estava incumbido um commandante em segundo. Todos os que tem conhecimento do snr. D. Garcia,* conclue o articulista, *farão a justiça de acreditar que, co-*

---

[1] *Nacional* de 30 de novembro de 1849.

[2] *Nacional* de 1 de dezembro de 1849.

mo cavalheiro, não era capaz de faltar á sua palavra de honra, se por ventura a houvesse dado.

Era esta a verdade que ninguem contestou. A fuga de Santhiago não causou susto ao governo, nem surpreza ao governador do castello, nem moveu a policia na pista do fugitivo. Podia crêr-se que lhe abriram a porta do carcere. O conde de Thomar era grato aos miguelistas que haviam rasgado a brecha á intervenção.

D. Emilia foi juntar-se ao esposo em Guimaraens, jornadeando menos accelerada que elle, depois de repousar em Lessa da fadiga nocturna ao longo do littoral por sobre areia empapada de chuva. E, decorridos alguns mezes, os ditosos conjuges regressavam á sua casa de Vianna, onde demoraram mais de um anno tranquillamente. Depois, transferiram para casa propria, em Ponte do Lima, a sua residencia.

No transcurso de vinte e tres annos passados em Ponte do Lima, Santhiago regrou o seu comportamento pela pauta da restricta probidade, com umas ligeiras verduras outoniças de coração, longe da vigilancia da esposa. Um cavalheiro da sua visinhança e convivencia, n'aquella terra, inaltece o caracter do esposo que se submettia á privação de regalias pessoaes para que a esposa fidalga as não experimentasse: ...«Com relação á vida particular d'elle posso dar conta a v. pelas impressoens que me deixou de vinte annos a esta parte. O seu pro-

ceder não desmereceu do logar de cavalheiro que occupava na sociedade. E, se as privações a que teve de sujeitar-se, antes de ser nomeado consul de Marselha, lhe abateram o orgulho, nunca poderam influenciar no animo d'elle, a ponto de deixar de facultar a D. Emilia Corrêa os meios necessarios para se apresentar em publico e em casa á altura do seu nascimento, destinguindo-se sempre entre as outras senhoras já pela sua *toilette*, já pelas suas maneiras distinctas.»

*

Em 1866 veio D. Santhiago Garcia a S. Miguel de Seide lêr-me alguns capitulos de um manuscripto que n'esse mesmo anno publicou, intitulado *A agua, compilação dos principaes elementos de geologia para o descobrimento dos mananciaes aquaticos, por D. Santhiago Garcia de Mendoza. Porto, 1866.* Desejava elle ardentemente ser socio correspondente da academia real das sciencias. Escrevi ao meu querido mestre e amigo Antonio Feliciano de Castilho, enviando-lhe alguns exemplares do livro para serem appresentados na academia com a proposta. Foi Garcia de Mendoza votado por unanimidade, e d'esse feliz exito lhe adveio um jubilo extraordinario que eu não podia perceber, por me faltar, penso eu, o plexo sensorial academico.

N'esse tempo escrevia elle um periodico chamado o *Lethes* em que avultavam artigos dignos de mais larga e intelligente esphera de leitores; por que lá em cima, no Alto-Minho, tudo aquillo era uma gente esquecida da lettra redonda, ainda antes de passar o *Lethes*... pelos olhos.

Residia Santhiago temporadas em Lisboa, quando andava requerendo um consulado. Por carta patente de 2 de julho de 1873 foi nomeado emfim consul portuguez em Marselha aquelle «general» hespanhol que ha pouco ouvimos perorar ás multidoens miguelistas em S. Gens de Calvos. Entre as duas posições sociaes antagonistas deve ter derivado um termo de provaçoens interpostas que o tornaram digno d'aquella commissão valiosa. Foi o que succedeu, e continuou a verificar-se no decurso de onze annos que elle briosamente exerceu as suas funcções. Em 2 de agosto de 1884, era nomeado consul geral na mesma cidade; e, um mez depois, succumbia a uma hepatite chronica, já quando a cholera devastadora começava a decrescer. Oito dias antes da sua morte, me escrevia Santhiago queixando-se de que eu lhe não enviasse o *Vinho do Porto*, um opusculo com aquelle rotulo, por lhe ser *muito necessario semelhante tonico para convalescer da prostração em que o abateram as desgraças d'aquella terra.* «Intendi (dizia elle) que eu não devia ser uma das cem mil pessoas

que d'aqui tem fugido, sem excepção dos representantes das naçoens, que foram os primeiros a dar o exemplo».

O enterro de Garcia foi feito a expensas do governo. Não havia espolio que chegasse para o transporte do cadaver ao cemiterio. Não podia ser. D. Garcia tinha as joias da esposa, tinha dinheiro pouco antes recebido dos seus rendimentos em Portugal. Foi roubado. Assevera-o o seu procurador em Ponte do Lima, um cavalheiro que lhe administrava os bens. [1] Elle mesmo previra o roubo. Em 16 d'agosto escrevia ao seu procurador: *Logo que vi como as coisas corriam, fechei tudo, e fiz o testamento, por que, vendo-me só, tinha a certeza de que, se fosse atacado, seria roubado, como muitas casas tem sido, particularmente dos que fugiram.*

E elle fugia para não voltar: podiam roubal-o impunemente.

D. Garcia litteralmente não era pobre. Tinha solvido as dividas importantes contrahidas nos tempos difficeis, antes do despacho. Pago o restante dos pequenos debitos, a sua casa de Ponte, mobilada com fausto, onde expirou D. Emilia, e os seus predios rusticos em S. Thiago da Gemieira e S. Bento valem o excedente de oito

[1] Veja *Primeiro de Janeiro* de 12 de novembro de 1884.

contos de reis, que uns sobrinhos reclamaram.

A ultima vez que o vi foi em 1878 quando elle veio a Portugal assistir aos paroxismos de D. Emilia Corrêa que intrévecèra e quasi cegára nos seus ultimos dois annos de vida. Aquelles olhos que a si mesmo se queimaram pela intensidade da sua luz... cegos! Aquellas curvas esveltas paralysadas! Secco e atrophiado o ultimo seio onde um rei desastrado amparára a fronte já sem corôa! Os ultimos labios portuguezes que lhe balbuciaram entre dois beijos uma palavra de esperança, a murmurarem agora os actos contrictos, e a collarem-se nos pés chagados de um Christo!

*

Macdonell, entrando em Braga, reprehendeu padre Casimiro por sahir a campo sem ordem sua. Desculpou-se o «Protector» allegando que suppozera D. Santhiago o general director da restauração. O escocez, satisfeito com a desculpa, nomeou-o «commandante geral do batalhão ou batalhões de Vieira». Quiz o padre organisar em Braga, com estudantes e artistas, uma brigada. Macdonell não consentiu. Bem que Pinho Leal nos haja dito que o presbytero capitaneava 2:000 homens, padre Casimiro, segundo

assevera, apenas dispunha de uma guarda de 60 rapazes decididos.

Quando o Casal se avisinhou de Braga, o valente de Vieira preparou-se para ir á sua terra buscar os batalhões; mas Macdonell mandou-o para o quartel, que descançasse e esperasse as suas ordens; e por volta da uma hora da noute mandou-lhe dizer que fosse. A calumnia contemporanea assacou ao padre a aleivosia de que elle fugira, e não recebera tal ordem. Fundavam-se os detrahidores em que o general havia regeitado as massas que se lhe appresentaram; que não era verosimil mandar o padre arregimentar d'ali quatro leguas, á ultima hora, batalhões indisciplinados para resistirem a uma brigada de 1:600 homens commandados por um general destemido como o Abreu.

O que a mim, e em honra do padre, se me afigura muito natural é que o anjo-da-guarda do levita, com o pseudonymo de Macdonell, o fosse enganar ao quartel, á uma hora da noute, para o salvar da carnificina do dia seguinte.

Quando padre Casimiro voltava com o seu povo, a distancia de duas leguas de Braga, encontrou a noticia da derrota levada pelos que fugiam, e que o Macdonell ia fugindo tambem á desfillada, caminho de Guimaraens. Sem embargo do desastre, o «Protector» ainda gizou o heroico plano de desarmar a divisão do Casal. *Marchavamos com a maior coragem contando fi-*

car com o armamento d'aquella brigada; o que decerto aconteceria se o povo de todas as terras referidas sahisse a dar fogo. Felizmente para o Casal, que marchava sobre Valença, começou a chover. Foi o que lhe valeu, visto que padre Casimiro não fez á chuva o que Josué fez ao sol. Depois, como lhe faltasse dinheiro, foi a Guimaraens pedil-o ao doutor Candido, logar-tenente de D. Miguel.

O doutor Candido de Figueiredo ia no quartel-general do Macdonell. Tive o dissabor de conhecer em Amarante, onde o escocez se demorou vinte e trez dias, n'uma bebedeira permanente depois da derrota de Braga, aquelle logar-tenente. Vi-o de cazaca de briche cossada, com uma gola em rôsca muito oleosa, e nas lapelas um alto relèvo de pingas de caldos gordos e matises de um oiro fosco de simonte. Cobria tudo isto com um capote azul de trez cabeçoens. Calçava sapato de fivela e polainas de saragoça abotoadas até aos quadris. Trazia chapeu embicado de castor sem pennacho com umas badanas moveis que fechavam para cima como a concha de um mechilhão enorme. Cavalgava, quando entrou em Villa Real, um garrano já jubilado, que parava n'umas scismas quando o doutor lhe batia com ambas as pernas a um tempo na barriga insensivel. O cavalleiro, da cinta para cima, estava turgido, orgasmatico, n'uma tezura tetanica. Era o emble-

ma personificado do partido este logar-tenente que passeava com um serio desassombro de idiota a sua desgraça carnavalesca pelas provincias, representando D. Miguel 1.º Elle tinha dinheiros, ainda assim, por que deu 96$000 reis ao padre Casimiro.

Nunca pude saber como elle conseguiu safar-se ao ultimo baque das guerrilhas de Macdonell. Sei que morreu placidamente em terras de Basto presidindo a uma Junta miguelista.

E' natural que abandonasse o Macdonell quando o Vinhaes e o Lapa se aproximavam de Villa Real. Horrendissima noite, de neve e escuridão, aquella da fuga que Pinho Leal nos contou com o seu sorriso, e Manoel Negrão nos vai contar como quem brinca a recordar-se saudosamente d'um lance terrivel da sua mocidade.

*

Manoel Nicoláo Osorio Pereira Negrão, filho do desembargador Pereira Negrão e neto do celebre e erudito chanceller-mór do reino, Manoel Nicoláo Esteves Negrão, co-fundador da Arcadia Ulysseponense, retirou ha vinte e cinco annos do Porto para a sua casa solar de Mosteirô, na margem direita do Douro. Entre

os rapazes mais presados, mais cavalheiramente briosos em que o Porto primava n'esse tempo, Manoel Negrão era modelo dos mais selectos. Acercando-se de raros amigos, eu fui um dos mais honrados com a sua estima e confiança desde 1847. Separados pela distancia das leguas e dos annos, quando raramente nos encontramos, sentimos remoçarem-se por momentos aquelles dois rapazes nada romanticos, em pleno romantismo, que endureciam o corpo em passeios a cavallo de desoito leguas, até Coimbra; e elle, se lhe pruíam saudades, mettia de esporas e ia ali a baixo até Lisboa, visitar sua avó, a snr.ª viscondessa de Magé, ou os seus primos, os Teixeiras, da Pampulha. Eram assim os duros Marialvas antes do sybaritismo da mala-posta e da estupida celeridade da via ferrea. E, nos intervalos d'essa gymnastica restaurante, amollentavamos a alma, recitando com muita ternura as poesias lacrymaveis dos menestreis nossos contemporaneos, quasi todos da rua das Flores. A's vezes apeavamos dos nossos fouveiros á porta das tavernas d'onde vaporavam chanfanas predilectas, e digeriamos com as estrophes da *Lyra poetica* as colladas rescendentes de colorão. Eu vim d'ahi, de colica em colica intestinal, até esta ruina gastrica que sou hoje.

Manoel Negrão está forte, muito surdo como em rapaz, donoso cavalleiro como sempre, e so-

bre tudo rejuvenescido pelas delicias de avô, as delicias da familia que lhe foram, toda a vida, as supremas.

Elle ainda não tinha deseseis annos quando cingiu uma espada, e se alistou sob a bandeira treda do general escocez. Levaram-n'o para ali as tradiçoens, o appellido heraldico, a raça? Não: elle nunca me disse os nomes de seus avós, nem se julgava obrigado a dar o sangue por uns preconceitos muito alheios da sua indole. Manoel Negrão seguira o estandarte dos realistas para experimentar a impressão dos perigos extraordinarios.

Se Macdonell morresse como um bravo no campo da batalha, o meu querido amigo teria morrido ao seu lado.

*

Aqui está a scena final da tragicomedia que Costa Cabral fez representar para poder manter-se mais dois annos nos conselhos da corôa, referida por Manoel Negrão:

«Pela noite, já tarde, dous homens indigenas, julgo que irmãos, que constituiam o nosso corpo de guias, bellissimos typos serranos, duros de corpo e de crenças, chegaram, no desfechado furta-passo dos seus garranos, a trazer-nos aviso de que o Vinhaes, reunido ao Lapa, mar-

chava sobre Villa Real. Retiramos. Entramos em Villa Pouca d'aguiar com uma fome unica, a fome dos guerrilheiros acossados. Não poderei dizer-te o que os mais fizeram.

Entrei n'uma casa que tinha a taboleta —*Hospedaria;* e, arrumando o cavallo, pedi o que havia. Um caldo, a *pennosa* [1] e o paio, cujo era... O caldo com grandes sôpas foi engulido n'uma beatitude de frade que tu estás bem longe de comprehender... N'isto, havia na rua um reboliço do inferno, por que o inimigo, que nos seguia, dava sobre nós, transpondo a cumiada da serra. Tocou a marchar. Entrei nas fileiras com a pennosa em punho, sobraçando o meu pão com o paio dentro. Estes viveres foram providenciaes ao meu bom Pinho Leal e Ferreira Rangel, cujos patrões não tiveram tempo de os soccorrer, e se achavam em estado de jejum cenobitico. Ahi por Sabroso, deparou-se-nos uma casa nobre bastante espaçosa onde nos acolhemos, os do quartel-general. Eu instalei-me na cosinha, sobre a preguiceira, onde uma santa velha, com a minha cabeça no regaço, me cobriu de desvelos e de arestas da sua rocada. Quando, repousado e enxuto, soube que o general vellava, fui fazer-lhe companhia. Encontrei-o sentado a uma mesa junto de um caco

[1] *Gallinha* — giria de caserna.

grande de rescaldo. Lá fóra a camada de neve era altissima. Elle era um velho rijo e bello de sua pessoa, de estatura elevada, grosso sem ser gordo nem pesado. Cabellos brancos, um pouco calvo, cara rapada, com umas pequenas suiças alvas de neve a destacarem-se do aprezuntado da face. Era um d'aquelles bellos typos á Wellington. Eu, Antonio de Castro (Côvo) e Ferreira Rangel conversavamos. O general percorria a sala e de espaço a espaço fazia libações na garrafa *de ardose* [1] que estava sobre a mesa. Na ante-manhan mandou reunir.

Quando tudo a postos, elle, já a cavallo, entregou o commando das aguerridas hostes ao brigadeiro Victorino Tavares, e fallou dest'arte: As forças vão marchar sobre a ponte do Cavez que será para logo intrincheirada. Eu vou em pessoa effectuar um reconhecimento com que vou salvar a causa d'el-rei.

E voltando ao estado-maior: «Quem quizer que me siga», e deu de esporas ao seu bonito cavallo castanho dôirado que tu tantas vezes viste, mais tarde, arrastando a carruagem de um tal barão de S. Lourenço, sem perceberes o valor historico da bêsta. Quando eu, na candura dos meus 16 annos incompletos, o vi sósinho a caminhar para o inimigo, senti um impeto que

[1] *Ardose*, calão de *agua-ardente*

de dois trancos me punha ao seu lado esquerdo. Elle, encarando-me sorridente, disse:

No tiene usted miedo?—A nadie, general! Alguns disseram-me depois que por minha causa o seguiam: se bem me lembro, foram Antonio de Castro, José de Abreu, Aguiar Carneiro, um dos dois irmãos Ferrazes e Ferreira Rangel, o *escrivão-fidalgo,* que o filho como porta-bandeira tinha marchado no seu logar. Este *escrivão-fidalgo* era a unha da carne do Macdonell, e, a meu vêr, foi um fanatico de uma grande boa fé, comido pelo outro em corpo e alma. Tinha mulher, tres filhos e quatro filhas. Tinha fortuna e tudo sacrificára a D. Miguel e ainda ao proprio Macdonell. N'aquella hora estava elle arruinado e desesperado já.

Aqui nos tens em marcha.

O sol brilhava esplendido por sobre a enormidade da neve que enchia os barrancos e corgos das serras, e apresentava uma superficie liza: parecia estar de lá fazendo-nos troça. O homem caminhava a passo curto. A coisa demorava-se. Os mais prudentes foram alegando varias causas que os impossibilitava de seguir a marcha; o general foi-os despedindo com boa sombra. Antonio de Castro, Aguiar e Ferraz retrocederam. Instado pelos camaradas, perguntei ao general se queria que fosse á descoberta, ao que elle annuiu. Deviamos de estar perto de Villa Pouca. Na minha frente havia um monte

por onde descia uma estrada pela qual vinham a passo alguns cavallarias cujas armas e guarnições brilhavam ao sol. Convencido que fosse a guarda avançada do inimigo, voltei a dizer o que observára. O general disse: *Esso no puede ser!* Afastei-me para lhe dar passagem e tratei de convencer os camaradas a que retirassem. O Ferreira Rangel disse-me que estava mal montado, e que, de mais, era o seu destino aquelle... Um pouco adiante démos logo de cara com as tropas. O general soltou um só *God damn!* Metteu o cavallo á direita por um como portal de uma tapada; eu e Rangel mettemos apoz elle. Chegado a certo sitio, apeou, deitou fóra o chapeu de bicos, e poz na cabeça um pequeno bonet de lista vermelha, desafivellou a espada embrulhando-a no talim e quedou-se.

O Ferreira Rangel apeára tambem de uma pequenina garrana que montára desde Braga onde tivera o cavallo morto; mas vi-o desembainhar a espada, e tomar aperrada uma enorme pistola que usava a tiracolo. Vi-lhe no bello rosto a decisão de vender a vida cara. Os inimigos entraram pela quebrada da parede. Cheguei-me ao Macdonell com o seu cavallo e disse-lhe: «General, não quer montar?! — *Si.* E, já a cavallo: *Pero, me quiedo... Vate por ali. Adios, muchacho!* E o Ferreira: «Adeus! um abraço ao meu João...»

Achei-me livre como a brisa das serranias,

que me fustigava com uns crystaesinhos mordentes arrancados da neve.

Voltando-me, vi que estavamos cercados; mas eu tinha debaixo das pernas aquelle meu imcomparavel cavallo, o *rabicha*. Por entre dois tropas, larguei direito á parede que elle transpoz de um salto; os cães apontaram-me dois tiros; mas aquella parede era-lhes uma barreira insuperavel. Quando já na encosta do monte, volvi atraz os olhos, não pude vêr mais que um grupo n'um ponto, e alguns cavallos dispersos.

Considerando-os mortos, e tendo-lhes lançado de lá o meu *sit vobis terra levis*, tratei da vida que o cavallo perdia bastante sangue de um ferimento de bala que tinha na tabua do pescoço...

Mais tarde um soldado de cavallaria 7, que se achava no conflicto, me contou que, quando o commandante do piquete se aproximou do Macdonell, elle lhe dissera: «queria entregar a sua espada ao commandante da força» e o sargento respondera que o commandante era elle e lhe dera uma cutillada na cabeça; e que o Macdonell com a cara coberta de sangue tirára uma pistola dos coldres e desfechára com elle, vallendo-lhe deitar-se a terra rapidamente pois que o tiro lhe queimara o xaibraque; e, n'este lance, um camarada o varára pelas costas. E o tal sargento, Carmona, se bem me lembro, ficou arranjadinho, pois lhe tirára bom relogio de

ouro, um grosso cordão e muito dinheiro em peças. E que o outro, (Ferreira Rangel) se defendia como um damnado encostado a umas pedras; mas esse não *escorrera* nada.

Ahi perto de Famalicão, Airão ou Ronfe, poderás encontrar, se não fôr já morto, o meu camarada Carneiro, que já apontei, um latagão de barbas enormes que pretende dever-me a vida. Se o topares, vê se elle subscreve o que deixo dito, que tambem por lá se achou, e creio que te fica á mão.» [1]

Janeiro de 1885.

---

[1] Os dois companheiros de Manoel Negrão, visinhos de S. Miguel de Seide, eram Aguiar Carneiro, Senhor da Casa da Breia, e o outro, Carneiro Telles, de Requião, o das grandes barbas. Este ha muitos annos que morreu no vigor da idade.

O primeiro casou com uma filha do ministro de estado Felix Pereira de Magalhaens, já em annos avançados. Deve ter hoje proximamente setenta, e vive em Coimbra acompanhando alguns filhos que se estão formando.

Lembrarei alguma coisa que deve estar esquecida a respeito de Ferreira Rangel, morto com o valor cego da desesperação, ao lado do Macdonell. No largo de Santo Antonio do Penedo, no Porto, em frente do palacio da snr.ª condessa de Azevedo, está um predio elegantissimo de que é morador e proprietario o snr. Texeira Pinto. Esta casa foi mandada edificar por Ferreira Rangel em 1829 ou 1830. N'esse tempo, o *Escrivão-fidalgo* possuia trem montado quando esta regalia, indicativa de grandes posses, era rara no Porto. Ferreira Rangel, que se distinguira no odio aos liberaes,

*

Entra agora no theatro da guerra o general Canêta. Os fastos d'este Canêta prendem syncronicamente com a chronologia das minhas finanças de ha 39 annos. Não só a saudade d'essas finanças que tambem a philosophia da historia obrigam a minha penna a mover-se vagarosamente, com uma poetica volupia, na factura d'esta meia duzia de paginas em que, n'um ou n'outro periodo, apparece o meu antigo coração em vitrine de museu como uma peça de anatomia mumificada.

---

homisiou-se quando o imperador occupou o Porto. Esteve escondido muitos annos, com familia numerosa, consummindo assim os haveres que não podiam supprir a tanto. A sua morte — bem o deixa entender Manoel Negrão — foi um suicidio.

Tinha um irmão seu antipoda em politica, um republicano radical, o poeta Ferreira Rangel, muito conhecido ha trinta annos pela exaltação com que declamava nos cafés, servido por uns fortes pulmoens e por um aspecto medonho com que muito auxiliava o terror das suas doutrinas desmanteladoras da sociedade actual. Morreu ha muitos annos. Os filhos do outro irmão, parece que ainda vivem todos com honrada independencia nos suburbios de Lisboa — a independencia adquirida pelo trabalho de um a quem o pai, ao despedir-se de Manoel Negrão, enviava um abraço. Acerbo lance!

Os jornaes de 46 discordam quanto ao nome d'este general. O *Periodico dos Pobres*, uma vez, chama-lhe *Antonio Joaquim de Souza*, outra vez, *João Canêta*, e até chega a confundil-o com o *João Cornêta* a quem já dediquei n'este livro uma nota assás tocante. Uma embrulhada cahotica que ficará impenetravel aos especialistas historicos d'esta qualidade de generaes, se eu não desinvencilhar semelhante meada. O verdadeiro nome do *Canêta* era José Maria de Souza.

Este homem fôra um negociante fallido, de Braga. Prestára serviços na revolução popular fornecendo viveres e salitre ás massas por conta dos setembristas. Depois, quando o ministerio cabralista baqueou, fornecia aos miguelistas por conta dos patuleas enganados, e espalhava proclamaçoens incendiarias contra os liberaes. E, como era um pouco idiota, deixou-se prender pela authoridade de Braga que o fez encarcerar na Relação do Porto em 24 de setembro de 46.

Quando ali entrei preso, em 11 de outubro, foi o Canêta o primeiro homem que no salão dos quartos de malta me fez os seus cumprimentos. Eu tinha sido preso a requerimento da minha familia, quando ia para Coimbra continuar, no *Pateo*, as minhas exploraçoens scientificas, bebendo nos mananciaes latino e rhetorico do padre Cardoso e do padre Simoens,— Deus lhes falle n'alma em latim ciceroniano. Os

meus inimigos em lettras, dois annos depois, farejavam delictos execrandos na causa mysteriosa d'aquella prisão de sete dias. E eu que, amordaçado pelo pudor, não podia esclarecer a opinião publica do botequim *Guichard* e da *Aguia* e das *Hortas*, mandei pedir á pessoa, que requerêra a minha captura, houvesse por bem explical-a. Pode ser que o divulgar-se agora, na velhice extrema, este lance de uma juventude já esquecida, venha a ser estôrvo á inauguração da minha estatua, uma coisa que eu havia de ter por força, sobre um pedestal de adjectivos plangentes com altos relêvos de adverbios, nos oito dias immediatos ao do meu trespasse. Lamento muito e por antecipação esse dissabor que me hade consternar na minha individualidade cosmica de cernelha de boi, de cauda de comèta ou de couve lombarda; mas já agora não posso esquivar-me a ser um pouco Santo Agostinho.

O bemfeitor que me tinha feito prender respondeu assim, nos jornaes de 1849, á minha solicitação:

Snr. Redactor.

Insto pelo favor de transcrever no seu jornal as seguintes linhas:

Quem fez prender na Relação d'essa cidade Camillo Castello Branco, fui eu que sou seu tio.

A causa porque eu o prendi não é essa que os seus detractores lhe fulminam. E' um «rapto», não é um «roubo». Para obstar a uma ligação que o faria desgraçado busquei um pretexto; se é d'elle que se aproveitam os seus inimigos, declaro que é falso, e authoriso meu sobrinho a tirar a desforra legal de qualquer ultrage que se lhe faça com allusão á sua captura.

Villa Real, 27 de fevereiro de 1849.

João Pinto da Cunha. [1]

Este bom homem, para me salvar de um enlace indiscreto, ordenava ao seu agente no Porto que me fizesse prender como *raptor* de uma mulher sem pai nem mãe e de maior idade que me acompanhava espontaneamente para Coimbra; e, a não ser este delicto efficaz para a prisão «requerida por meu tio» como se eu fosse o *raptado*, então authorisava o agente a queixar-se de que eu o esbulhára de ricos valores em joias e baixella, 20:000 cruzados, calculava-se no botequim do *Guichard*.

Para que os genealogistas porvindouros da minha linhagem se não vejam embaraçados com esta vergontea de *Pintos* e *Cunhas* na minha arvore, devo esclarecer que este homem não

[1] *Nacional* de 10 de março.

me era nada — era marido de uma tia minha. Provavelmente, se eu teimasse em matrimoniar-me honradamente com a *raptada*, seria pronunciado como ladrão de joias e baixella, 30:000 cruzados — computava o botequim da *Aguia*.

Honrado e querido tio da minha alma! Uma semana depois que sahi do carcere, era apertado nos braços carinhosos do meu salvador que pagou generosamente o aluguer do macho que me conduziu sem difficuldade, por que eu ia tão leve que não levava um pataco — nem a joia d'um pataco, senhores, e logo saberão por quê.

Que saudades me fazem estas alegres e esplendidas miserias dos meus vinte annos! Vejam que nem tenho pejo de contar as miserias nem as saudades, hoje que algumas centenas de contos levantam entre mim e esse passado pelintra uma alta muralha de ouro de lei! N'aquelle tempo, os rapazes tinham desvarios tragicos até ao ridiculo, e entravam muito cedo e depressa na previsão dos escolhos infamados em que haviam de ir a pique, sempre imperterritos e armados como Xerxes do tagante para azorragar as ondas aparcelladas... Mas que saudades eu tenho d'aquellas joias e baixella — 50:000 cruzados, para cima que não para baixo, conjecturava o botequim das *Hortas!*

*

Canêta era um sujeito esgalgado, de meia idade, com suissas de *maître d'hotel,* semblante espasmodico, d'uma immobilidade ceramica, ares doentios e um sorriso abstracto de idiotia feliz. Trajava sobre-casaca preta clerical até aos tornozêllos, e um chapeu alto de seda, e por debaixo um lenço escarlate de Alcobaça apertado na cabeça com as duas pontas sobre a nuca, em riste, tezas como orelhas fitas n'uma desconfiança de onagro. Jogava o monte e a esquineta n'um quarto dos politicos, presos nos dias seguintes á prisão do duque da Terceira. Era bom ponto e tinha muita sorte. As dez moedas que eu levava para Coimbra ganhoum'as elle. Era visitado no salão por um setembrista importante. Alguns presos cabralistas, por causa d'essa visita, desconfiaram que elle fosse espião e acautellavam-se. O Barbosa, das Ayras, um manêta valente da Villa da Feira, chegou a ameaçal-o.

O Canêta, quando não jogava, tinha desmaios de tristeza e chorava copiosamente por se vêr entre ferros e com uma catarrhal de máos symptomas. A cadeia enfraquecêra-lhe o caracter e abastardara-lhe as convicçoens. Se a venda da consciencia lhe abrisse os ferrolhos do carcere, elle não duvidaria vender essa chime-

ra incommoda quando é preciso nutril-a na cadeia.

Os setembristas sabiam que elle tinha intimidade com o padre Casimiro, rebelde ás ordens da Junta. Emprehenderam subornal-o a entregar o padre, a tròco da liberdade e algum dinheiro. Esta negociação estava pendente quando eu sahi da Relação, e fechou-se alguns dias depois, sendo elle posto em liberdade. Tão reprehensivel veniaga não o impediu de praticar comigo, quando sahi, um acto bizarro. Sabia Canêta que eu, na vespera, tinha perdido os ultimos cruzados novos nas dobradas contra as singelas. Ganhara-os elle. Offereceu-me dez pintos emprestados que eu acceitei e recolhi ao coração, ou, sem metaphora, á algibeira cheia de cotão e lagrimas de reconhecimento. Depois, em 1851, fui a Braga e pedi a D. João d'Azevedo que me levasse á casa do Canêta. Encontrei-o com o mesmo casaco, e o mesmo Alcobaça por debaixo do chapeu alto. Estava muito magro, queixando-se do intestinal, e que morria breve. Dei-lhe a sua moeda que elle julgava perdida, por que nem sequer se lembrava do meu nome para me fazer citar.

Elle ahi vai agora no infeliz exercicio da sua perfida missão; e eu confirmarei as suspeitas do snr. padre Casimiro, depois desvanecidas, por um sentimento sublime de caridade com a miseria de um seu correligionario, ou prova-

velmente para ensaboar essa nodoa do seu partido.

Quando o padre se preparava para dar um assalto a Barroso e fazer preza em um conto de reis e mais trinta moedas *com mais alguns miudos* e grande quantidade de pão embargado para os cabraes, appareceu em Vieira José Maria de Souza, o Canêta, muito alegre e com muito dinheiro. Deu grande ceia aos officiaes, pagou as dividas nas tavernas e distribuiu um pinto por cada praça. Não aprovou a surtida a Barroso, allegando abundancia de dinheiro, e arbitrou, *como agente d'el-rei* e commandante das forças, que sahissem a dar novamente os «vivas» a D. Miguel em Guimaraens. O padre cedeu-lhe o bastão de general, por que o seu maior empenho era vencer-se a causa. Perto de Guimaraens, o general Canêta abeberou as massas em aguardente, a fim de escorraçar da cidade a tropa que lá estivesse. Ora a tropa que lá estava eram 800 praças de infanteria, cavallaria e lanceiros. Veio este aviso de dentro, e padre Casimiro, pouco disciplinado, fugiu com a sua gente; e, se não transpõe a serra do Carvalho, de noite, era agarrado pela tropa que já se movia em Guimaraens. Aqui, falhou o plano do traidor. Ao outro dia, — nova cilada — foram de subito atacados pelos sirzinos: estiveram perdidos. Canêta quiz que almoçassem as forças a pequena distancia do inimigo. A resistencia

do padre e a velocidade da fuga salvou-o. Seguiram-se outras emboscadas. Padre Casimiro dá miuda noticia e conclue *que eram mais que sufficientes para o reputar traidor que queria a todo custo dar cabo de mim.* Porém, não desconfiava porque *o homem não tinha cara de traidor;* mas á cautella, abandonou-o com o seu batalhão; e o general Canèta, ao vêr-se sem gente, e, perdida a esperança de dar boa conta de si á Junta, *cahiu d'umas escadas abaixo com desmaio e ficou sempre muito mal*, diz o snr. padre Casimiro. Esta syncope e queda pelas escadas revellam talvez o bom fundo do homem, uma dilacerante colica de consciencia. Cahiu simplesmente pelas escadas, por que a victima da sua perfidia não chegára a ser immolada; mas, se o padre cahisse atravessado em alguma das armadilhas, Canèta enforcava-se tão certo como Judas se enforcou. O certo é que o malogrado traidor nunca mais teve saude, e morreu pobremente, seis annos depois, em 1853.

*

Padre Casimiro, investido outra vez no protectorado das chagas, e brigadeiro regiamente promovido, retirou com os batalhões para Villar da Veiga. A' excepção do padre João do Cano, todos os clerigos belligerantes, transigindo com

a Junta, o haviam desamparado. O brigadeiro realista, chefe do estado-maior de Macdonell, Bernardino Tavares, que se bandeara com a patuléa, pedira-lhe em nome da Junta que não désse «vivas» a D. Miguel para não prejudicar a causa publica. O presbytero respondeu que sim, que não daria «vivas», *se lhe dessem fardamento, armas, munições e dinheiro, e com a condição mais de que, vindo o snr. D. Miguel ou alguem de mandado d'elle, estava o contracto desfeito.* A Junta não comprehendeu as vantagens do contracto. Um ôvo por um real. Estabelecer em Vieira um pé de exercito, fardado e municiado; endinheirar o padre já convertido á religião do capital; e, depois, quando D. Miguel viesse ou mandasse, a Junta, se não adherisse ao padre, teria de combater os batalhoens que organisara. A proposta do snr. padre Casimiro era de uma tal ingenuidade que chega a tornal-o irresponsavel por esse acto de mentalidade innocente.

Ouvidas as condições impostas, a Junta dispensou-o dos seus serviços, ordenou-lhe que se apresentasse ás auctoridades e mandou-o bater. Reuniram-se os liberaes da Povoa e Vieira e juntamente com a tropa pozeram-lhe cêrco. Fizeram juncção os dois padres, e então se feriu o grande combate de Calvos. Tropa, empregados e o povo de tres concelhos fugiram vergonhosamente deante de cem homens que tantos eram

as forças alliadas dos dous padres perseguidos. O general Protector suppõe que foi a Mãe de Deus quem dirigiu a batalha e a victoria: *Se não fôra a protecção da Virgem, como poderiam pouco mais de 100 voluntarios, quasi sem polvora, arrostar com tanta tropa e povo de tres concelhos, e leval-os de carreira por caminhos asperos e ingremes como aquelles das visinhanças do Gerez... Se não apparecera ali de prompto a Mulher Forte a commandar em pessoa e a animar aquelle punhado de valentes, como poderia chegar a polvora para se conseguir tão gloriosa victoria sobre as hostes de Satanaz que contavam acabar comnosco?!* Parece, pois, que esta batalha foi da natureza transcendente da outra do Batoca, em Cabeceiras de Basto.

O povo assim triumphante cahiu sobre Vieira. Os liberaes abandonando as casas, tinham fugido á morte infallivel, assevera o padre, que não pôde evitar a destruição de alguns edificios e muito conseguiu elle salvando a vida de um prisioneiro e fazendo restituir os roubos. Ahi praclamou largamente que *não podia consentir que em parte alguma se roubasse, ou prejudicasse, ou matasse alguem, nem mesmo acompanhar com ladrões ou assassinos, porque seria olhado depois por toda a gente com horror e teria vergonha de apparecer mais em publico,* etc.

O capitão da sua hoste abondonou-o. Seria, talvez, um alentado ladrão que descorçoara ou-

vindo a ultima parlenda moralista do brigadeiro. Os sirzinos atacaram o padre em Vieira, escalaram a casa, e roubaram-lhe tudo, incluindo os livros. A final, repellido e perseguido pela Junta, pelos cabralistas e atraiçoado pelos seus correligionarios, padre Casimiro desanimou, entregou o commando ao padre João do Cano, e desappareceu de scena em 10 de março de 1847.

Decorrido um mez, não havia já vestigios de guerrilhas miguelistas. O padre João do Cano, ultimo general, soffreu montarias de lobo, debaixo de fogo por espaço de duas leguas, não levando comsigo um só companheiro que podesse ser testemunha da sua morte. Finalmente, este sacristão, o mais valente homem de quantos então sahiram a campo, abandonando o funesto Marte, voltou-se para Cupido prospero, e fez a conquista da fidalga Bourbon que lhe tirou da mão o bacamarte hostil aos liberaes, e o hyssope exorcista infesto ao diabo.

PARTE QUARTA

EPISTOLARIO, PEDREIROS-LIVRES, ETC. [1]

Padre Casimiro escondera-se na sua terra algum tempo; depois, receando ser descoberto, passou para Felgueiras, e viveu bastante desassombrado, na companhia de Barros Lima, generoso official realista que o hospedou seis annos.

O hospedeiro, bom catholico, dizia frequentemente ao hospede que, na encosta de um outeiro defrontante com Felgueiras, deviam edificar-se oito capellas consagradas ás oito irmans

---

[1] A pagina 266 dos Apontamentos, escreve o reverendo historiador: *Foi só até aqui que leu o snr. Camillo Castello Branco, excepto os capitulos 14 e 15 antecedentes desde a pagina 145 até 163, porque foram escriptos depois de elle ter os* Apontamentos *em seu poder por quatro*

de Santa Quiteria, advogada contra as mordeduras de animaes damnados. O padre, enthusiasmado com a piedosa idea, começou a caboucar, de noite, com o auxilio dos devotos de ambos os sexos, (sem equivoco) os oito angulos na montanha para as oito capellas. Na abertura de certa estrada, opposeram-se estorvos por parte dos influentes da terra. Os proprietarios do terreno queriam ceder apenas vinte palmos de largura, e os devotos precisavam de trinta e seis. Expõe diffusamente estes casos o snr. padre

---

mezes. (Advertencia, pagina VII). Tambem não leu o que se segue d'aqui para deante, porque as notas foram compostas depois da obra estar ja a correr na imprensa.

Tendo o snr. padre Casimiro José Vieira, a meu beneplacito, publicado as minhas cartas favoraveis ao manuscripto que eu lêra, a probidade aconselhou-lhe esta declaração.

As 220 paginas que não li antes de impressas, se o meu voto podesse modificar o juizo do auctor, seriam rescindidas do seu livro, 1.º como despropositadas na historia da revolução do Minho, 2.º como inconscientemente humoristicas em demasia n'um livro de alguma seriedade, 3.º como destempêros de mysticismo que desluzem a racionalidade da parte historica do volume e destoam do tom profano em que essa outra parte do livro é escripta, sob uma inspiração natural e humana. Ahi mesmo convinha cancellar as notas recentemente escriptas — nuvens escuras, crepusculares que se condensam no occidente da vida, aterrada pela morte, quando o espirito se alquebra e descahe na idiotia da sua vaidosa immortalidade.

Casimiro. Ahi reluz a indefessa energia de uma alma acerada pela idolatria, atravez de nove paginas, nas quaes ha um periodo synthetico que nos dispensa de forragear nos outros. Já sabem que os proprietarios cediam vinte palmos; e os devotos das irmans de Santa Quiteria queriam trinta e seis, e não os conseguiram com discursos pios. Aqui vai vêr-se quanto uma idea piedosa é productiva de expedientes; e será o padre quem nos hade edificar com a noticia da sua traça: *Forcejaram tambem* (os proprietarios) *quanto puderam para fazer que tanto a estrada como a rua ficassem com a largura de 20 palmos, e tambem o não conseguiram; mas para isso foi preciso enganal-os no acto da medição, tirando a medida de 36 e mostrando-lhes na fita o numero 20.* Esta engenhosa mentira tem tanto de honestidade quanto os proprietarios tinham de entendimento. Mas foi piedosamente bem pregada a burla.

Havia tambem o pensamento de construir meia-laranja com um chafariz e por cima do lago um *Santo Antonio a prégar aos peixes*, com o fim talvez de envergonhar os proprietarios menos attenciosos á palavra de Deus que os safios. E' certo que não vingou esta pia satyra como vingara a pia fraude dos 36 por 20.

Barros Lima promettia, quando o snr. D. Miguel viesse, obter que s. magestade acceitasse ser juiz perpetuo da confraria de Santa Quite-

ria e bem assim promover a entrada da maior parte dos officiaes legitimistas, cedendo cada um seu dia de soldo a favor das obras. Que dispendiosa laracha para os officiaes irmãos da confraria de Santa Quiteria!

Ergueram-se, porém, tamanhos embaraços que os devotos das nove irmans desistiram, abandonando as obras que permanecem como principiaram porque, diz amargamente profundo o snr. padre Casimiro — *o progresso d'esta gente é o do caranguejo*. Com effeito, se as capellas não se fizeram, uma nação que assim anda ás arrecuas é uma ostreira de caranguejos.

*

Além do impedimento canonico — o uso de armas em guerra civil — que o inhibia de dizer missa, padre Casimiro estava pronunciado em Vieira como amaltado com ladroens. Era uma calumnia. Ladroens não faltariam nas joldas do ex-Protector das 5 chagas; mas o padre mais uma vez dissertara excellente moral contra os bandidos.

Esteve, pois, dez annos sem poder exercer o sacerdocio na parte mais gananciosa — a missa, a confissão, os mortuorios, etc. Hostilisavam-no implacavelmente, na relação archiepiscopal, os padres liberaes de Braga; mas final,

com a protecção de outros padres legitimistas e especialmente do general Francisco Xavier Ferreira, pôde obter licença para sacrificar, e a despronuncia dos aleivosos delictos. Ha uma coisa rara e grande n'este livro: é o vulto venerando do general Ferreira, protegendo e salvando o caudilho das guerrilhas que lhe enviara do Bom Jesus as vaccas e algumas balas sobre os seus soldados. Aquelle homem de aspecto duro e antipathico escrevia ao padre homisiado, offerecendo-lhe o agasalho da sua casa no Porto, onde seria tratado como filho. Porque não perdôa padre Casimiro a todos os liberaes, por amor d'aquelle santissimo homem?!

Começaram a chegar-lhe do Brazil boas encommendas de missas, umas de 480 reis, outras de cinco tostoens, e até de dez tostoens disse algumas que nunca cessaram, no decurso de vinte e tantos annos. Esta forte exportação de missas brazileiras inculca ser lá muito diminuto o concurso ao genero. Eu tenho scismado como é que a alma que se despediu do corpo no outro hemispherio, em Jequitinhonha, por exemplo, é suffragada por antipodas no concelho de Felgueiras, a milhares de leguas de distancia! Deve ser engenhosamente complicadissimo, no ministerio da justiça divina, o organismo da repartição geographica das almas em purga, com os seus respectivos nomes e appellidos para se não darem equivo-

cos importantes—podendo acontecer que uma missa de dez tostões, moeda forte, seja averbada por engano a uma alma que não deixou um nickel para suffragios!

Com estas missas e outros emolumentos clericaes, conseguiu padre Casimiro construir uma casa *no sitio mais lindo e saudavel do Minho*. Denominou-a o jubiloso proprietario a *Casa da Alegria*, d'onde *desfructa a vista deliciosissima pelo menos de sete freguezias, e parte pelo menos de mais cinco: terreno*, prosegue o ditoso possuidor, n'um bucolico enlevo, *que compõe um jardim extensissimo, galante e ameno, como nenhum fidalgo de Portugal gosa, sem com elle gastar um real, por estar repartido por milhares de moradores que o cultivam á sua custa*... Tudo isto denota exhuberancia de facecia e contentamento, que na mesma pagina é revesado por uns assomos de tristeza com palpites de vir a morrer de fome. Desgraçado dualismo humano!

Depois de attribuir a nossa Senhora a sua felicidade mundanal—os bens terrenos, para com elles poder *conseguir o céo e defender-se dos continuos ataques do diabo e seus emissarios*—parece que sua reverendissima, fiado nas missas e na protecção divina, deveria recear mais as indigestoens que a fome. Queixa-se, porém, dos pedreiros livres que tem feito arrefecer a fé; que já não se fazem endoenças em

Felgueiras e os enterros de esmola maior são já rarissimos, «consistindo todo o luxo em acompanhamento de seculares com tochas apagadas;... e missas geraes de esmola crescida mais raras ainda apparecem». D'ahi o terror da fome.

Effectivamente as pompas lithurgicas e cultuaes descem n'um decrescimento logico. São as deslocaçoens da civilisação, phases fatalissimas da peregrinação do genero humano atravez das religioens que elle faz e desfaz, assim como o temor fizera os deuses:

Primus in orbe deos fecit timor...

Quando na Italia dominou a ingenua e singelissima religião de Jesus, os imperadores romanos por mais esforços que envidaram não conseguiram restaurar o culto dos idolos. A rainha Maria, filha de Henrique 8.º, tambem não pôde repôr o culto catholico na corrupta magnificencia anterior ao rompimento de seu pai com a idolatria romana levada ao polytheismo dos 30:000 deuses convertidos nos 30:000 santos das christandades. *As ruinas de uma casa pódem reparar-se; as do culto não se restauram*, diz P. L. Courier. A *Carta* VII d'este pamphletario incomparavel ensina o processo de restabelecer o culto da religião catholica esmorecido, não pela lucta, mas pela indifferença: «*Ali lieu de*

gager les prêtres mettez-les en prison et défendez la messe; demain le peuple será dévot.

Noto, porém, que, a pag. 247, recommenda padre Casimiro a devoção diaria do responso a Santo Antonio e o rosario de nossa Senhora. *E accrescento,* affirma elle, *que, cumprido isto, não faltarão os recursos necessarios para viver e todos os negocios correrão certos, por que o Santo se constituirá procurador geral.* Se isto é sério, logo que todas as naçoens de commum accordo se entreguem ás camaldulas e ao responso, todos teremos não só o que precisamos, mas até a prospera resolução dos nossos negocios. E acabou-se o proletariado — o cancro roaz das entranhas do genero humano. Santo Antonio garante-lhe os recursos necessarios para viver e o bom andamento dos seus negocios? que mais quer o padre? Se com um responso eu arranjo uma diaria sufficiente e além d'isso enfio todos os meus negocios direitinhos, isto é melhor que ser conselheiro do tribunal de contas — uma pechincha, sem concurso, sem instrucção primaria e sem o patrocinio do deputado local. Peor seria se os governos liberaes se lembrassem de tributar os responsos de Santo Antonio.

Não obstante a sua fé fortalecida pelo contraforte dos bens materiaes, diz o snr. padre Casimiro: «*Se Deus nos não acode brevemente, pelo menos nós os padres temos de morrer de fo-*

me. Receia que Deus não acuda opportunamente a este pessimo estado de coisas. Tambem não appella confiadamente para a reforma pelo milagre ordinario, quando a pagina 303 declara que *só Deus pode valer ao mundo, mas por um milagre nunca ouvido*. Os milagres conhecidos e triviaes já não servem para tirar a limpo uma situação que possa garantir aos padres vitualhas copiosas e restaurantes. E acrescenta com uma justiceira sinceridade humoristica, muito para cauterisar a consciencia cancerada de tabelliaens, advogados e medicos: «Por toda a parte se grita que os padres estão carissimos por aceitar o que se lhes offerece... e ninguem se queixa dos cirurgioens ou medicos, dos advogados e tabelliães que reduzem á miseria os que tem a infelicidade de lhes cahir nas unhas. Os cirurgioens em toda a casa onde sentem que rilhar exigem logo uma junta para cada um dizer: — eu conformo-me com o collega, e apenas sou de parecer que misture na receita um bocado de chicoria ou rhuibardo — e no fim, em vez de duas, tres ou quatro corôas, que levam pelas visitas communs, exigem uma libra por assistirem a esta brincadeira de conluio, e contra estes ninguem grita. O mesmo que acontece em Portugal, observa-se em todas as naçoens onde impera o maçonismo, e, por isso, se Deus nos não acode brevemente, pelo menos nós os padres temos de morrer de fome.»

Sim: pelo menos os padres. Tabelliães, medicos e advogados parece que hãode rebentar de fartos,—castigo unico, a meu vèr, que a Providencia lhes hade infligir.

Não basta, pois, aos padres o responso de fr. Antonio de Bulhoens? E' mister que os fieis supram alguma negligencia do santo? Soffra o clero reportadamente as mesquinharias dos maçoens, e lá virá tempo em que os sovinas, os medicos, advogados e tabelliães do publico, judicial e notas saltem no inferno os conhecidos pulos. Bem lh'o disse o pregador Barlette: Irmãos carissimos, quereis saber como se vai ao ceu? *Vos quæritis a me, fratres carissimi, quomodo itur ad paradisum? Hoc dicunt vobis campanæ monasterii.* Os sinos do convento vo'l-o estão dizendo: «*dando, dando, dando.*» Vê-se que o badalo, na linguagem portugueza, dá o mesmo som da latina: *dando, dando, dando.*

*

Vamos entrar no *Epistolario.*

Afora pessoas menos graduadas, os destinatarios das cartas do padre Casimiro são D. Maria 2.ª, D. Miguel 1.º, Antonio Ribeiro Saraiva, Silva Tavares — *Sacra Familia,* generaes Bernardino Coelho e Xavier Ferreira, D. Miguel 2.º, Pio IX, Imperador d'Allemanha, bispo do Rio

de Janeiro, D. Carlos VII, D. Margarida de Bourbon, D. Affonso de Bourbon e D. Maria das Neves.

Nem Victor Hugo, o mortal mais epistolar que se conhece, tem escripto a tantos principes!

Da carta á rainha já dei as notas essenciaes, deixando ainda larga margem para os commentarios do leitor estudioso. Quem leu as cartas do padre escocez Knox a Maria Stuart reconhece que a historia de Inglaterra não abrira sulcos estereis no cerebro do padre portuguez.

Seguirei a ordem das missivas importantes.

Ao general Bernardino, que adherira á Junta, pede que o proteja na perseguição que lhe fazem os setembristas armados. Compara a sua terra aos *christãos da primitiva*, depois da morte do Salvador; — que os soldados comem todos os salpicoens e gallinhas, como as trezentas raposas de Sansão, e ameaça a Junta de voltar ás armas, se ella não lhe retirar de Vieira os sirzinos, ali enviados de proposito para o desfeitearem.

Seguem-se quatro annos de silencio. Presume-se que seria esse longo periodo o mais activo da perseguição.

Em setembro de 1851, escreve á *Assemblea legitimista de Braga*, lembrando-lhe que *offerecera o seu sangue em defesa da religião*, cinco annos e meio antes. Este offertorio de sangue

é uma figura que vai ter copiosa effusão por todas as cartas do reverendo holocausto... a sêcco. Não consta, porém, que vertesse gôta d'aquelle licor importante. Sabe-se quanto elle foi sempre refractario á idea da sangria, e nunca ninguem o viu no offertorio de sangue sem ter a sua clavina engatilhada para metralhar os sacrificadores na ara expiatoria. Bem haja elle. Para isso pedia ao general Ferreira que lhe obtivesse licença de usar armas defensivas. N'essa carta, sente não poder ir pessoalmente á Assemblea legitimista dar o seu voto, por que tem medo que o acabem; mas, se fôr necessario, não duvída expor a vida.

Em outubro de 1851 envia á *Nação* carta de *parabens pelo casamento do snr. D. Miguel 1.º*. Levanta, como convinha, extraordinariamente o estylo. *Já o sangue dos innocentes*, exclama elle, *que foram esvasiados do principio vital pelo punhal da liberdade subiu ao throno do Altissimo*. Em consequencia d'esse repucho de sangue, o anjo Raphael desceu e inculcou ao anjo Miguel a joven princeza com quem caza. Feito isto, a sorte dos realistas mudou; vai cahir a Carta, isto é, o *codigo infernal do Nabucodonosor do Brazil*, e a princeza *vae propagar a descendencia quasi extincta da regia estirpe*.

Puxando sempre pelas cordoveias do estylo, trata de entoar cantares ao Deus de Israel, como um judeu de raça—um hymno dos dois

doutores Santo Agostinho e Santo Ambrosio, contemporaneos, como se sabe, de Jehovah. Depois, lembra-lhe se será mais proprio cantar o cantico *Trium puerorum*, entoado na fornalha de Babylonia; finalmente, melhor avisado, assenta que se entôe o hymno de Moysés, na passagem dos israelitas pelo mar vermelho. Não se sabe qual foi a opinião do Bruschy, de João de Lemos e de D. Jorge de Locio a respeito dos tres cantares. No arrobo da cantiga, o padre diz á *Jerusalem afflicta que enxugue as lagrimas*, que D. Miguel vem ahi na proxima primavera, o mais tardar, março. Elle o diz com imagens aziaticas: *depois de passar o inverno e cessarem as chuvas, depois de apparecerem as flôres e chegar o tempo da poda, quando na terra se ouvir a terna voz da rola.*

Em 29 de novembro de 51 escreve ao snr. D. Miguel 1.º congratulando-se pelo seu casamento. Recorda-se de ir atraz de sua magestade para o Bom Jesus, em Braga, com outros innocentinhos — este gaiato costume de todos os rapazes atraz das pessoas reaes. Declara-lhe que *tem razões para suppor* que foi elle o *principal ministro* que, em 1846, Deus escolheu para mostrar *aos barbaros oppressores que elle é o mesmo Deus forte que no campo de Ourique batalhou ao lado do grande Affonso.* Diz que n'aquelle anno *offerecera o seu sangue*; mas, o certo é que se via perigo de lhe acceitarem o of-

fertorio, fugia com o sangue pelos telhados de Braga, e servia-se de ardilosos embustes para evitar o derramamento das suas arterias.

Queixa-se da *Nação* e do *Portugal*, gasetas legitimistas, que lhe não dão importancia, e promette viver homisiado até el-rei regressar ao seu throno; porém, como D. Miguel não chegasse com o terno gemer das rôlas, tratou de arranjar liberdade mediante um general liberal, e construiu, á sombra da liberdade, o seu delicioso *chalet da Alegria*. Incute no rei desconfianças quanto á fidelidade de alguns membros da Ordem secreta de S. Miguel da Ala. Acha incrivel que a esses traidores se dêem os gráos principaes da ordem, e que venham a ser esses os collocados por el-rei nos empregos mais importantes, com despreso dos mais dedicados e prestantes servos de sua magestade. Diz que os grandes *estão degenerados e esquecidos da honrosa estirpe*, e foram os mais culpados nas traições que motivaram o exilio do rei. Está na escola intriguista dos seus mestres D. fr. Alexandre Lobo, e fr. Fortunato de S. Boaventura, o do — *Punhal dos Carcundas*. Padre Casimiro, receoso de ficar sem mitra, vae apunhalando confidencialmente os proprios correligionarios.

Esta carta foi por via de Antonio Ribeiro Saraiva, a quem o padre diz que *offereceu o seu sangue em defeza da justa causa*, etc. Honra lhe

a feita: nunca diz que *verteu;* é sempre que
fereceu.

D. Miguel respondeu-lhe de Langenselbod,
ediante o seu secretario *Sacra-Familia*. Asse-
ra-lhe que os empregos hão de ser dados aos
rdadeiros serviços; que os d'elle padre jámais
rão esquecidos; e recommenda-lhe que *pro-
ova a santificação de todos os portuguezes sem
cepção*. Esta carta de el-rei sacudiu o padre
n tamanhas exultaçoens que o adoentaram,
ivando-o de dormir muitas noites. Diz elle:
ssaram de oito em que não pude pregar olho,
ó depois comecei a conciliar o somno, engolindo
r vezes bocados de camphora. Não seria antes
téria? Eu tambem tenho usado capsulas de
mphora não para acalmar febres de jubilo,
as para applacar rebelliões de lombrigas. Nas
olentas nevroses de alegria, o espojar-se a gente
tá mais approvado que a camphora. Este se-
nte anaphrodysiaco seria bom que os padres
inhotos, inimigos figadaes de Malthus, o usas-
m contra a satyriasis — uma epidemia que póde
nsiderar-se o phylloxera da vinha do Senhor.

Depois que dormiu, padre Casimiro escreveu
Sacra-Familia periodos de uma envergadura
llica a espirrarem faiscas de enthusiasmo e
cia de batalhas. *Não haja receio, exc.mo snr.
uando nas montanhas do Minho retumbar o som
rrivel da trombeta do Archanjo, e no relogio*

da Providencia bater a hora fatal em que o noss
Deus mande dar a ultima e decisiva batalha ao
reprobos, que mandaram edificar no inferno
impio systema da chamada constituição moderna
conhecerá v. exc.ª os descendentes dos bravos qu
pelejaram ás ordens do grande Affonso, e ver
então (se Deus nos não faltar) como em eras re
motas foi possivel que um punhado de portuguezes
desbaratasse as inundações dos mouros e castelha
nos que seccavam as fontes e cobriam os valles

Era o padre José da Silva Tavares um erudito que fundara em França o celebre collegio de *Fontenay-aux-Roses*. Deviam engasgal-o froixos de riso, quando lia ao principe esta carta em que padre Casimiro estofava paragraphos piegas d'este feitio:

Todo o povo se inflammava tanto com a minha presença que em umas partes me recebia com acclamações debaixo de nuvens de flores; em outras ao som de um hymno camponez que se inventou por meu respeito e que correu por toda a provincia, e em outras com lagrimas de alegria que corriam de todos os olhos. As mulheres de Salamonde elegeram entre si algumas auctorisadas a obrigarem os maridos covardes a ir para o fogo. Que maridos! e que boas companheiras do lar o snr. padre Casimiro excitava á rebeldia com os seus elogios! Um bom padre moralisador diria aos maridos que refrigerassem as escandecencias politicas das esposas com algu-

as fricções de estadulho e balsamo traquillo
velentes pontapés.

Promette appresentar-se ás portas de Lisboa
m 100:000 combatentes e collocar no throno
Miguel. Tenciona levar comsigo missionarios
e preguem a contricção e confessores que
solvam, para assim o povo e mais elle faze-
n a penitencia que Jonas aconselhou aos Ni-
itas. Por essa occasião declara, talvez para
o assustar D. Miguel com as despezas, que
todo o tempo que dirigiu a revolução ape-
s recebera 30$000 reis com que comprou seis
obas da polvora. Lapso de memoria. N'ou-
parte (veja pag. 127) declarou que recebera
5000 reis, como consta da sua honrada decla-
ão no *Periodico dos Pobres*. Se vai assim
lgaçando o fio do milagre, póde partil-o por
milagre de mais. *Nequid nimis*. Por fim,
nda dizer a sua magestade que cá fica *pro-
vendo a santificação de todos os portuguezes
excepção*. Esta promoção santificante pro-
iu talvez no Minho uma nova fornada de
000 virgens de ambos os sexos que passa-
n pela roda.

*

Escreveu á *Nação* quando falleceu D. Mi-
l. Historiando o genesis dos liberaes, vai
car-lhes a raiz á manada de porcos ende-
ninhados que, por ordem de Jesus, se preci-

pitaram no mar, d'onde sahiram pouco a pouco, apossando-se d'essa raça maldita *que hoje atropella as pessoas de bem.* A funerea commemoração á morte do principe tem estes traços elegiacos: *Que os liberaes ou mações, segundo o systema impio do liberalismo ou maçonismo, estão possessos dos demonios por que se revoltaram contra Deus, ninguem de boa fé o pode duvidar ou negar. Eu porém, observando as suas obras e doutrinas, não posso convencer-me que elles estejam possessos de todos e quaesquer demonios indistinctamente; mas só de todos os demonios que entravam nos porcos e d'elles sahiram por se terem affeito ás obras de porcos e communicarem o seu gosto aos seus possessos; por que na verdade o seu obrar e discorrer é só proprio de porcos.* Fez esta descoberta na demonologia catholica.

Atauxiando a historia com allegorias biblicas, diz que o defunto snr. D. Miguel, *pequeno David*, sahiu em 1824 «de cajado e funda» a combater as varas dos taes cerdos. Falla poeticamente, ao uso hebraico. O *cajado* no pulso da policia da côrte chamava-se *cacête*, e a *funda* jogada pelo João Branco era a corda da estrangulação. «As *moças de Portugal*, prosegue o poeta dedilhando o psalterio, *como as moças de Israel, dançando e cantando em testemunho de alegria ao som de tambores e de sistros por toda a parte o acclamaram vencedor dos philisteus.*

Esta reinação das raparigas de Israel a dançarem, tirante os tambores e pandeiros, repetiu-se com o padre quando retirava das *Sete-Fontes*. Perseguido pelo inferno, D. Miguel-David foi para Austria *correr as montanhas de Engadi*. É notorio como o infante lá por fóra frequentou as montanhas, á imitação do foragido penitente David. Em resultado d'essa penitencia feita nas montanhas, Deus sentou-o no throno luso (1828); mas como os portuguezes eram reus de grandes peccados, Deus permittiu que os Semeis de Sines (1834) apedrejassem David, o qual, passando a torrente do Cedron, caminhou descalço até embrenhar-se nas campinas do deserto. Está muito engenhosa esta parabola, não está?

A proposito dos nossos peccados, encrava na elegia especies agricolas correlativas: *Antes de nos empécer a praga dos liberaes os pedreiros livres, havia todos os annos sem interrupção uma abundancia tamanha de vinho, castanhas do ar e de todos os mais fructos, e todos saborosissimos, que o vinho que sobrava do jantar não se aproveitava para a merenda, nem o da merenda para a ceia: agora aproveita-se o tirado de oito dias e de mais.*

Estou a vêr o padre com a caneca vasia entre as mãos, a espreitar-lhe o fundo, com o gesto amargurado de Hamlet contemplando no cemiterio o craneo de Iorick! Diz que, em tem-

pos felizes, se vendera em Margaride a pipa de vinho a 1$200 reis, e em 1878 se chegára a vender a quatorze moedas. Suprema calamidade para o lavrador vender por 67$200 o vinho que vendia em tempos prosperos por um quartinho! Se ha alguem mais infeliz que o vinhateiro são os bebados.

Esta alta no vinho vem como prova de que, desde 34, Deus amaldiçoou Portugal. *Foi desde então,* exclama o padre, *que o céu que está por cima de nós se tornou de bronze e a terra que pisamos se tornou de ferro. Foi desde então que nos temos visto na ultima miseria... com fome, com sede, com desnudez e com falta de tudo.* Que diria padre Casimiro, ingrato ao responso de Santo Antonio, se não possuisse a sua *caza da Alegria*, edificada com missas caras, e sobranceira a um panorama de sete freguezias e mais parte de cinco! Elle nos contou que poda os seus vinhedos e cultiva os talhoens das suas hortaliças, com um sabor patriarchal de georgica; pois agora nos diz que tendo morrido o snr. D. Miguel, *terá de comer até á morte o pão com lagrimas de amargura e que ha muitos annos pendurára como os captivos de Babylonia a sua harpa nos salgueiros, e se assentára a chorar junto aos rios, lembrando-se da sua antiga Sião.* Quanto ás *lagrimas d'amargura*, quem bebe o azêdo vinho verde de Felgueiras, torna-se refractario aos amargos como Mithridates aos ve-

nenos. Acontece, porém, que os padres do Minho em geral preferem ao apresigo das lagrimas comer o seu pão com lombo de porco ou com fritada de chouriço e ovos; e apenas poderão experimentar nas ophtalmias a acidez do muco lacrymal. Quanto a dependurar a harpa nos salgueiros, isso bom foi, por que produziu uma benigna esterilidade nos sonetos de provincia. Os poetas, sentados á ourela dos rios, quer a pescar á canna, quer a chorar, podem ser idiotas; mas não perpetram o delicto de alinhar consoantes com o projecto homicida de quem carrega rewolvers de dez tiros.

Na cerração da sua angustia, preluz-lhe a esperança em D. Miguel 2.º, *inclito filho do David* defunto. Espera que elle seja *outro grande Salomão cujo governo fará admirar todos os povos da Europa*. Este advento estava prophetisado por uma *santinha de Italia*, Anna Maria Taigi. Elle virá *reger a nação mais briosa e mais valente do mundo que já deu leis á terra*. Isto parece um plagio dos brindes de seu visinho *Euzebio Macario*. Conclue padre Casimiro os seus threnos, contando que os liberaes, como soubessem que se iam fazer exequias solemnes em Margaride, *começaram a dar um cavacão*. São favas contadas. Coisa que elle fizesse ou dissesse, os liberaes davam logo um cavacão.

*

Imprimiu o snr. padre Casimiro em 1871 um *Protesto contra a sacrilega invasão de Roma e a apreciação da liberdade liberal*. Este opusculo, com as suas dedicatorias particulares, enviou o auctor a varios principes, ao pontifice e a prelados. D. Miguel 2.º é o primeiro contemplado. O segundo é Pio IX.

O folheto profliga rijamente os maçoens. Os epithetos de que usa para adjectivar variadamente os pedreiros livres — variedade necessaria á bellesa da composição — tem esta doçura apostolica: *larapios, ladrões, impios, salteadores, incendiarios, assassinos, e salteadores de proporções collossaes*. Pio IX que havia sido mação, e com certeza não fôra salteador nem impio, devia sentir-se da insolencia com que o portuguez lhe desfechava calumnias obliquamente. No *Jornal do Commercio* de Lisboa de 12 de fevereiro de 1876, e no *Grande Diccionario portuguez*, sob a direcção de Fernandes Costa, art. *Maçonaria*, pag. 344, encontra-se o seguinte documento, extrahido do *Popolo*, jornal de Genova: «Oriente de Nuremberg, Respeitavel Loja «Fidelidade Germanica», filha da Grande Loja de Baviera, com lettras de constituição da Grande Loja Mãe: Os tres Globos de Oriente de Berlim. Possuimos nos nossos archivos, sob n.º 13:715

o seguinte documento, certificado e authenticado em devida forma, escripto em italiano, e munido do grande sello da Grande Loja «Luz Perpetua», no Oriente de Napoles. Respeitavel Loja «Eterna Catena», oriente de Palermo. Nós, mestres e officiaes dignitarios dos tres gráos maçonicos de S. João: certificamos em nome do Grande Architecto que dirige tudo, que hoje á meia noute recebemos n'esta loja com todas as formalidades prescriptas pelo ritual e com completa obediencia ás prescripções da ordem, o irmão João Feretti-Mastai, natural dos Estados Pontificios, o qual, depois de ter prestado juramento em presença de nós todos, affirmou não pertencer a sociedade alguma secreta, além da nossa loja; e pagou os direitos que correspondem ao seu grau. Por consequencia, ordenamos a todas as lojas maçonicas do universo que o reconheçam como verdadeiro e perfeito maçon, recebido n'uma loja regular e perfeita, por que assim o julgamos e testemunhamos como pessoas conscienciosas e honestas. E para que este documento seja tido como verdadeiro, n'elle pomos as nossas assignaturas. Em Palermo, na primeira quinzena do mez de agosto do anno profano e civil de 1839. — Ne varietur. *Giov. Feretti-Mastai.* — O veneravel da Loja, *Matheo Chiavo.* — O secretario da Loja, *Paulo Duplessis.* — O grão-mestre na Grande Loja de Napoles, *Sixto Calano.* — Eu

abaixo assignado certifico que tudo o que fica acima relatado é exacto, e que este documento existe nos archivos sob o numero supra-mencionado. *Guilherme de Wittelsbach,* Grão-mestre da Grande Loja da Baviera (Principe da Baviera)».

Contestou-se a authenticidade d'este documento; mas os pedreiros livres mantiveram a veridicidade d'elle, fundados nas formalidades authenticas em que o encontraram; e allegaram que Pio IX, no começo do seu pontificado, procedera harmonicamente com os alvitres da maçonaria.

Parece, pois, que o opusculo virolento do snr. padre Casimiro José Vieira não devia ser extremamente agradavel a *João Feretti-Mastai.*

O mesmo aconteceria com o imperador de Allemanha, Grão-Mestre da maçonaria no seu imperio. Mas onde iria o imperador descortinar em Allemanha um traductor que lhe fizesse sentir a grandeza epica d'este periodo: *Não ouvis, senhor, os sibilos medonhos, que dá na ilha dos antigos pescadores a hedionda serpe, que decidiu reduzir a cinzas todos os monumentos da admiração dos homens, e assassinar todos os monarchas do mundo e todos os proprietarios do universo?!! E não vêdes como em altas lavaredas, por ella excitadas, já ardem as extensas e espessas mattas da Argelia?!! Não vêdes como a furibunda Internacional, ultima expressão do*

liberalismo ou maçonismo, toma vulto de gigante e que antes de pouco vos será impossivel abarcal-a?!!

Posto isto, recommenda-lhe que, auxiliado por Bismark e Moltk, cumpra a tarefa de que Deus o incumbiu de repor nos seus thronos os monarchas legitimos, e de preferencia Pio IX. Pede-lhe esse favor.

Padre Casimiro sabia perfeitamente que o imperador não era catholico; parece, porém, confiar ao seu opusculo a conversão do hereje. Infelizmente, Guilherme, por ignorar a lingua portugueza, está ainda fóra do gremio da verdadeira religião, e os monarchas legitimos continuam dentro da egreja, mas fora dos seus thronos.

*

A carta a *Carlos VII* tem instrucções estrategicas bastante aproveitaveis n'este cyclo que vamos atravessando de guerra accelerada, exterminadora, em manobras instantaneas. Esta carta coincidiu, mais anno menos anno, com o apparecimento do *fuzil Mauser* na Prussia, com a *carabina Chassepot* dos Ulanos, com a *espingarda de agulha*, á *Landsturm;* e o *revolver-Scharp,* e a *pistola-Werder,* e a *espingarda Ramington* e a *Springfield* e a *Enfield-Snider* e a metralhadora — tudo methodos de matar abreviados

para uso da humanidade civilisada, addicionando-lhes para completo regosijo a peça de Ferris, de Blakley, de Wetworth, de Parsons, de Pavrott, de Freadrel, e o Armstrong, e o canhão-rewolver Motchkiss.

D. Carlos, como sabem, floreava, em terras de Espanha o estandarte do absolutismo com fortuna adversa. Em meio dos seus desalentos, leu, tarde talvez, alguns periodos de uma carta do snr. padre Casimiro, datada em 12 de maio de 1874. Depois de lhe offerecer um caderno de receitas therapeuticas para curar os seus valentes voluntarios feridos, acrescenta: «Proponho «ultimamente á consideração de vossa Mages«tade a lembrança que ao nosso fallecido Rei «o senhor D. Miguel 1.º propoz em um plano «de restauração da monarchia legitima o meu «visinho e intimo amigo snr. Antonio Joaquim «de Barros Lima, que militou como voluntario «legitimista e como official em toda a guerra de «Portugal desde 1828 ás ordens do distincto «general D. Alvaro, até 1834, assim como em «1846 e 1847, e que está designado para com«mandante de brigada. E consiste ella em ar«mar de rewolver e roçadoura uma ou duas «companhias em cada batalhão, para substitui«rem a cavallaria, e baterem-se com ella, e, «principalmente, para nas cargas a ferro frio «decidirem as batalhas com mais rapidez e se«gurança que os botes da bayoneta.

E explica:

«A roçadoura é a mesma fouce de podar as «vides, mas com ponta aguda na direcção das «costas, do tamanho de meio palmo acima d'el- «la, para poder cortar para o lado, e espetar «para a frente, encabada em um páo da altura «de um homem, como a figura aqui desenhada «ao lado. O manejo d'esta arma é o mesmo do «jogo de páo, pegando-se d'ella com a mão es- «querda, e com a direita no meio d'elle para o «lado da fouce, ficando o hombro direito em «frente com o inimigo. Para saber o manejo «d'ella basta aprender a dar um passo para a «frente e para a retaguarda, já por um lado já «por outro, dando de cada vez, junta com o pas- «so, uma volta de roçadoura em redor do cor- «po e por cima da cabeça para se cobrir das «pancadas inimigas, como no jogo do páo quan- «do se faz varrimento; e acrescentando em cada «passo, quando o hombro direito fica para o ini- «migo, uma pontada para a frente ou para elle.

«Um qualquer dos vossos Navarros, armado «de roçadoura, e estando bem convencido da «firmeza, serventia e effeitos d'esta arma, pode «arrostar com cem republicanos, nas cargas a «ferro frio, e até com os cavallarias ou lancei- «ros, devendo procural-os sempre pela esquer- «da ou frente do cavallo, por que por uma e «outra parte alcança pouco tanto a espada como «a lança, e o rocêna pode espetar o cavallo pelo

«peito, ou cortar-lhe as pernas, ou os queixos, «ou as redeas.»

Affirmar que estes conselhos respiram a mansidão de Jesus parece-me temeridade. O snr. padre Casimiro não pretende inculcar, penso eu, estes expedientes dilacerantes a Carlos VII como linimentos balsamicos de paz, de caridade, de submissão ao destino impreterivel das naçoens e aos designios da Providencia. N'esta carta, o coração do padre catholico pulsa opprimido pela couraça do velho general das «Sete Fontes». O temperamento do montanhez de Vieira espirra borbotoens de sangue e froixos de bilis. Arqueja em estos de paixão vingativa o bravo lidador vencido pela fortuna sinistra da guerra e excruciado pela hepatite chronica. Como padre, é irresponsavel, porque a natureza restaurou n'elle o homem biologico, o politico, o valente; e a velhice inerme, com toda a sua cacochimia de raivas senis, expede da garganta do leão prostrado esses rugidos temerosos.

Ahi está uma victima do meio. Esse homem, se o acaso lhe deparasse na juventude a carreira das armas n'um paiz aguerrido, seria a esta hora um marechal de campo reformado, laureado de cicatrizes, ou teria uma estatua mostrando á posteridade o seu peito de bronze impavido aos pelouros, ás bayonetas e talvez ás fouces roçadouras.

Posto de parte o ministro de Deus misericordioso, o apostolo de Jesus que poupou a Malco a segunda orelha, — desculpado, em fim, o levita como um artificio que a natureza repulsa quando a paixão desenfreia as convençoens sociaes, muito ha que admirar n'esses alvitres da arma, já usada, mas esquecida na arte da guerra. A fouce roçadoura, *podendo cortar para o lado e espetar para a frente*, não se encontra nas panoplias dos hunos e ostrogodos. A roçadoura apparece na idade do ferro, juntamente com a partazana; mas o gancho, *a ponta aguda na direcção das costas*, é invenção addicional que poderia exalçar um padre portuguez ao nivel do monge dinamarquez, fr. Bertoldo — que inventou a polvora, usada seis seculos antes — se o conselheiro de Carlos VII não imputasse leal e magnanimamente o invento ao seu amigo brigadeiro Barros Lima, de Felgueiras.

Ao snr. padre Casimiro, porém, pertence a lucidez com que lecciona o jogo da fouce, passo para a frente, passo para a rectaguarda, já cortando os queixos ao cavallo, já as pernas, já espetando-o pelos peitos; e com tamanha vantagem que um só navarro póde arrostar a ferro frio uma carga de cem republicanos.

Todos nós, os que ainda temos juizo e detestamos a republica, agradecemos a lembrança da fouce de gancho ao snr. padre Casimiro, e nos devemos munir cada um com sua para a

hora da grande batalha que se espera. Já sei que eu, sosinho, passo atraz, passo á frente, posso dar n'um cento de republicanos fouçada de crear bicho, depois de lhes espetar o peito ou cortar-lhes os queixos aos cem cavallos, acto que deve preceder o córte dos queixos dos cem cavalleiros correspondentes. Que o senhor D. Luiz 1.º se não arreceie dos demagogos sedentos do sangue dos Braganças e da gente séria. Que os cidadãos honestos, possuidores de inscripções e outros fundos, recolham fouces de gancho; que se exercitem esgrimindo em familia, pegando das fouces com a mão esquerda junto á extremidade do cabo e com a direita no meio d'elle, e passo atraz, passo adiante, *trapezape*, e era uma vez a republica.

De modo que o intransigente partidario do snr. D. Miguel 2.º, involuntaria e inconscientemente, salva o governo representativo ameaçado, seja por quem fôr. Por quanto, se vem os republicanos, ignaros no jogo da fouce, levam com ella; se vem os absolutistas, exercitados e armados com a mesma, já nos encontram a nós os eclecticos com um pé para a frente e outro para a rectaguarda, promptos a cortar-lhes os queixos dos cavallos e as orelhas dos donos indispensavelmente.

*

Ao mesmo tempo, 12 de maio de 1874, escrevia á bellicosa princeza D. Margarida de Bourbon, felicitando-a por haver conquistado a corôa do tempo e mais a corôa da eternidade, afóra a que os anjos lhe estão tecendo para lhe engrinaldar a regia fronte. Envia-lhe tambem um caderno manuscripto de receitas para com ellas alliviar os que soffrem, e além de tudo isso a *Maçonaria, e a liberdade liberal*—o fatal opusculo.

Igual mimo liberalisou a D. Affonso de Bourbon:—corôa de gloria tecida pelos anjos, receitas para os feridos—e o opusculo.

Não foi menos ditosa a senhora princeza D. Maria das Neves, *filha do martyr de Heubach*. Envia-lhe a certeza da esmerada *corôa que lhe tecem com o maior afan os anjos todos da patria celeste*, receitas—e opusculo. Quatro exemplares pharmacologico-therapeuticos para a mesma familia. A ruina dos boticarios de Hespanha. O que estes principes de certo receberam mais medicatriz para as suas más noites hystericas e nervosamente agitadas foi o folhèto. [1]

---

[1] Os leitores enfermos podem adquirir a posse de um exemplar d'estas receitas que vem assim annunciadas na capa dos APONTAMENTOS: *Vae imprimir-se no mesmo for-*

Precede este folhêto uma *Prefação* explicativa. É um *protesto contra o systema da liberdade liberal ou constituição que Deus permittiu viesse á terra como flagello da sua ira para castigo nosso, e que tem arruinado o mundo, afogado em sangue uma porção inormissima dos filhos de Adão e arrojado aos eternos abysmos almas sem conta.*

Se a liberal constituição veio á terra enviada por Deus como açoute da sua colera contra os peccadores, claro é que os liberaes, os algozes, são instrumentos de Deus irresponsaveis; e, se o são, sacrilegamente procede o sacerdote fulminando-lhes censuras, injurias, excommunhões e ordens de marcha para a gehenna. Estes sujeitos não são politicos da esquerda nem da direita: são documentos biologicos, physiologias escravas de transcendencias incoerciveis, sem faculdades volitivas. Obedecem a expansoens psycologicas como a bala á explosão da polvora, e tem entre si attracçoens e repulsoens automaticas como as electricidades — tudo para

---

mato d'esta obra, e em folhetos á parte, (que podem comprar-se nas mesmas casas em que ella se vende) uma collecção de receitas do mesmo auctor muito experimentadas, para curar rapidamente com modica despeza e com remedios os mais innocentes, feitos em casa com poucas drogas, muitas molestias reputadas geralmente de uma cura difficil.

nosso castigo. Elles é que podem dizer affoitamente quando pintam a manta e fazem ahi o diabo: *Deus est in nobis.*

Quando Jehovah enviou a Sodoma e Gomorrha os gladios de fogo, decerto não houve um padre que insultasse os anjos da destruição. Os liberaes são tão inconscientes e irresponsaveis como os anjos incendiarios das antigas cidades corrompidas. Improperar, pois, com diatribes os liberaes investidos de missão divina é reincidir no delicto da impenitencia e irritar a ira do Senhor com reacções sacrilegas. O nosso dever de peccadores é submetter as costas ao flagello com humildade contricta: tanto importa que nos vibrem o tagante os regeneradores, como os progressistas, como os constituintes. Roguemos, pois, ao Senhor que, satisfeita a sua justiça ou raiva, haja por bem de repôr no palacio da Ajuda o snr. D. Miguel 2.º, e no salão do parlamento um succulento refeitorio de monges benedictinos, e no caes do Sodré e na Praça Nova algumas forcas.

*

Teve duas ediçoens este *Protesto*. Um jornal de Guimaraens respigou, na primeira, em phrases de causticidade voltaireana, os desconcertos principaes. Padre Casimiro leu as facecias que poderiam fazer chorar um catholico menos illa-

crymavel; e, refutando-as com uma seriedade pathologica, disse que a leitura d'ellas lhe *despertara algumas barrigadas de riso*. Isto alegra-me, na certeza de que vou ter a satisfação de *despertar* tambem algumas tympanites de riso na barriga hilariante do festival theologo.

*

Direi agora succintamente do opusculo enviado aos principes, e reimpresso nos APONTAMENTOS com recheio de notas. Invectiva os liberaes que primitivamente se chamaram *manicheus*, depois *pedreiros livres*, e por ultimo *revolucionarios*. Já o Espirito Santo, ha desoito seculos, lhes chamou *demonios* e outros epithetos descortezes pela bocca de S. Paulo. Padre Casimiro faz estendal das injurias de Saulo, — raivosas como as insolencias de todos os apostatas — desfechadas contra os impios que hoje dominam pela maçonaria, isto é, os partidarios do regimen representativo; e tanto lhes quadra a nomenclatura affrontosa do santo, que o presbytero não hesita affirmar ser assim *que o Espirito Santo designa os taes ratoens liberaes*. Ora, o Espirito Santo havia-lhes chamado tudo, menos *ratoens*. N'outra pagina, para os variar de sexo, chama-lhes *ratazanas*, o padre. E, como S. Paulo os qualifica de desamoraveis, *sine affeccione*, o interprete do «Vaso de eleição»

manda acautellar as mulheres — *que fujam d'elles ás leguas por que são os partidarios do casamento civil.* Se acontece esses homens exercitarem a caridade por amor ao proximo sem consagrarem ao amor divino essa virtude toda humana, o theosopho com uma interrogação penetrante, exclama: *que taes são os melros?* É preciso que o esmoler faça a caridade usurariamente, como um Schilock, com a mira posta na ganancia do céo. Se faz o bem por compaixão do miseravel, sem esperança de recompensa n'outra vida, é *melro.*

Encontrou elle em uma epistola de S. Judas o prophetismo dos liberaes que se apartam em conciliabulos, *segregante semetipsos.* São os pedreiros livres, os carnivoros á 6.ª feira, os que ajoelham com uma só perna na egreja, em fim, *umas bêstas* que não tem de que se queixar do snr. padre Casimiro. Elle se defende da injuria arremessada em primeira mão: *Não se queixem de nós por lhes chamarmos bêstas: queixem-se do Espirito Santo que lh'o chamou antes de nós e já ha desoito seculos; por que já então os conhecia melhor de que nós agora.* E latinisando: *Animales spiritum non habentes.* De que são bêstas, vem ao proposito, justificando o epitheto, contar que ha poucos annos, andavam os homens amantados de cobrejões de burros, e agora (referindo-se talvez aos *chailes-mantas*) *andam com*

trastes de mulheres. E accrescenta com um riso de troça sarcastica: *Mas que parvos!*

Pondera que a pena de morte foi abolida entre nós por que os legisladores *se julgavam dignos d'ella, e, se a lei penal vigorasse, podia tocar-lhes algum dia*. Eu já tinha suspeitado isto mesmo a respeito dos snrs. Mendes Leite e bispo D. Antonio Ayres. A estes dois sujeitos necessariamente bacorejou-lhes a forca pelo muito que se afadigaram em derrubal-a. Affirma, porém, o padre que *agora só se applica aos realistas*. E' preciso acabar com esta excepção odiosa que já começa a fazer má impressão no publico — o enforcarem-se realistas tanto a miudo. *Não quero a pena de morte para nenhum cidadão portuguez: oxalá que nunca mais ella seja executada sobre a terra. Não quero tambem penas perpetuas, por que até no fundo de uma prisão a nenhum desgraçado deve faltar o balsamo consolador da esperança*. Isto dizia no parlamento de 1835 o scelerado Manoel Passos quando pedia com lagrimas que não se perseguissem os realistas. Dissimulação. Manoel de Passos queria abolida a pena de morte para se desaffrontar do palpite da forca; mas os realistas continuam a ser enforcados, como evangelicamente nos assevera o rev. padre Casimiro.

Perlustrando as cryptas de abominaveis defuntos da historia moderna, cita a morte hor-

renda dos perseguidores da religião. Cavour, Bruni e Marcadanti, maçoens e inimigos da egreja, morrem apopleticamente. Quer o snr. padre Casimiro vêr morrer do mesmo feitio um inexoravel perseguidor dos pedreiros-livres? Foi o arcebispo primaz D. José da Costa Torres que mandava queimar-lhes as cazas na Madeira e em Braga, por 1809. Antonio José Maria Campello, ministro de estado, fallecido em 1851, fez-lhe o seguinte soneto:

És tu Bispo ou Sultão? Tu que apregôas
Cruel perseguição que jámais cança!
E's tu Bispo ou Sultão? Tu que a esperança
Murchas nos peitos que de dôr magôas!

Genio do mal! Aonde quer que vôas
Levas o espanto, fartas a vingança;
E sem temer a mão que os raios lança
Evangelho e calumnia a um tempo entôas!

Detem a furia. O coração te engana,
Se pensas que o trovão que os máos fulmina
Já se apagou na dextra soberana:

Eis a morte... (e que morte o céo te assigna!)
Ai que escapaste da justiça humana,
Para cahir nos braços da divina.

Vê? morreu apopletico o perseguidor dos maçoens. Quer vêr como pagou, roubado e assassinado, um dos denunciantes do Grão-Mestre da maçonaria, Gomes Freire de Andrade, enforcado em 1817? Chamava-se João de Sá

Pereira Soares, desembargador e intendente geral da policia no Porto. Em 1834 seguiu o exercito até á Asseiceira; e, quando fugia com quatorze bahus repletos de ladroeiras, foi assassinado na fronteira de Hespanha. Outro denunciante dos pedreiros-livres foi Pedro Pinto de Moraes Sarmento que morreu varado de balas no cêrco do Porto, ao serviço de D. Miguel. Apenas José d'Andrade Corvo de Camoens teve a morte do justo com todos os soccorros da pharmacia e da egreja. De maneira que não é facil decidir quando a morte é theologica ou pathologica.

*

Tinha vaticinado S. Pedro uns «mestres de pêtas» *magistri mendaces*, para os quaes reserva Deus *uma horrorosa escuridão de trevas*. Estes mestres de pêtas bem interpretados pela exegese biblica do snr. padre Casimiro são os actuaes professores dos lyceus que reprovam os estudantes clericaes perguntando-lhes *curiosidades, só proprias dos caixeiros, e que á maior parte dos padres nem são necessarias em toda a sua vida nem lhes servem de nada*. A taes mestres do lyceu está reservada a *horrorosa escuridão das trevas*. Não cuidem elles que a sua escuridão ha de ser clara, feita de trevas *gris-perle*. Se alguem arguir o snr. padre Casimiro do pleonasmo por chamar ás trevas *escuras*, responda-lhe

que o seu mestre de lingua portugueza é Luiz de Camoens, e cite-lhe a *est.* xxx do *cant.* v.

> « Mas logo ao outro dia seus parceiros,
> Todos nus e da côr da « escura treva »,
> Descendo pelos asperos outeiros
> As peças vem buscar que est'outro leva.

Quanto ao pleonasmo, está justificado; mas o que me intriga é as curiosidades proprias de caixeiros que os mestres dos lyceus perguntam aos ordenandos. Seriam problemas da prehistoria? a interpretação difficil de alguma inscripção egyptologica? em que ponto do firmamento fulgura a constellação da cabra Amalthea? a esthetica da escola preraphaelita ingleza? a importancia do pancreas na digestão? Se era tudo isso ou parte, o que havia ahi importante como propriedade de caixeiros? Não ouso affirmar; porém pendo a crêr que as curiosidades proprias do caixeiro e inuteis ao clero seriam as operações arithmeticas, duas das quaes, *diminuir* e *repartir*, são um luxo de mathematica, por via de regra, desnecessario aos vigarios.

Assenta o theologo investigador de raças que os liberaes descendem dos judeus, e toda a perversidade lhes vem herdada de semelhantes avoengos. Padre Casimiro, sempre que póde, espumeja de raiva contra os israelitas. Isto deve ser uma bilis plastica de artista que lhe ficou desde o acampamento no Bom Jesus onde via

a toda a hora aquelles judeus obscenos das capellas. Elle crê, talvez, que á excepção de Jesus, judeu circumciso, todos os outros semitas eram feios como aquelles de madeira que figuram na tragica facecia do Senhor do Monte. N'este rancor aos israelitas, povo dilecto de Deus, quão longe está o snr. padre Casimiro do apostolo por excellencia! Veja a mansidão pacientissima com que S. Paulo diz aos de Corintho que cinco vezes fôra azorragado pelos judeus levando de cada vez quarenta tagantadas menos uma! (*Epist.* 2.ª, *cap.* XI, *v.* 24). Do continuador de Jesus Christo só lhe serviu a auctoridade em profecias patetas.

Queria o grande José Agostinho de Macedo (o liberal furioso de 1820, ou o realista energumeno de 1824?) que se chamasse aos liberaes, por suprema ignominia, *malhados;* porém, o snr. padre Casimiro, mais adscripto ao Espirito Santo que á côr das mulas de D. Miguel, opina que elles conservem o stygma ignobil que S. Pedro lhes encarvoou na testa, isto é — *liberaes,* visto que elles prometteram a liberdade, *libertates promittentes.* E corrobora o seu alvitre com o de um grande philosopho portuguez, dr. Vaz, o qual asseverou *que os liberaes são peores que o demonio.* Os grandes philosophos portuguezes dizem estas coisas e não chegam a ser conhecidos fóra da sua freguezia. Triste condição dos paizes insignificantes!

Pelos modos, os liberaes são discipulos dos manicheus, que perderam este nome para adoptarem o de «pedreiros-livres», *monstros affrontosos á natureza*, attascados nos esterquilinios de obscenidades que S. Cyrillo não ousava exprimir; mas padre Casimiro, menos pudibundo, nos vai contando. Em uma cidade perto de Margaride havia uma casá onde se ajuntavam os pedreiros-livres; e alguem, espreitando pelo buraco da fechadura, *vira uma enfiada de camas mais bastas que n'um hospital.* Seria talvez um gyneceu de educandas da *Deusa Boa.* Ai do padre, se lá entrasse, como Publio Claudio, disfarçado na alva tunica lasciva das *psaltrias*! (Consulte eruditamente *Juvenal*, sat. VI, *Plut. Cic. pró domo sua*, *Ovid. Ars amandi*).

Pessoa de maior credito lhe contou que em certa casa de outra cidade tambem perto de Margaride, e em casa de familia sua conhecida, *em uma reunião dos veneraveis e das veneraveis, á meia noite, apagavam-se de repente todas as luzes,* e... quem pilhou pilhou, quem não pilhou pilhasse, que é a traducção do *promiscui sexus et primi capientis.*

Se essas duas cidades anonymas, visinhas de Margaride, tem ares de modernas Babylonias, quem sabe se isso que o sujeito espreitou pelo buraco da fechadura era o templo de Mylita — symbolo da natureza fecundante — onde

as mulheres, á imitação das caldaicas, se reuniam todos os mezes desavergonhadamente? — Seriam reliquias ethnicas dos phenicios collaboradores da raça mixta luso-gallega?

Quer fosse em Braga, quer em Guimaraens, ahi é que eu queria ouvir trovejar pela bocca do levita a profecia de Isaias, cap. XIII: *Babylonia, a natá do reino, o primor do orgulho caldeu, será como Sodoma e Gomorrha, depois que Deus as assolou. Nunca mais terá moradores; nem os arabes armarão ahi suas tendas, nem os pegureiros hão de lá apascentar os porcos. Virão ahi abrigar-se as bestas-feras; as casas serão o valhacouto das foinhas, ninhos de corujas que esvoaçarão por lá com os filhos. Animaes ferozes se corresponderão bramindo, e os dragões arrastar-se-hão por esses castellos desolados.* Sim, esta é a sorte que espera Guimaraens e Braga, se não se fecharem quanto antes esses estabelecimentos obnoxios que o informador do veridico presbytero espreitou pela fechadura da porta.

Já em Basto ha tambem um pouco de Babylonia. Basto, e especialmente Cabeceiras, andou sempre na vanguarda do progresso. Sá de Miranda cantava ha trezentos annos:

Eu já vi correr pardáos
Por Cabeceiras de Basto.

Ahi se dizem, assevera o snr. padre Casimiro por lh'o referir outro padre, palavras lasci-

vas deante de senhoras, e ellas a regalarem-se de as ouvir e a puxal-as. *São estes os effeitos das assembleias nocturnas em que se ajuntam os diversos sexos que estão em moda n'essas reunioens infernaes.* Por esta redacção não-se percebe nitidamente o que está em moda — se são os *diversos sexos* ou as *reunioens infernaes.* Seja o que fôr, estas juncções dos diversos sexos, pelo menos as dos dois mais conhecidos, são triviaes mesmo em outras aldeias pela razão naturalista que dá o philosopho Lefebre: *l'instinct génésique rapproche momentanément les bêtes les plus solitaires;* e em outro lanço da sua philosophia positiva escreve: *Il faut combler les vides.* Bem percebe. Quer diser que não ha vacuo na natureza, e accrescenta: *Necessitè ineluctable dont n'est pas exempt le plus étheré des methaphysiciens ou des idéalistes.* Mas metaphysicos, ethereos e idealistas em Cabeceiras de-Basto, a não ser algum romantico Raul, bacharel petrificado, ahi por 1850, na contemplação de uma prima que bordava chinelos de tapete e coraçoens de missanga em talagarça preta, não se encontra um por aquellas terras. O certo é que semelhantes juncçoens de sexos não se recommendam como requinte de limpeza honesta; mas, emfim, é o que dá o *Carnet mondain* da Rapozeira e o *The five o clock's tea* da Gandarella e o *Rout* de Fafe. Vê-se, porém, que é essa uma gente rija, apostada a não sacrificar a sua carne palpavel ao

espirito intangivel. E depois, bem sabe, se acontece não haver espirito — o que é vulgar nas terras sertanejas — faz-se mister que haja equivalentes compensações na região subalterna do atomo, da fibra vibratil, do globulo inflammado. Emfim, Babylonia — está dito tudo!

Pergunta o snr. padre Casimiro: *Haverá homem de senso que queira para casamento mulher de semelhante terra sem haver primeiro escrupulosa inquirição sobre a sua vida e costumes?* É de crer que não haja. Ninguem acceitará mulher de Basto sem vir documentada com certidão do parocho, do regedor e talvez da parteira. Cumpre que a noiva prove onde convier que se manteve insexual, na especialidade juncçoens, até casar.

*

Exemplificando o que seja um republicano, personalisa *o malvado Garibaldi com a sua enorme matilha de salteadores que tem sempre alimpado tudo por onde tem passado.* Em outro trecho chama-lhe — *o maior dos asnos.* Com referencia a governos republicanos, repelle o argumento dos Estados-Unidos, por que esta republica não obedece a influencias de lojas. Em bibliographia maçonica, o snr. padre Casimiro revela uma ignorancia louvavel. A opinião publica nos Estados-Unidos é elaborada em 38

Grandes Lojas e em 4731 Lojas subalternas. Foi mal escolhido o exemplo de um systema de governo independente da collaboração politica das sociedades secretas. É muito mais sensata a sua critica sobre impostos e empregados publicos. Elle conheceu, ha poucos annos, alguns d'esses empregados, uns *philantropos de socos, sem meias, de jaquêta e chapeu velho;* e agora andam aceados *que nem uns desembargadores, gordos como nabos, vermelhos como pimentos, fallando de papo, e com sua senhoria ou excellencia, a escolher, por que estamos na epoca das excellencias que não tardarão a dar-se aos cães e aos gatos.* Elle conhece em Felgueiras estes *gommeux raffinés.*

Declara como é que o ouro e a prata do paiz cahiram nas algibeiras d'esta gente. Os governos, para chamarem a si e aos seus pedreiros livres o capital, vendem uns *papelitos pintados,* que se chamam *Inscripções;* e a maior parte dos tolos, afinal, ficarão sem vintem. É provavel que fiquem. Mas padre Casimiro tem grande esperança no imperador d'Allemanha, com quanto seja protestante e mação, por saber que elle presenteou Pio IX com uma alcatifa. Persuade-se que Deus se serve d'elle como instrumento da sua justiça, e lhe envia os seus anjos para o ajudarem. O imperador não é catholico; mas é protestante de boa fé e por erro de entendimento; porém, como pecca por falta de intel-

ligencia, Deus serve-se d'elle, e regeita os serviços de soberanos puramente catholicos e illustrados. Ainda assim classifica de *milagre estupendo* a confiança que Deus deposita no mação-protestante. É que palpa o absurdo e recolhe-se ao milagre. Elle diz estar convencido, em 1870, que, terminada a guerra franco-prussiana, o imperador, abjurando os erros, entrará na egreja catholica e depois no céo. As convicçoens do snr. padre Casimiro orçam quasi todas pela prova real da conversão do imperador.

*

Quem houver de definir a *Ideia Nova* tem de desnocar alguns velhos galhos da arvore de d'Alembert, enxertar vergonteas novas, e endireitar as antigas fazendo-as convergir, centralisar no positivismo de A. Comte. Definil-a é desdobral-a na sua extensão encyclopedica. A definição da Ideia Nova abrangeria, passo a passo, o itinerario da observação do homem atravez das ideias velhas no percurso historico de seis mil annos. Pois o snr. Padre Casimiro define em duas palavras a Ideia Nova:—E' o *progresso do diabo.*

N'este progresso estão incluidos alguns brazileiros, espiritos fortes que levam a sua dose ricamente d'este feitio: «Alguns brazileiros en-

chem a bôca por toda a parte com as palavras asnaticas—«nós somos espiritos fortes.» Para estes e para os maçoens e liberaes, *que são todos a mesma fazenda,* virá, a final, horrenda morte e inferno sem fim, *emquanto Deus fôr Deus.*» Mas será permittido esperar melhor posição quando Deus não fôr Deus?

Gambetta é um dos taes que já lá estão. *Logo que se carregou de milhões pelo roubo enormissimo que fez á França, deixou de soccorrer os seus irmãos fraternos da fraternidade maçonica.* Devia accrescentar *que fraternisavam fraternalmente,* para lhe sahir mais nitidamente a feliz idea. Conta que Gambetta fôra assassinado como Marat por certa mulher. A historia de França, quando chega a Margaride, vem assim estropeada. Por essa occasião, chama-lhe *um dos maiores ladrões do mundo.* Podia dar a primasia a outros salteadores famigerados de terra e mar, por exemplo Benzel, Chender, Makandal, o padre Ignacio, Marco Sciarra, etc. Ao menos seria equidade pôl-o depois de Caco e antes de Cartouche sem offensa do Diogo Alves.

Mas não haverá hyperbole no conceito nada caritativo que o exemplar sacerdote faz de um homem defunto, um estrangeiro que não cooperou para que as missas no Minho estejam baratas como os cereaes? Se elle, *o maior ladrão do mundo,* roubou milhoens á França, como é que os francezes, os roubados, em dezembro de 84,

já tinham contribuido com sessenta e seis contos para a subscripção de um monumento a Gambetta na Praça do Carrouce! ? O devoto de Santa Quiteria e das 8 manas, se não puder provar o aleive, submette-se á responsabilidade da calumnia, e não deve sacrilegamente ingerir nas suas mucosas intestinaes o Deus sacramentado sem reconciliar-se d'essa diffamação. Padre Casimiro sabe que *Diabo* vem do grego *Diabolos*, derivado de outro vocabulo grego que exprime—*calumniador*, *diffamador*.

A's vezes vibra o latego das laraxas contundentes ás costas dos maçoens. Faz uma picaresca descripção, pulverisada de sal aristophanico, das cerimonias maçonicas na admissão do recepiendario. A religião, a moral e o bom senso vingam-se em trez paginas que fariam desquadrilhar de riso os tristes escapados ao antro de Trophonio. Se a maçonaria não fosse um crime invulneravel ao ridiculo como o diabo, cuja filha é, acabaria rebentada pelos valentes ponta-pés que leva, dados com todos os pés de mestre.

Gostava elle que as cerimonias se fizessem no campo da Vinha em Braga, para vêr os garotos ás pedradas aos maçoens quando elles fugissem a dar *com os calcanhares no trazeiro*. Aqui brilha o typico, subtilissimo *humour* do americano Mark Twain.

Affirma que tambem ha assembleias de mulheres maçonicas; e que a final, *depois das*

muitas saudes, estas beberronas, tornadas odres ambulantes, vão para casa a cambalear e a soletrar o grego primitivo... amparadas pelos seus ajudantes fraternos da loja, que sem o querer as vão arremedando nos movimentos indecisos das pernas e da lingua. Padre Casimiro, se viu esta scena, posso asseverar-lhe que o ôdre ambulava; mas não affirmo que as maçonicas fossem os ôdres. E' uma dyagnosis de perversão nervosa. O codigo penal modernamente costuma corrigir estas hallucinaçoens opticas com policia correccional.

Certo padre Bernardo contou a padre Casimiro que os adeptos á maçonaria desfechavam tiros contra a imagem de Christo. A estes deiicidas pertenceram Saldanha que abjurou, Romero Ortiz que em perigo de morte pediu perdão ao papa telegraphicamente, Littré que, em paroxismos, foi baptisado pela mulher, cuidando talvez o moribundo que lhe lavavam a cara, e Emilio Girardin que morreu contricto como Voltaire; e, a respeito de Voltaire, renova umas velhas e requentadas invencionices ha muito expungidas da sua biographia. Quanto ao meu presado amigo Romero Ortiz, um poeta, creio que morresse abraçado á cruz do Christo santissimo a quem elle tinha feito o serviço de refugar de Hespanha algumas congregações religiosas.

Declara que os liberaes ou moçoens tratam de repartir entre si a propriedade geral, funda-

dos na theoria de um taverneiro de Felgueiras o qual allega que, tendo morrido sem testamento Adão e Eva, todos os seus descendentes pobres tem direito á repartição da herança. Padre Casimiro, contrariando, escreve que só os legitimistas e catholicos tem direito á herança como descendentes d'aquelle patriarcha biblico; e os liberaes, como descendentes de animaes pelludos e rabudos, não tem nada a haver em partilha. E accrescenta que se não descendem do macaco, procedem do diabo que *tambem tem rabo e cornos*. Puro Sterne. Epigrammatista de uma cana só.

Claro é que s. reverencia revela não ser estranho ás novidades biologicas. Tem compulsado Darwin com mão diurna e nocturna. Regeita a theoria da descendencia ou transformismo. Devem sobrar-lhe argumentos para repellir do concelho de Felgueiras as theorias de Haeckel sobre a concepção monista do mundo mechanico. Elle nunca permittirá que o regedor de Margaride se persuada que as especies organicas resultam de transformações provocadas pela acção reciproca da adaptação e da hereditariedade. O seu olho vigilante não cessará de espreitar a propaganda insidiosa dos biologos e morphologos evolucionistas de Basto e Guimaraens. Em fim, as violentas e precipitadas affirmaçoens de Spencer tem-lhe preoccupado o intellecto; mas não conseguirão jámais des-

persuadil-o de que descende de Adão. Quantos, por isso mesmo, desejarão proceder do gorilha? Disse Karl Vogt: «Antes descender d'um macaco aperfeiçoado que d'um Adão degenerado.»

*

Será profanar a seriedade argumentar sisudamente contra semelhantes descôcos relativos a maçonaria?

Direi ao snr. padre Casimiro o que são em Portugal as *sociedades secretas*.

Não nos diz s. s.ª em mais de uma pagina do seu livro que foi *commendador de S. Miguel da Ala?* Pertenceu, pois, á maçonaria, a uma *sociedade secreta*, e tão clandestina que, sendo fundada em 1848, só os liberaes tiveram d'ella noticias positivas depois da sua extincção em 1859.

A loja principal era em Lisboa, e tinha muitas filiaes em larga periferia do reino. Os estatutos promoviam o desenvolvimento e esplendor do catholicismo e a restauração da legitimidade, por meios suasorios, ou, sendo necessario, com braço armado. Havia trez gráos fundamentaes na ordem: noviço, professo e dignitario. O noviciado tinha trez classes: aspirante, pagem e escudeiro. Nos professos, 1.º e 2.º gráo de cavalleiro; e, nos dignitarios, com-

mendador, e d'ahi para cima Grão cruz e Grão Mestre que era o snr. D. Miguel. Todos os membros tinham *nome de guerra*. Nas provincias, havia associados effectivos e supranumerarios. Não é ao padre-commendador que estou contando estas coisas, que elle sabe perfeitamente: é a uns juizes que hão de decidir se o snr. padre Casimiro foi ou não foi maçon, e mais façanhoso que os liberaes por que conspirava contra a dynastia reinante, secretamente, protegido pelas leis liberaes. A ordem tinha collegios, capitulos e provincias que se correspondiam por cifra—tal qual como os pedreiros-livres. [1]

---

[1] Antes da instauração da ordem da Ala, já desde 1845 que as Juntas absolutistas se carteavam em phraseologia dissimulada, talvez mais difficil de interpretar que a *cifra* adoptada depois em 48. Em parte da bagagem de Macdonell, ou de algum dos seus officiaes do estado maior, apanhada pelo barão do Casal, em dezembro de 1846 na derrota de Braga, appareceu uma especie de diccionario alphabetico para a versão das cartas precedentes das Juntas legitimistas. Parte d'este *diccionario* está impresso desde pag. 210 até 215 de um apreciavel livro, publicado em 1847, sob o titulo de *Carta dirigida ao cavalheiro José Hume... vertida em portuguez*. Tem palavras de uma finura engenhosissima que ninguem seria capaz de adivinhar. Por exemplo: os «inimigus» (liberaes) são *bestas:* «Inimigos em movimento» *bestas desinquietas;* «cultores» *o clero catholico realista;* «cultures máus» *o clero liberal,* etc. Um exemplo de linguagem figurada: «Na quinta da

Os gráos dados aos recipiendarios eram sinistramente solemnes. Logo lhe contarei como era. É provavel que o snr. padre Casimiro não subisse gradualmente a escala até commendador, nem passasse pelas cerimonias lugubres do juramento inicial. O snr. D. Miguel deu-lhe a commenda n'um jacto de graça, por que sua reverencia já tinha as inquiriçoens tiradas e direitos, adquiridos extraordinariamente.

Agora, para o entreter com alguma coisa nova, contar-lhe-ei uma historia.

Conheci no Porto, ha muitos annos, um rapaz transmontano que estudava grêgo para se-

---

Gallisa está atrasada a cultura pelo máo tempo; e d'ahi vem que nem ha sementes boas de trigo, posto que haja bons pastores, e sobejam trabalhadores para as terras de trigo e milho.» Traducção: *Na provincia de Traz-os-montes está demorado o nosso rompimento por falta de dinheiro; o que faz que carecemos de armamentos, apezar de termos bons officiaes e soldados de infanteria e cavallaria.* Manda escrever com syllabas invertidas os nomes das terras d'onde partem os officios, começando pela ultima e acabando pela primeira syllaba. Exemplo: «Lhene-a» quer dizer *Anelhe;* «To-por» *Porto.* Ninguem seria capaz de pescar que *To-por* era *Porto.* Seria mais facil descobrir que *Ens-rama-gui* era *Guimaraens.* Não se comprehende por que o redactor do diccionario alterou para aquella cidade a regra, denominando-a *Torquemada.* Seria por que no cabido da collegiada n'aquelle tempo floreciam espiritos assaz catholicos para excitarem em Portugal a missão purificante do celebre inquisidor espanhol?

guir em Coimbra a formatura em theologia. Era filho de certo morgado, major de cavallaria que, aos quarenta annos de edade, perecera no assedio do Porto, ao serviço de D. Miguel. O major tinha arruinado e empenhado o vinculo nas prodigalidades de fidalgo provinciano aparentado na côrte, onde se aquartelava o seu regimento.

Sobreviveu-lhe poucos annos a viuva, e deixou o seu unico filho entregue a trez tios paternos, doutorados em theologia e canones. Um era egresso de Alcobaça; o outro havia sido desembargador da Relação ecclesiastica; o terceiro, explorara uma opulenta abbadia que apenas visitara quando se apossou das rendas. Vivêra na côrte onde confessava as fidalgas primaciaes, e vendia muito caras as suas medicinas das consciencias canceradas. Todos trez muito ricos. O egresso sahira do mosteiro com o seu dote multiplicado em pedras preciosas encravadas em um calix do reinado de D. João 2.º. O desembargador, quando a legislação geral absorveu a canonica, seccando o manancial da Relação archiepiscopal, já tinha estabelecido a sua posição independente dos canones. O abbade, que seguira D. Miguel até Roma, repatriara-se perdida a esperança na promettida mitra de Lamego.

Como era grande latinista, o desembargador ensinára o sobrinho a traduzir Ovidio e Proper-

cio com elegante frescura. O bernardo doutrinara-o em rhetorica; e o confessor das fidalgas, suspirando, contava-lhe casos de Lisboa, scenas de Queluz, as grandes forças de D. Miguel e as grandes fraquezas das infantas. Se fallava de D. Carlota Joaquina, á parte o respeito devido á realesa, usava sempre do parenthesis —*feio diabo!*

Estava o sobrinho apto para frequentar grêgo em Coimbra, onde tinha feito brilhantes exames, quando lhes constou que um padre Antonio, boticario da Calçada, recrutava adeptos para mações e já tinha aliciado alguns academicos. Deliberaram confial-o á vigilancia de um conego da Sé do Porto, e demoral-o por ali dous annos a profundar linguas mortas até perfazer edade bastante *dura e madura* (dizia o rhetorico alliterando emphaticamente as palavras) para resistir ás tentações satanicas da maçonaria.

O conego hospedou constrangido o provinciano. Elle tinha duas afilhadas filhas de duas comadres que se gabavam de ser mães das filhas do compadre. Uma trapalhada. As raparigas alvoroçaram-se com a presença do forasteiro; e o padrinho desconfiou logo do esmero com que ellas ungiam de macassar os bandós e desquadrilhavam as cinturas abaixo das ancas. O hospede pela sua parte encarava-as de um modo palerma,—a contemplação dos romanticos. Eram

trez peitos inexpertos a fermentarem embriões d'amor; porém, o conego apressou-se em evitar que germinasse a ninhada de ovos n'aquelles coraçoens virginaes. Pretextando a inconveniente distancia de Traz-da-Sé, sua residencia, á Academia Polytechnica, arranjou-lhe quartel em casa de uma velha fidalga de poucos meios.

Esta fidalga tinha comsigo uma pensionista, filha natural de um primo casado. Era muito galante a Diana. Parecia-se muito com a mãe, uma actriz famosa em 1830, com quem o morgado andára fugido por Hespanha para não ser preso á ordem do pai. Diana viera de Bilbáo, onde nascêra, quando tinha dez annos, e a mãe acabára por lá, variando de amantes como de palcos, visto que o pai de sua filha regressando á patria casára com uma prima ciosa e zelosa que se enroscou n'elle como uma serpente assanhada. Elle trouxera a pequena e entregara-a á parenta com uma boa mezada.

O alumno de grêgo ia de casa do conego com o coração alvorecido na aurora do amor, quando viu a pensionista. As afilhadas do padre aqueceram-o; mas a espanhola queimou-o. Quando teve de dizer, na presença de Diana, que seus tios queriam fazel-o clerigo, córou e sentiu as lagrimas soluçarem-lhe na voz; e ella, com uma desgarrada denguice de hespanhola, ria-se do irrisorio destino que preparavam a um moço tão prefeito. A velha, pelo contrario,

elogiava o sacerdocio e animava o hospede a não desistir do melhor modo de vida que ella conhecia para o corpo e para a alma. Quanto ao corpo, citava os sadios conegos do cabido portuense; a respeito da alma, não exemplificava conego algum para não se enganar com hypotheses.

Fez-se a paixão. O provinciano faltava á aula regularmente, fazia versos a Diana e jurava-lhe que nunca seria padre. O conego informara-se com o professor de grêgo, comprehendera o resto e avisára os doutores, asseverando-lhes que o sobrinho havia de ser padre quando elle fosse general. E citava versiculos do *Ecclesiastes* contra as mulheres.

*

Quando o conheci, anno e meio depois que se matriculara em grêgo, já o provinciano fôra duramente apalpado pela desgraça.

Os tios abandonaram-o como incorregivel; a fidalga hospedeira despedira-o como insoluvel; e Diana, a transformadora d'aquella alma, casára, mais ou menos constrangida, com um irmão bastardo de seu pai, chegado de além-mar com uns 50 contos arredondados no trafico de escravos.

Trez estrellas (dê-se ao rapaz este pseudony-

mo syderal, respeitando a seriedade actual da sua velhice) morava com um amigo meu, estudante de medicina e seu conhecido de Traz-os-Montes. Leccionava latim e logica em um collegio que lhe dava duas moedas mensaes. Como era expansivo, contou-me os seus trabalhos. Fallou-se de Diana; e eu, com este meu genio curioso, convidei-o ás mais intimas confidencias. Disse-me que em 18 mezes de namôro apenas lhe dera um osculo. Acreditei. Era assim que se amava em 1845. Os mais atrevidos davam dois osculos. Chamavam-se *romanticos* esses anjos de pudor que os *realistas* actuaes accusam de apodrecerem familias e freguezias inteiras.

Remia-se apertadamente com a mensalidade do professorado, e suspirava por um emprègo que lhe permittisse vestir-se com decencia; porém, se eu o aconselhava a congraçar-se com os tios, preferia arrostar o inverno com o seu velho casaco de sarja ao sacrificio estupido de ordenar-se. Tinha perdido a fé — disia elle. O seu companheiro de casa, Alexandre Thomaz d'Azevedo, de Villa Flor, fallecido ha annos, era republicano, maçâo Rosa-cruz da Loja dos Passos. Aconselhou-o a filiar-se na maçonaria— que se fizesse politicamente notado, sem o que difficilmente alcançaria empregar-se. O professor estremeceu. Os preconceitos da educação revoltaram-se contra a palavra *maçâo,* não obs-

tante o tirocinio de anno e meio em contacto com academicos do Porto, onde era raro um *pelludo*, como lá disiam, que acceitasse a existencia de Deus fóra do exame de metaphysica. Ainda assim, o sobrinho dos trez furiosos inimigos da maçonaria adoptou com reluctancia o alvitre, depois de informar-se que não se davam tiros de pistola em Jesus Christo nem se jurava guerra desabrida á religião; *porque* — dizia elle — *foi minha santa mãe que me ensinou a crer em Deus e a invocal-o nas minhas afflicções*. Isto era tocante; mas o Alexandre Thomaz disia-lhe, com um sorriso dissolvente, que pedisse ao supremo Architecto o emprêgo, e, se não fosse attendido, appellasse para o Grão Mestre Manoel da Silva Passos.

*

Na extincta Viella-da-Neta fazia-se n'aquelle tempo grande consummo de politica e azougue. Ali morava José da Silva Passos, o logar-tenente do Grão Mestre, que ministrava os gráos aos adeptos, n'um velho casarão, repartido em cubiculos, com as paredes descaliçadas e os tectos abafadiços e sarapintados de nodoas excrementicias dos mosqueiros que se levantavam em revoadas dos esgotos da viella. Ao lado de uma sala com estantes de livros, gasetas, mi-

lhares de folhetos politicos, e litographias dos liberaes de 1820 encaixilhadas em pinho pintado e pendentes de prégos ordinarios, havia um quarto com uma banca de nogueira, duas cadeiras de palhinha e uma espada de cavallaria a um canto. Foi para este quarto que um creado em mangas de camisa e tamancos conduziu o neophyto e mais o seu apresentante Alexandre Thomaz. Minutos depois appareceu José Passos, esbaforido, a suar, com o chapéo arriado sobre a nuca e o laço da gravata sobre a espadua esquerda.

Alexandre apresentou o cavalheiro «em que lhe tinha fallado». Passos remirou-o de esconso, a piscar ambos os olhos, e disse esfregando as mãos: «Vamos a isto.»

E, sem descobrir-se, para a cerimonia, foi buscar a espada que metteu na mão direita do recepiendario, e desenrolou n'uma impetuosidade pastosa e inintelligivel uma catadupa de vocabulos salivados, acompanhando-os de gestos affirmativos de cabeça aos quaes o provinciano correspondia affirmativamente sem perceber palavra do juramento. Diz o snr. padre Casimiro a pag. 447 dos seus *Apontamentos* «que as palavras maçonicas são em lingua hebraica que era e é a dos judeus». Provavelmente José Passos fallava em hebraico.

—Está prompto!— disse o logar-tenente, abraçando os dous mações, com uns movimen-

tos affectuosos de quem impurra para a porta dois importunos.

Aqui tem o snr. padre Casimiro como se faz um pedreiro-livre — um Rosa-Cruz. Posso asseverar ao mal informado clerigo que este mação não foi circumcidado. Sua reverencia escreve a pag. 449: ...*Até praticam entre si a circumcisão, posto que de differente forma, por que todos elles são marcados em alguma parte occulta do corpo, que escolhem, com o sinete da Ordem, ou sellò em braza, operação que corresponde exactamente á circumcisão dos judeus.* Parece-me que o snr. padre não forma ideia perfeita e etymologica do que seja *circumcisão*. A palavra compõe-se de *circum* «em redor», e *cœdere* «cortar». Se os pedreiros-livres não cortam ou golpeam algum orgão do seu corpo circularmente, seja qual fôr a marca de que se sirvam para se assignalarem, é impropriedade chamar-lhes *circumcisos;* e, se a circumcisão não é a judaica, outro orgão que se ageite a um corte circular só conheço o nariz, excluido o appendice ethnico, o genuino. Repare o snr. padre Casimiro José Vieira nos narizes dos pedreiros-livres — se não póde nem quer examinar o resto — e observará a auzencia completa de narizes *cortados em redor*, circumcidados. Torno a asseverar-lhe que o neophyto sahiu na mais completa e inviolada inteiresa do seu organismo da Viella da Neta — *et ce n'est pas peu dire.*

*

D'ahi a mezes, agitou-se a insurreição das aldeias do Minho; e, cahido o ministerio-Cabral, o professor solicitou o emprêgo, attendose ao patrocinio de José Passos que lhe figurou a sua pretenção como *um negocio feito*. Depois, veio a embuscada de 6 de outubro, e constituiu-se a Junta. Passos fez despachar o transmontano primeiro official de um governo civil da provincia, e o ministro da guerra promoveu-o a alferes dos « fusileiros da liberdade ». Como funccionario civil não chegou a tomar posse do logar, por que o districto onde devia exercêl-o estava occupado por forças da rainha.

Quando aos tios doutores chegou a noticia de que o sobrinho cingira espada ao serviço dos republicanos, no Porto, onde seu pai perecera defendendo o altar e o throno, accordaram entre si exterminal-o para sempre da sua familia; porém, ao saberem por via de um liberal de Villa Flor que o scelerado pertencia á Loja maçonica dos Passos, então os tres clerigos fizeram disposições testamentarias, de modo que o sobrinho nunca pudesse herdar um ceitil dos seus haveres. As janellas da casa não se abriram quinze dias. Os tres doutores, a impar, convulsos, rubros de colera, desengonçados em gesticulaçoens e berros contra o sobrinho pare-

ciam uma trindade anthropomorpha de apoplexias. O unico desafogo por onde podiam explosir a sua raiva era reduzir o filho de seu irmão á indigencia.

Depois da convenção de Gramido, o pedreiro-livre voltou ao professorado de latim e logica, n'uma desanimação que lhe tornava odiosa a pedagogia. Alguns pais dos educandos, amigos da ordem e feridos pela Junta na inviolabilidade das suas acções bancarias, retiraram os filhos do collegio onde o patulea ex-alferes de fusileiros ia leccionar. O seu ordenado diminuira. As privaçoens compelliram-o a escrever supplicantemente ao mais tolerante de seus tios, o antigo confessor das açafatas de D. Carlota Joaquina.

Nem recursos nem resposta.

Ao cabo de anno e meio de lucta e reacção aos impulsos do suicidio, leu um annuncio offerecendo grande ordenado a um professor idoneo em latinidade para leccionar n'um collegio de Pernambuco. Procurou o annunciante, apresentou-lhe as certidoens dos seus exames na Universidade e attestados dos proprietarios dos collegios. Foi contractado vantajosamente, e sahiu em uma galera que fazia escala por Lisboa, onde iria receber adiantado um semestre para preparar o seu enxoval.

Sem grandes exigencias de elegancia, vestiu-se n'um algibebe, achou-se ligeiramente ri-

diculo enfronhado em uma sobrecasaca de cintura curta e hombreiras de refêgo, e foi passear Lisboa, muito de espaço, por que a embarcação tinha demora d'um mez a receber carga. Uma tarde, quando subia o Chiado, reconheceu á porta do Marrare um seu com-provinciano e parente, o morgado Pinto Magalhães.

Contou-lhe a sua vida, a sua pobreza, o odio inexoravel dos tios por que não quizera ordenar-se. O Magalhães sabia tudo. Arguiu-o de se ter mettido na maçonaria e cingido uma banda a favor dos liberaes que lhe mataram o pai. O morgado, com quanto rapaz, era miguelista estreme, da roda dos velhos fidalgos da côrte, intransigentes com a liberdade, mesmo na aresta da voragem dos nullos onde iam resvalar, pobres e inuteis, com as suas tradiçoens, com a sua legenda de sete seculos, com os seus brasoens na sala de Cintra. Como era rico, não teve que replicar ao transfuga da legitimidade quando elle lhe disse: «Teus pais não te obrigaram a ser padre sem vocação, e a tua riquesa permittiu que não te desviasses da linha da dignidade. Não custa ser honrado na tua posição. Ora eu estava pobre e já tinha experimentado a fome quando me offereci aos liberaes que promettiam dar-me de comer e vestir em paga dos meus serviços.»

Prometteu-lhe Pinto Magalhães salval-o, congraçal-o com os tios e com a fortuna, se elle

abjurasse a maçonaria, e se filiasse na Ordem de S. Miguel da Ala. E explicou o que era a sociedade clandestina dos legitimistas, instaurada n'aquelle anno. Asseverou-lhe que os seus trez tios eram commendadores da Ordem, e muito considerados pelo Grão Mestre, o snr. D. Miguel 1.º. O latinista «engajado» respondeu que sim, que tentaria esse meio, ainda sacrificando as suas ideas, se algumas tinha em politica; mas que a sua especial posição de professor contractado e já pago do ordenado de seis mezes, não lhe consentia evadir-se deshonradamente a restituir o que recebera por antecipação. Magalhães poz á discripção do parente a sua bolça para rescindir o contracto sem desaire, pretextando qualquer causa ou dando a verdadeira. Concordaram.

Magalhães apresentou seu primo, no escriptorio da *Nação*, á primacial aristocracia do partido, um grupo de fidalgos encanecidos entre os quaes rutilava uma estrella de maxima grandesa que ainda hoje irradia os esplendores da sua juventude, e todas as facçoens respeitam como uma glorificação nacional. Era João de Lemos na flôr e no perfume da mocidade. Viam-se, á volta de Silva Bruschy, o marquez de Abrantes, um poeta de levantadas inspirações mysticas, o conde de Pombeiro, o de Bobadella, o de Redondo, Maggessi Tavares, D. Sancho e D. Christovão Manoel de Vilhena, Ayres Pinto, Lourei-

ro, o livido auctor do *Magriço*, Lucas Castello, um rapaz encantador; e ás vezes ouvia-se a risada crystallina de Francisco Palha, que borboleteava pelas mesas dos redactores desavincando as frontes enrugadas pelas zangas da polemica. N'aquelle recinto estranhava-se o que quer que fosse. Esses homens velhos, ou envelhecidos pela nostalgia da realeza, segregados das regalias praticas do predominio e da ostentação, saudosos d'um tempo irreparavelmente perdido, eram tristes, taciturnos, recolhidos na intuscepção das suas desmaiadas esperanças, ou bastante esclarecidos para nada esperarem.

*

Os fidalgos tinham concorrido ao palacio do Largo do Intendente no dia em que o sobrinho dos tres dignitarios de S. Miguel da Ala havia de ser iniciado e ajuramentado. O neophyto, conduzido pelo padrinho a um corredor contiguo á sala da redacção, prestou-se a que lhe vendassem os olhos, e o levassem pelo braço em direcção tortuosa. Quando lhe desataram a venda, achou-se em uma quadra, forrada de crepe, com tochas accesas ante uma ara em que se arvorava uma esculptura de Jesus crucificado. Ao topo do recinto fazia relevo na escuridão do panno um vulto trajado de negro, rosto

coberto com uma sanefa de sêda que cahia do capuz do *dominó*, muito analogo á tunica sinistra dos penitentes em procissão, e dos officiaes do Santo Officio no tribunal. Além d'este, havia sete ou oito *dominós* perfilados ao lado do crucifixo. O recepiendario respondeu a umas breves perguntas d'aquelle que parecia de mais alta categoria na ordem, e proferiu o juramento que lhe foi insinuado, ajoelhando deante da imagem cujas chagas vermelhavam ao reflexo dos cirios. Depois, abraçaram-no, um por um, os assistentes, em profundo silencio; vendaram-o outra vez, e reconduziram-o ao escriptorio dos jornalistas onde já encontrou, como distrahidos em uma palestra, os fidalgos que tinham assistido á iniciação.

N'esse mesmo dia, o cavalleiro de S. Miguel da Ala, industriado pelo primo Magalhães, escrevia na cifra da Ordem a um de seus tios participando-lhe que, em vespera de sahir para o Brazil a ganhar a sua vida, e no dia em que depurara a sua alma das manchas que a desgraça lhe pozera, se considerava digno de pedir perdão aos tios das offensas que elles não poderiam perdoar-lhe sem o facto da abjuração da maçonaria em que a proterva necessidade o precipitára. E ao mesmo tempo, o Magalhães escrevia a varios morgados e abbades pedindo-lhes que levassem aos doutores a fausta nova de que o sobrinho se reconciliára com Deus,

com o rei, e com a sua honra, abjurando solemnemente a maçonaria e recebendo dois gráos da Ordem.

Para concluir o enfadonho episodio, e abrir os diques á represa da moralidade do conto, falta dizer que os doutores imposeram ao sobrinho, sob obediencia, que fosse immediatamente á provincia. Lavaram-no com lagrimas de jubilo; rasgaram os testamentos; deram-lhe muitas peças de duas caras para elle reembolsar o primo Magalhães dos dinheiros restituidos ao empresario de professores, e nunca mais lhe fallaram em sacerdocio. Os velhos morreram; e o sobrinho, herdeiro de todos, ainda vive, viuvo ha muito, pai de muitos filhos, com grande riqueza na sua casa solar; mas, segundo me informaram, muito mystico, muito scismatico e assustado das penas do inferno, por que não tem a certeza de estar bem purgado do crime em que claudicou respondendo affirmativamente ao juramento inintelligivel, provavelmente hebraico, de José Passos. A solidão, a raça, a inercia intellectual, a depressão que se faz no cerebro quando um homem conversa todos os dias com abbades transmontanos, tudo isso concorreu para essa inoffensiva idiotia em que o antigo professor resvalou, a ponto de não querer que lhe lembrem a sua mocidade. E' o que eu fiz não lhe escrevendo o nome. Porém, quando medito que a ordem que o resgatou de

ir ensinar latim a brasileiros era de *S. Miguel*, creio que d'esta vez o santo arrancou devéras uma alma do inferno, salvando-o de ensinar a Arte do padre Antonio Pereira, o Novo Methodo, as patranhas do Tito Livio, e sobre tudo defendeu o seu ouvido virgiliano do sutaque incorrigivel dos mulatinhos dados á latinidade.

*

Eu desejo convencer o snr. padre Casimiro de que não está em uso nas funcções maçonicas o idioma hebraico, nem as descargas em Jesus Christo, nem o juramento de hostilidade á religião catholica. Nas lojas maçonicas admittem-se todas as religioens. A primeira vez que nas Lojas portuguezas se aventou a precisão de reagir contra os ultramontanos foi em 1862 quando as irmans da caridade francezas foram expulsas de Portugal. O fanatismo do clero amalgamado com o romantismo mystico das salas aristocraticas ia levando de vencida a indifferença religiosa dos homens preoccupados na direcção positiva da sociedade, e de todo o ponto surdos ao rumor subterraneo das manobras do obscurantismo. Eu, a fallar verdade, tenho esperança de grangear para a maçonaria o snr. padre Casimiro, dando-lhe conhecimento da eloquente alocução de um Grão Mestre que foi o mais

brilhante orador parlamentar do seu tempo. Vae sua reverencia deliciar-se na leitura de um discurso de José Estevão Coelho de Magalhães, quando tomou posse do malhete da confederação maçonica portugueza:

«Eleito Grão Mestre da confederação Maçonica Portugueza, acceitei este cargo com a consciencia dos deveres que elle me impõe e das honras que me confere. As honras não me desvanecem: os deveres não me acobardam.

«A maçonaria sem crença, sem dedicação, sem fraternidade é a desconsideração de um instituto innobrecido por muitos trabalhos e virtudes, e a profanação de um rito que está consagrado por muitos rasgos heroicos e muitas empresas memoraveis. Vale mais fechar os templos, abater as columnas, do que conservar estas exterioridades de um culto a que não correspondem os trabalhos de espirito e as obras de coração. A *maçonaria* é uma religião que todos escolhem espontaneamente, e em que ninguem póde ser constrangido a persistir. O maçon que se conhece inferior ás obrigações a que se ligou, ou que descrê da Ordem em que sollicitou entrada, póde abandonar as officinas e romper a cadeia que o liga a seus irmãos. O abandono dos trabalhos maçonicos é um mal, porque debilita e póde extinguir a Ordem; mas a relaxação no cumprimento das obrigaçoens maçonicas, o esquecimento das virtudes

essenciaes a todo o maçon, o interesse pelas fórmas, e indifferença pelas realidades, desacreditam-na, ridiculisam-na, e tambem por este meio vem a extinguil-a.

«Carissimos irmãos, os tempos de perseguição acabaram; mas a missão da *maçonaria* não acabou. Os inimigos d'ella são de diversas especies e guerreiam-na por differentes fórmas. As luctas em que tem de assignalar o seu valor são muitas, e em cada epoca tomam novo caracter.

«A *maçonaria* não foi creada só para valer em apuros: o seu fim é eterno, o seu trabalho quotidiano. Deve manter o que conquistou e preparar novas conquistas. Estuda o que falta á humanidade e empenha-se em o obter. Para isso é preciso vigilancia continua e acção incessante.

«Na epoca em que estamos, os inimigos da verdadeira luz não trabalham para immediatamente a abafar e apagar. As suas esperanças não chegam tão longe como os seus desejos. Durante seculos cançaram o poder dos crimes e dos embustes para ter o mundo em trevas. Mas uma vez rasgada a cerração, nunca mais obtiveram sumir o filete luminoso que avolumou e fulgiu até se tornar farol inextinguivel. Presentemente resignam-se a desarranjar-lhe a rotação e a embaciar-lhe os reverberos. Por este modo enleiam as derrotas da humanidade, tra-

zem-na a paragens perigosas, e expoem-na a naufragios. Cumpre á *maçonaria* vigiar as praias da civilisação, e ter bem policiados todos os signaes e precauções para evitar aquelles enganos, desassustar a navegação, e tornar a viagem dos homens e das nações n'este mundo mais certa, mais livre, mais virtuosa e mais honestamente aprasivel.

«O que é a reacção que invadiu o nosso paiz senão um d'esses trabalhos insidiosos e solapados contra todos os grandes principios por que a *maçonaria* tem sempre combatido com tanta coragem e perseverança? Esta fórma de combater não é a que elles preferem: adoptam-na por necessidade. Se lhes fôra possivel n'um momento derrubar a obra da rasão e da philosophia, não demoravam esta almejada catastrophe. Mas transigem com as circumstancias e adoptam o arbitrio de temporisar.

«Os inimigos, porém, carissimos irmãos, são os mesmos. Os gritos de peleja são os que eram bradados em tempos de mais poder. Agora segredam-os, mas exprimem as mesmas paixoens e os mesmos intuitos. Ao som d'elles, foram ganhas execraveis batalhas contra os foros da humanidade. Agora com as mesmas evocações vão praguejados os seus progressos, e embaraçada a sua marcha no caminho da perfeição.

«A *maçonaria* deve acordar do seu letargo, levantar a sua bandeira, inspirar-se das suas re-

cordações, tomar o seu posto tradicional. Se assim não fizermos, trahimos o juramento que prestamos, injuriamos a memoria dos irmãos nossos passados, e usurpamos o titulo de maçon, por que o não é, por que não merece tal nome aquelle que é tardo em acudir pela defeza dos principios da sua Ordem, aquelle que se cança na lucta e deixa as armas no campo.

«A *maçonaria* portugueza é numerosa. Muitos obreiros de virtude provada e de reconhecido merito teem desamparado os trabalhos. Cumpre que elles reappareçam nas Lojas por que a sua presença auctorisará o trabalho maçonico que muita gente com boa fé julga já desnecessario no nosso seculo.

«O exemplo dos maçons benemeritos e experimentados servirá de estimulo á geração nova que descuida o culto da verdade e da liberdade. Por esta fórma a *maçonaria* tomará incremento e vida, e a abobada de aço poderá cobrir o paiz todo.

«A Confederação Maçonica Portugueza, elegendo-me Grão Mestre, não quiz fazer da *maçonaria* um corrilho politico, nem comprometter os maçons em emprezas contrarias ao verdadeiro espirito da Ordem. Nem esta confederação abriga tão mesquinho pensamento, nem eu era bem escolhido para executor d'elle.

«Carissimos irmãos, a *maçonaria* portugueza póde prestar grandes serviços á humanidade e

ao paiz, penetrando-se sem reserva do espirito da Ordem, e trilhando com desassombro a senda que a constituição e a historia maçonica lhe marca. Una-se pelos laços da verdadeira fraternidade que consiste na paridade da crença, dos designios e dos meios. Chame a si os maçons a quem o máo estado da *maçonaria,* a pouca fortuna de alguns dos seus trabalhos, e a descrença na sinceridade maçonica possa ter apartado dos quadros. Abra as suas officinas a neophytos que lhe tragam probidade, fervor, luz natural sobre as verdades moraes e sociaes, e coraçoens que as sintam e as amem. Nas suas escolhas não confie com facilidade nem desconfie sem motivo. Seja prudente e desprevenida.

«D'esta fórma, a *maçonaria* portugueza terá no seu seio as excellencias do paiz e assim constituida poderá prestar grandes serviços a toda a humanidade.

«Dirigir a *maçonaria* portugueza segundo estes principios; persuadil-a a pôr em pratica estes conselhos; prestar-lhe todo o auxilio para qualquer empreza de engrandecimento e gloria maçonica, tal é a minha tenção e tal me parece ser o meu dever.

«Carissimos irmãos, coadjuvai-me todos; que, se todos tivermos devéras a mesma fé, e a mesma resolução, o Grande Architecto do Universo não nos ha-de faltar com o seu auxilio».

*

Sabe como procedeu José Estevão com as creanças subtrahidas ás irmans da caridade expulsas? Fundou o Azilio de S. João, a expensas da maçonaria, e ahi foram recebidas as creanças de todos os estabelecimentos fechados á influencia da caridade franceza.

*

Em um artigo de grande folego chamado *Governo e eleiçoens liberaes*, verbéra os reis, os ministros e os representantes da nação. Pelo que toca aos deputados é moderado. Na cortezania da sua lingua de prata, diz que elles *tractavam infallivelmente de se enriquecer a todo o custo com os dinheiros da nação a que possam deitar as unhas*. Tendo de exprimir uma verdade notoria, podia dispensar-se de ser tão delicado. *O serviço do rei que reina e não governa*, escreve o sociologista, *consiste em escrevinhar de vez em quando o seu nome ordinariamente pouco legivel em alguns papeis e receber annualmente dos cofres publicos por este importantissimo trabalho uma avultada somma de pecunia*. A respeito da assignatura pouco legivel dos reis constitucionaes, quer calligraphica quer ortographicamente, padre Casi-

miro póde citar o exemplo de um querido rei absoluto que, chegado á adolescencia, assignava-se *Migel*, n'um bastardinho de traslado com finos e grossos tão claros e legiveis que logo se conhecia que as cinco lettras disiam *Miguel*. Já o seu inclyto avô, o snr. D. Affonso VI, apprendêra a fazer o seu nome quando cazou. Quanto á *pecunia*, calão latino que o presbytero trouxe dos botequins *de lepis* bracarenses, finge ignorar o publicista que o rei constitucional, exauthorado dos antigos e opulentos privilegios patrimoniaes, recebe o que a nação lhe arbitra; ao passo que o rei absoluto, esgotados os reditos da casa real, arbitrava o que devia receber, reclamando-o em côrtes, em quanto as houve, ou exigindo-o directamente do erario.

Ha quasi dois seculos que um sacerdote veneravel, o mystico oratoriano Manoel Bernardes aquilatava assim um dos reis absolutos do seu tempo, quer fosse o incestuoso Pedro 2.º, quer D. João V, o Sardanapalo do occidente.

«Que são os reis, senão uns ladrões grandes? Ao jogo do xadrez chamam os latinos *latrunculorum ludus*:—jogo dos ladrõesinhos. Este mundo é o taboleiro onde jogam os reis; e como é taboleiro grande, e não são reis só de páo, ou de osso, senão de osso, carne e sangue, para nutrir essa carne e sangue, alguns d'elles não são só ladrõesinhos, senão ladroassos: ladrões, senão omnipotentes, como uma vez ideava

um grande prégador, ao menos muito poderosos: ladrões ou aves de rapina tão grandes, que não arrebatam a um homem pelos ares... senão que arrebatam cidades e reinos, e nas unhas lhes ficam: ladrões finalmente que nas suas unhas não tem pintados em figuras todos os passos e tormentos da paixão de Christo... senão pintados os tormentos e vexaçoens da paixão dos povos, e pintados com o sangue dos mesmos povos que nas unhas lhes fica, ou embebido ou escorrendo. Estes pois bem podem vir a ser ladrões fugindo, sem embargo de ser monarchas imperando» (*Floresta*). A' parte a vernaculidade primorosa d'este mestre da lingua, não lhe parece que leu um trecho do *Seculo?* Pois d'esta arte o escrupulosissimo espirito do muito claustral e douto padre do seculo mais absolutista considerava os reis, sem discutir-lhes a calligraphia da assignatura.

Pois o não menos catholico, mas talvez um pouquinho menos esclarecido beato de Margaride decide que ao governo de um rei, nas condiçoens do nosso, não póde chamar-se monarchia constitucional. Affirma-o com este arranque: *Custa a acreditar que haja homem de probidade e sem razão que ao chamado governo de um tal rei dê o nome de monarchia constitucional, ou mixta, a não se lhe suppor grande balburdia nos miolos, e desmancho completo nas faculdades intellectuaes, ou grande desembaraço na arte de*

berliques e berloques aprendida nas cafurnas maçonicas. Em sociologia, e no criticismo das modalidades governativas, nem Jeremias Bentham nem Macaulay crearam formula mais expressiva que o *berliques e berloques*. É original como este jovialissimo padre, desde 1846 até 1884, manteve sempre a caracterisação definida por Pinho Leal ha 38 annos—*um pandego!*—Que feliz temperamento! Quando lhe dá para chorar rhetoricamente, nem assim consegue descaracterisar-se: então mesmo o leitor lhe presta a vassalagem do seu sorriso.

Quanto aos ministros constitucionaes do *reisinho ou reisête, a lei que os isempta de toda a responsabilidade*, affouta-os a *fazerem-se ladrões*. Diz o padre «que resa ha 38 annos o officio divino e ainda não encontrou no calendario romano um ministro beatificado nem lhe consta que algum se confesse de oito em oito dias: e, como elles vivem em occasião proxima com os cofres da nação, é mui provavel que lhes deitem as unhas». Sempre tudo *á unha!*

Quereria o padre que eu lhe offerecesse para o seu agiologio alguns ministros do governo absoluto, de crystallina consciencia, sem signal de ferrete na testa? Ora, dê-me de lá um ministro concussionario na monarchia constitucional, que eu em troca lhe envio para o seu calendario alguns ladrões authenticos da monarchia absoluta. Serve-lhe o marquez de Pombal?

e o visconde de Villa Nova da Cerveira? e o conde de Basto? e o João de Mattos de Vasconcellos Barbosa de Magalhães? Reze-lhes por alma, se é que elles não exercitam no inferno irremessivelmente a perpetuidade do *pulo*.

Que ladrões me offerece, em troca, na serie dos ministros liberaes? Escolha entre os vivos que ahi estão a rebentar de Cressus. Quer exemplos dos mortos? O bispo de Vizeu, cuja veneranda sombra s. reverencia morde, algumas vezes ministro, quando estava no poder, cedia os rendimentos da mitra, e não podia sustentar dous sobrinhos em Coimbra por falta de meios; e, por sua morte, o espolio da guarda-roupa prelaticia eram dois pares de calças, umas muito no fio, outras com fundilhos. Aqui tem o depredador que s. senhoria insultou boçalmente por que elle reclamára o seu voto perfidamente dado a favor da infallibilidade do papa. Quer outro ladrão? Antonio Rodrigues Sampaio um luctador do meio seculo, que legou á sua familia um miseravel monte-pio. Está ancioso por me fallar de Costa Cabral? O conde de Thomar estava pouco menos de pobre quando o conde de Ferreira lhe legou cem contos. Fulmina-me com o Saldanha? O padre póde lá medir com a sua myopia o gigante, o Cid cavalheiroso, o lidador indomavel, o athleta d'esta Liliput, que contrahia dividas, quando ministro, para as pagar com os seus ordenados de diplomata? Como

aquella mal comprehendida alma, desenganada dos homens, do Larmanjat e do guano, se refugiava nas chimeras do theologismo e da homœpathia! E morreu pobre, não sabia? E que me diz da immaculada alma do gentilissimo duque de Loulé? E da probidade austera do duque de Avila encouraçado de commendas e cruzes para que o demonio dos máos pensamentos lhe não penetrasse no peito? E Rodrigo da Fonseca, rival de Passos Manoel no desinteresse? E Fontes Pereira de Mello invulneravel em pontos de honra como Anselmo Braamcamp? Não sabe que Antonio de Serpa e Mendes Leal e Andrade Corvo, quando deixavam de ser ministros, iam ganhar a sua vida no jornalismo, e no magisterio, e saldar com esses mesquinhos salarios as suas dividas contrahidas no poder? E Lobo d'Avila, um destro gymnasta de talento que se tem dado por bem pago com a benemerita reputação de muito esperto? E Latino Coelho? um ministro que, em materia de ladroagem, só correu eminente risco de ser roubado nos diamantes do seu estylo, se se demorasse no gabinete a ler e a subscrever portarias bordalengas. E o lovelaciano Barjona, grande salteador de corações incautos e mais nada? Não viu Thomaz Ribeiro, quando largou segunda vez a pasta, abrir escriptorio de advogado? E Lopo Vaz que tem sahido do governo mais illibado e menos martyr do que sahiu do governo da India

outro Lopo Vaz, seu problematico avô. Pinheiro Chagas escreve correspondencias para o Brazil e artigos avulsos nos jornaes litterarios a fim de conservar a velha freguezia dos seus admiradores. José Luciano de Castro acinge-se ás restricçoens de uma austera parcimonia para educar os filhos com o seu patrimonio. Ao conde de Cazal Ribeiro perguntem-lhe por metade dos seus haveres herdados.

Pois toda esta malta de salteadores dos cofres, com o que amealharam sendo ministros, não vingariam edificar um *cottage,* como o do presbytero de Felgueiras, arranjado com hostias e canto-chão, uma delicia bucolica alcandorada n'um sêrro d'onde se avistam sete freguezias e mais parte de cinco.

De ministros ladroens no governo absoluto de D. João VI falla-lhe um dos mais severos historiadores da Europa: «Portugal, o velho conquistador das costas d'Africa e Asia, o colonisador da America tinha-se tornado por sua vez uma colonia do Brazil, onde um governo corrupto, os ministros de D. João VI, desperdiçavam loucamente os impostos ou os roubavam para se locupletarem ou para enriquecerem aventureiros sem merito e fidalgos abastardados» (*A. Herculano*).

Outro historiador da mesma austeridade e intelligencia não menos lucida, Oliveira Martins, descreve-lhe assim a engrenagem do machinismo

politico que preparara o advento de D. Miguel ao throno: «Tudo estava absolutamente podre, caindo a pedaços, esboroando-se n'uma gangrena. Contava-se de desembargadores do paço que chumbavam dados, marcavam cartas, passavam provisões falsas, eram assassinos, ladrões, e commettiam estupros, sem deixarem de resar o terço e commungarem com toda a devoção. Na loja de bebidas de Marcos Philippe onde se reuniam empregados publicos sabia-se por exemplo que dos 17 da contadoria de Marialva só 3 ou 4 não eram ladroens. Não tinham conta as lojas onde se podia depositar dinheiro para obter empregos... No paço, os *canaes* e *empenhos* vendiam tudo; mas nos tribunaes era peor ainda. No Desembargo-do-paço, na Mesa-da-Consciencia-e-Ordens, no Conselho-da-Fazenda vendiam-se até os despachos mais triviaes, e as consultas favoreciam quem melhor pagava. A sociedade estava tão pervertida na moral como na intelligencia... A policia era uma malta de denunciadores por dinheiro, e sabia-se de um Pinet, de origem franceza, que dava graus maçonicos a quem os queria, a rasão de meia-moeda, para receber depois outro preço da policia, denunciando os novos-pedreiros-livres...» (*Hist. de Port.* T. 2.º, p. 231 e seg.)

*

Ah! Os *pedreiros-livres!* annunciados pelo proprio Deus ha desoito seculos! Trez apostolos a prophetisal-os, d'uma assentada, designando claramente ser este seculo o do seu advento!

Interroga padre Casimiro com trez admirações perfiladas: *Em que seculo dos passados e em que parte do mundo, appareceram homens, que prometteram liberdade ou se appellidassem liberaes?!!!* E responde: *Por certo, que em nenhum, senão no actual, e por consequencia é claro como o sol que todos os tres apostolos se referiram aos homens que agora se appellidam o que hoje chamamos mações, ou pedreiros-livres ou liberaes.*

Pois nunca appareceram homens que promettessem a liberdade? Padre Casimiro esqueceu a victoria de Maratona, 500 annos antes dos seus apostolos profetas — batalha resolutiva para a iniciação da democracia atheniense, de modo que, na phrase de Herodoto, então se formaram os primeiros cidadãos livres. Como explica o supplicio do consul Cassio que tentara libertar a terra para desopprimir o povo escravisado aos patricios? A morte de Caio e Tiberio Graccho não lhe parece que fosse uma lucta malograda contra os optimatas a favor da liberdade da plebe? Que significação tem para s. reverencia a guerra social de Mario á frente do

povo, e Sylla na vanguarda dos nobres? Não seria a questão da liberdade? Tambem se esqueceu de Spartacus e da *guerra dos escravos?* Nas pelejas da burguezia germanica para a formação das communas, não vê a cada passo invocada a liberdade, e o povo em fim restituido aos seus direitos politicos? E todos quantos pereceram propugnando pela liberdade que eram senão *liberaes?*... Wolfgang Schuch, Pedro Ramus, Bockelson de Leide, Giordano Bruno, Pompeio Vanini e João Huss, com toda a certeza foram assassinados como fautores da infallibilidade do papa e do despotismo theocratico, não é verdade? E Luthero, e Calvino, e Rousseau, e Voltaire, e Montesquieu e 1789? Mas, se lhe parece, deixemos estas curiosidades aos caixeiros.

*

Attido ás profecias de Judas, Pedro e Paulo, crê o snr. padre Casimiro que o *Espiritismo,* ou o diabo, veio com os liberaes á hora prefixa.

Os magnetisadores são diabos authenticos precursores do anti-Christo, e tão irracionaes que se gabam de parentes dos *animaes rabudos.* Juntamente com os espiritistas vieram os *progressistas,* prophetisados tambem, ha dezoito seculos, n'estas palavras de S. Paulo: *Sed ultra non proficient.* Este latim diz litteralmente:

mas não irão por diante; porém, como o padre Antonio Pereira de Figueiredo traduziu: *não irão com o seu* «progresso» *a diante,* — affirma padre Casimiro que aquelle «progresso» quer dizer «os appellidados *progressistas* da epoca actual.»

Os snrs. Anselmo Braamcamp, Emygdio Navarro, Thomaz Bastos, Marianno de Carvalho e os outros infelizes profetisados talvez desconheçam que o Espirito Santo os tenha d'olho ha desoito seculos.

Pois, se se consideram honrados com essa importancia, agradeçam-o ao exegeta kabbalista de Margaride, posto que elle lhes applique o *cupidi* de S. Paulo, que traduz liberrimamente *ladrões*. Aguentem-se. De mais a mais, affiança que o progresso d'estes *progressistas* não irá avante, *non proficient.* Effectivamente, ou o governo progressista cahiu de vez, ou tem de voltar ao poder para realisar o vaticinio da queda em edição definitiva. Parece que os *regeneradores,* para que elle não se levante, intrigam incessantemente com o Espirito Santo. São duas potencias que auxiliadas pelos *constituintes* podem afinal despenhal-os no inferno onde ha o ringir de dentes, *stridor dentium,* e nenhum orçamento.

Que o destino dos *regeneradores* não hade ser mais refrigerante, saibam-no elles. Amargamente se queixa o padre de que o actual gover-

no, em 1884, tributasse as missas. Explica theologicamente que o tributo é imposto ao sacramento, onde o Redemptor apparece pessoalmente sacrificado como no Calvario, de modo que Jesus-Christo é tributado por apparecer, em pessoa, na hostia. Quando appareceu a primeira vez, os judeus crucificaram-o; e agora, que reapparece transfigurado, os regeneradores lançam-lhe o imposto.

Ainda assim, ha factos que denotam ideas religiosas no ministerio-Fontes — transacçoens orthodoxas com os prelados ultramontanos. *Semi-catholicos* lhes chama padre Casimiro; mas elle mesmo lhes insinua que a sua posição não é agradavel: *Sendo semi-catholico não poderá entrar todo inteiro no céo,... e ficará meio de dentro e meio de fora; e Deus, sendo perfeitissimo, não póde consentir a cousa manchada. N'esta posição arrisca-se o miseravel semi-catholico a que, chegando o diabo ás portas do céo, e vendo-o d'este modo, o arraste pelas pernas ao inferno para o assar lá nas grelhas eternas.* Tal é a sorte assás quente que espera o snr. Lopo Vaz e o snr. Hintze Ribeiro. Uma falsa posição, e dois falsos bifes perpetuos de grelha.

*

Seria temeridade suspeitar do funccionalismo normal do cerebro que assoalha estas ideas.

Padre Casimiro, medindo por si o alcance psychico da cleresia lusitana, diz que ha padres versados nos mais serios estudos. Concede que o clero actualmente seja menos culto em sciencias naturaes — só n'isso. E pergunta, n'um impeto irrespondivel de justiça: *Que importa, em summa, que tenham apparecido novos processos chimicos, que se haja augmentado a nomenclatura botanica e aperfeiçoado o systema mineralogico? Que lhe importa ao povo isso? Mas importa-lhe saber que existe um Deus que pune o crime e premeia a virtude: que ha outra vida em que se fará justiça aos bons e se dará castigo aos maus.*

A vasta encyclopedia generalisada que lavrou nos cem annos decorridos desde Diderot até Spencer reduz-se a novos processos de chimica, ao augmento de nomes botanicos, e aperfeiçoamento do systema mineralogico. Está n'este systema o snr. padre Casimiro. Recopila no desenvolvimento d'estes tres ramos de sciencias naturaes toda a bagagem scientifica do seculo XIX. Desde Parmenides até Augusto Comte é tudo mineralogia, chimica e botanica. Sim, Bacon e Descartes, Spinosa e Leibnitz em bo-

tanica fizeram profundas investigaçoens nas cucurbitaceas e crearam a physiologia das aboboras. Berkeley e Hume descobriram a morphologia do tortulho; Rousseau e Voltaire levaram a penetrante analyse até á embryologia do cuentro. Charles Letourneau, Abel Hovelacque, Guyot, Véron, Topinard, extrahiram das retortas da chimica a biologia, a anthropologia, a linguistica, a esthetica e a sciencia economica. No systema mineralogico, Kant e Schelling deitaram prodigios, mostrando como a octaedro se transforma n'um crystal parallelipipede; e Stuart Mill e Hartmann levaram o systema das propriedades opticas dos mineraes a um ponto de perfeição pouco conhecido do clero portuguez. Quanto á historia, á philosophia, á sociologia, á ontologia, á sciencia das religiões, isso estava tudo feito e aperfeiçoado por frei Bernardo de Brito, pelo phylosopho Genuense, pelo abbade de Salamondi e pelo padre Ignacio da Companhia; pelo que respeita ás Artes, acham-se no pé em que as deixou fr. João Pacheco no seu *Divertimento erudito,* e quanto ás sciencias physicas, cá nos vamos remediando e mantendo a nossa autonomia com as *Recreaçoens philosophicas* do padre Theodoro de Almeida. Burnouf, Lenormant, Ernest Havet, Max Muller que romperam as trevas da historia com sulcos de luz inextinguivel até encontrarem os mythos religiosos, esses são dispensaveis n'um paiz

onde temos o philosophe Vaz e o mythologo padre Conceição Vieira. Ora o povo, esse o que precisa é saber que existe Deus, e padre Casimiro é homem legitimo para lh'o apresentar como quem o conhece perfeitamente; e não será menos idoneo para o persuadir da justiça divina no outro mundo, visto que, n'este, seria indiscrição querer demonstrar que Deus exerce alguma jurisprudencia.

*

O artigo *Matrimonio* tem um alcance que lhe daria foros a intitular-se, mais á moderna, *Physiologia do casamento*. Impugna o snr. padre Casimiro a dissolubilidade do matrimonio, propagada pela maçonaria, e expende a sua doutrina mais consoante com a Escriptura e com a egreja catholica. Segundo elle, a antipathia entre casados é uma questão de sensualidade. Pois que o marido não acha na esposa a felicidade perfeita, vira-se para outras. Nas mulheres, que se viram para outros, não falla. «Vemos muitos homens, diz o moralista, abandonarem as suas mulheres lindissimas e mui prendadas de apreciaveis dotes do corpo e da alma, com quem estão casados, e procurarem cegamente, sem vergonha do mundo, nem temor algum de Deus, mulheres ás vezes bem feias, da infima

classe, e até esfarrapadas e nojentas para... etc.» O snr. padre Casimiro, em transgressoens do 6.º *mandamento* emprega immoderadamente a linguagem theologica de Busembau e Larraga. Faz muito bem. Pintar o vicio de modo que elle faça nojo é mais efficaz que o melhor sermão sobre as transgressoens da castidade. Petronio é um dos antigos mestres do realismo a nu. As orgias do Trimalchio revolvem as entranhas vomitivas do leitor, e por isso mesmo é que Burmann qualifica *Petronius* de varão santissimo, *virum sanctissimum*. Egual santificação cabe ao marquez de Sade. Zola e os irmãos Goncourt entrarão no mesmo *Flos-sanctorum;* e eu, se tiver descendentes que zelem os interesses agiologicos da minha memoria, talvez concorra com *Euzebio Macario*, peorado pela *Corja;* e padre Casimiro com o seu *Matrimonio*.

Quanto, porém, á preferencia que alguns donos de formosas damas dão a mulheres feias, isso, que parece um aleijão da natureza, é um acêrto providencial. A não se dar essa perversão nervosa, que destino teriam as mulheres desherdadas de gentileza? Disse Molière:

> *Vê-se uma formosura, e deixa-nos de gêlo;*
> *apparece uma feia, e logra derretêl-o.*

Não obstante, auctorisado por um texto dos livros sagrados, padre Casimiro chama bêstas

aos taes maridos, *sicut equus et mulus;* e d'essa bestialidade resulta pretenderem elles o *casamento civil ou o concubinato geral* para seduzirem e prostituirem varias mulheres. E de entre as prostituidas, cita *uma pequena de Braga chamada a Bona* que aos desanove annos parecia ter cincoenta. Horrivel espectaculo! Mas a natureza e a arte, ás vezes, fazem que as mulheres de cincoenta pareçam ter desenove. A Ninon de Lenclos e a Marion de Lorme, aos oitenta annos, esbrazeavam os peitos dos adolescentes, e não seriam mais castas que a *Bona*.

Penetrando na theoria das paixoens, assenta o psycologo que todas as nossas sensaçoens estão dentro de nós, e que os objectos que as despertam estão fóra de nós. Aristoteles encontra-se com Calino. Logo: da maior ou menor attenção que a nossa alma interior presta aos objectos externos resulta dôr ou alegria, sympathia ou antipathia. Isto seria nebuloso como um postulado de Kant, se o philosopho pratico nos não exhibisse tres exemplos: 1.º, o *Bicho*, 2.º o *Tregeito dos beiços*, 3.º os *Olhos tortos*.

Quanto ao *Bicho:* Se, quando estamos a comer, encontramos um bicho envolto na iguaria que tanto nos regalava, passamos logo a detestal-a até ao vomito. Ora, se a iguaria nos deliciava tanto o paladar e já lá tinha o bicho, por que é que depois a aborrecemos? é por que vimos o bicho. Isto prova que o gosto ou

desgosto é o resultado da maior ou menor attenção da alma sobre os objectos.

Agora, o exemplo do *Tregeito dos beiços*. Conta de um seu condiscipulo que teve um *rendez-vous* com uma menina de Braga; e que ella, n'essa occasião, ao passar por elle, fizera um tregeito esquisito com os beiços; e o estudante ficou tão aborrecido da carèta que acabou com o namôro. «*A mulher na realidade era a mesma*, assevera o snr. padre Casimiro; mas o tregeito desfigurou-a no espelho da alma do seu condiscipulo.

Pelo que respeita aos *Olhos tortos*, narra a historia de um rapaz do Porto que fôra ao Brazil ganhar dinheiro para casar com certa menina. Quando voltou, achou-a casada com outro mais endinheirado. Acaso se encontraram, e elle, notando que a perfida era vêsga, perguntou-lhe que diabo tivera nos olhos? Ella respondeu que sempre assim fôra. O rapaz ficou então aparvalhado por nunca lhe ter visto o defeito, fallando com ella tantas vezes. Aqui pondera o padre: *é que n'esse tempo olhava para ella com vidros de côr que a paixão lhe punha nos olhos*. Parece que os vidros não eram de côr: seriam vidros de desentortar.

Compulsando as cauzas mais efficientes da antipathia entre casados, espreita os mysterios genesiacos á porta das alcôvas nupciaes, e, metaphorisando os pescansos que fez, diz:

«Póde concluir-se com sobeja razão que a dormida, não sendo prevenida desde o principio com a prudente e precisa separação, contém motivos bem conhecidos e assaz fortes para produzir o aborrecimento mutuo entre os conjuges, e mesmo a ruina da saude por diversas causas.» A saude e a sympathia dependem por tanto da *dormida*. Quer dizer que durmam muito os conjuges. No caso de espertinas, ao deitar, amendoadas, laudanum, xarope de chloral; depois, de manhan, banho de canôa, alimentação vegetal, alguma gymnastica; e, não havendo *Lawn Tennis* ou *Cricket*, o que decerto não ha em Cabeceiras, Athey e Mondim, outros exercicios: o marido que roce um carro de matto; a esposa que ensabôe um cesto de roupa, estafando os braços sanguineos a bater o seu bragal na pedra puída do lavadouro. Porém, as mulheres capazes d'este regimen não devem procurar-se, adverte o dormitologo, *nos theatros*, *nas assembleias*, *nos bailes*, *por alcovitices*, *por namôros*, etc. Procurem-as até poderem achal-as, menos em Basto, já sabem porquê. Tenham-me sempre de ôlho aquellas *junçoens dos diversos sexos*.

*

Insiste largamente no Espiritismo, sciencia diabolica. Ajouja um rosario de plagios sandeus, d'accordo com um tal padre Conceição Vieira — umas anecdotas copiadas do *Despertador*, *advogado das almas do purgatorio*. Um desencadeamento de idiotices que ferem a nota da commiseração. Não conheço quem tão litteralmente acceitasse o conselho do allucinado Pascal: «Para crer, é necessario *s'abêtir*» — afogar a rasão em agua-benta.

O diabo em pessoa é o motor do espiritismo — insta o padre — o diabo, um typo em que pouca gente acredita, desde que elle, para fazer anonymamente das suas, usou o refinado ardil de fazer acreditar por via de Guerra Junqueiro, seu particular amigo, que tinha acabado. O padre Ventura de Raulica affirma que *le chef-d'œuvre de ce personnage c'est d'être parvenu á faire croire qu'il n'existe plus*.

E o snr. Guerra Junqueiro, se devéras matasse o diabo, perpetraria um crime de leza-litteratura. *O diabo é magnifico se o encaramos estheticamente*, diz Alexandre Buchner, e accrescenta: *Em mãos de poetas o espirito máo volve-se um assumpto inexhaurivel de bellezas litterarias; e eu me persuado que a poesia moderna, com quanto riquissima e variada, nada inventou mais*

surprehendente que a figura umas vezes atroz, outras vezes sarcastica de Satanaz. O «Paraiso perdido» de Milton, a «Messiada» de Klopstock, a «Divina Comedia», a «Jerusalem libertada», o «Mago miraculoso» de Calderon, o «Fausto» de Gœthe, o famoso romance de Lesage, o «Caim» de Byron, e o «D. João» de G. Junqueiro seriam obras banaes e esquecidas sem a intervenção do Diabo, com os seus variados nomes de Lucifer, Mephisto, *Mophostophilis*, segundo Marlow, Plutão, Satanaz e Asmodeu, segundo outros, e mais modernamente *pedreiro-livre, progressista* e *republicano*, segundo o snr. padre Casimiro.

*

Comprehende-se que um padre rustico da aldeia assoalhe ao seu auditorio da lareira estes apocalypses parvoeiroens; mas imprimil-os e atiral-os aos balcoens das livrarias, entre os livros da vida da alma moderna — condensação luminosa de milhares de seculos — é um arrojo que seria punivel a não lhe ser desculpa a liberdade da imprensa. Que opprobrio, se um livro catholico d'esta especie passasse a França como de lá vem os livros religiosos de Veuillot, de Barbey d'Aurévilly, d'Ernest Hello, de Osanam e de Léon Bloy!

*

Estou cançado, cheio de tedio que é uma chloroformisação anciada, a angustia da alma que prostituiu a sua attenção a cento e vinte paginas theologicas d'esta casta. E então hoje em dia que o fastio em litteratura resiste ao perrechil de Zola, e livro que se releia com paciencia é raro como os brilhantes pretos! N'essas cento e vinte paginas, sente-se a deliquescencia do cerebro, offega-se em ancias pantanosas no ar putrido dos velhos detritos; agonisase, á falta de ar, n'esse labyrintho de necedades. Ha ahi paginas tão cruas de ignorancia e ousadia, tão delirantes de visualidades phrenopaticas e absurdas em homem nado n'este seculo, que, ao cabo da leitura, peza-me a tristeza de quem sahe de um hospital de doudos monomaniacos de declamação de mystica misturada com injurias. É bem certo aquillo de Edmond de Goncourt: *Ce qu'il y a à craindre pour l'homme de lettres ce n'est pas le foudroiement, la mort complète de sa cervelle, c'est la douce imbécillité, l'insensible ramollissement de son talent.* Amolecimento, é o que se está dando no talento do snr. padre Casimiro.

Não me dispenso pois de enviar estas e somente estas palavras severas e tristes ao homem lendario da revolução do Minho, a vêr se evito

que a sua obra se faça acompanhar de outras que rebaixem a religião de Jesus até onde a tem abatido alguns sacerdotes que soluçam theatralmente aos pés da cruz como a vara dos cerdos grunhem á volta da cevadeira vasia. Declaro, porém, que esta censura não deslustra a honradez nem a moralidade do snr. padre Casimiro José Vieira. Disse Castilho:

Se escreve mal ou bem, se tem ou não bom senso,
que tem isso que vér co'a sua probidade?
póde um homem ser santo e cheio de asnidade.

Ah! porque não me acompanhou até aqui a sorridente ironia que me alegrára o começo d'este livro? E' que do mesmo passo que as *Notas* me iam filtrando nauseas, sentia confranger-se-me a alma ao espectaculo de um tal livro heteroclitamente portuguez, mas portuguez, estampado no anno do Senhor de 1884.

POST-SCRIPTUM

Se alguma vez, n'este meu trabalho anemico, lampejam jovialidades, ironias, risos hystericos, destoantes da original producção litteraria do monographo da guerra civil de 1846, offereço, como desculpa, ser para mim penosissima tarefa escrever este livro nostalgico sem o desafôgo de umas eternas ligeirices e verduras que me aligeirassem o assumpto pesado de saudades.

O snr. padre Casimiro Vieira e eu somos dois velhos perfilados na primeira companhia do infinito exercito que vae trôpegamente avançando á conquista do mysterio, e cahindo no fôsso, na barbacan da Eternidade.

Vamos cahir, os dois conquistadores.

O levita marcha mais serenamente do que eu, por que já sabe, por inducções evidentes da sua Fé, que, na valla, o espera o leito onde dormirá um somno de milhares de billioens de annos, até que a terra seja abrazada pela approximação do sol ou se desate no espaço em metralha encandeiada de lavas. Depois, ao clangor da trombeta de Josaphat, o snr. padre Casimiro, que professa o Credo da resurreição da carne, espera resurgir com os seus ossos articulados, cheios de novas medulas, revestidos de carne lisamente rosada, e lá vai com o seu figado regenerado pelo azul fóra exercitar em outro planeta os seus actos psychicos como alma, e os seus actos physiologicos como corpo.

Eu vou tambem dormir; desgraçadamente, porém, nem a fé nem a philosophia me deram itinerario definido; por isso me afflige a desconfiança de que a encardida epiderme, que me veste a ossada como um velho raspado palimpsesto, não se embêba adiposamente de cellulas esponjosas bastantes, de modo que eu, no *Dies iræ*, no dia das vinganças do Senhor, esteja capaz de apparecer, rasoavelmente nutrido, á barra do supremo juiz.

Posto que marchemos hombro a hombro até ao beiral da voragem, uma cega ignorancia nos distanceia quanto ás evidencias d'além da campa; e, ao mesmo tempo, a uniformidade de um sentimento consolador nos approxima — a Re-

signação. Padre Casimiro prelibou a sua no livrinho de Gerson; eu hauri o balsamo refrigerante da minha alma calcinada pela dúvida em uma philosophia que não se revolta e transige com as irremediaveis miserias d'esta vida; por que não posso declinar sobre as costas de Deus a responsabilidade das minhas desgraças, attribuir-lhe a invenção das paixões que dilaceram a especie humana e menos ainda adoral-o n'esta natureza impassivel que nos esmaga.

Abra o ascetico levita a sua *Imitação de Christo* e leia: «Viver sobre a terra é verdadeiramente uma desgraça.» A philosophia pessimista soluça o mesmo threno. Gerson vai com Spinosa até ás fronteiras do mysterio negro; depois, ambos conformados até ahi, involvem-se na treva, e deixam cada qual o seu rastilho de lagrimas, um no consolador sophisma da esperança, o outro na sincera philosophia da desesperação. Assim nós com os nossos livros immortaes como a alma.

Todavia, ao despedir-me da sua obra vibrante de propheticas ameaças de «pulos no inferno», contra os máos costumes actuaes, contra os reis illegitimos, contra os cartistas, contra os republicanos, contra os progressistas, contra os funccionarios regeneradores, contra os seus proprios correligionarios, contra os impostos, contra as senhoras deshonestas de Cabeceiras de Basto, contra os ladrões, contra os libertinos, contra

os pedreiros-livres, contra Gambetta, contra Garibaldi e contra o insigne dramaturgo Ennes, perguntarei ao snr. padre Casimiro:—Não lhe parece este mundo execravel até ao extremo de ser blasfemia dar-lhe como artifice um conjuncto de perfeições chamado *Deus?*

Sei como S. Thomaz d'Aquino e o padre Grainha respondem a isto; o que não sei é como se possa racionalmente anathematisar esta misericordiosa lamentação de Schaupenhauer, o meu oraculo e mestre em paciencia: *Se foi Deus que fez o mundo, eu não quereria ser o tal Deus. A miseria das minhas creaturas despedaçar-me-ia o coração.*

Quando o snr. padre Casimiro puder hypnotisar as convulsoens da sua mystica epileptica, e descer d'essas asceses tenebrosas até ás claridades repulsivas da vida humana, ajoelhe e reze a supplica do desesperado Jorys-Karl Huysmans:

Senhor! sede piedoso com o christão que duvida, com o incredulo que deseja crer, com o forçado da vida que embarcou na sua galé pela escuridão da noite, debaixo de um firmamento onde se apagaram os faroes consoladores da esperança!

Deus não lhe responderá; mas as modernas angustias do homem que chama os deuses á imitação do terror antigo que os creára, são sagradas e tamanhas que é pouco menos de infame

affrontar com vituperios o incredulo atormentado pelo seu materialismo. E' isso a esponja chegada aos labios d'esses christos que se dilaceram nas prezas da sua dúvida para se resgatarem pela morte. Se não pode compadecer-se, padre, seja ao menos egoista. Arranje o paraiso eterno da sua pessoa, e deixe os atheus, deixe-os padecer e morrer. Não lhes faça pressão cruelissima nos espinhos da sua corôa, injuriando-os por que elles não pódem crer que haja um Deus a contemplar, com a impassibilidade de um Nero divino, as suas creaturas estorcidas entre as lavaredas do incendio que sua magestade suprema assoprou sem ter primeiramente consultado a vontade das victimas. Cale-se, padre, por honra de Deus, se o acredita!

FIM

LIVRARIA CHARDRON de Lello & Irmão

96—CLERIGOS—98

Escrich

Manuscripto materno, 6 vol.. . . . . . 3$000
As obras de misericordia, 4 vols. . . . . 2$000
Inveja, 3 vols. . . . . 1$500
Os filhos da fé, 3 vols. 1$500

Ponson du Terrail

Rocambole—12 partes 15$000
Pacto de sangue, 4 vols. 2$000

Navery

O crime das mulheres 500

Sirven e Leverdier

Filha de Naná, 2 vols. 1$000

Ramalho Ortigão

John Bull. 600
Electra (drama)—*no prélo.*

Bazilio Telles

O problema agricola . 600
Estudos historicos e economicos 600
Introducção ao problema do trabalho nacional—*no prélo.*

Lermina

Filho do Monte Christo 2 volumes . . .

Dumas

Jorge ou o capi[illegible] piratas .
[illegible]

Tolstoï

A Sonata de Kreutzer. 400

Gomes Leal

Fim de um mundo . 800

Eugenio Sue

Mysterios de Paris, 3 volumes cart. . . 2$000
Os sete peccados mortaes, 7 vols. . . . 2$100

Prevost

Manon Lescaut. . . 500

Gervasio Lobato

Comedia de Lisboa . 600

Fialho d'Almeida

A cidade do vicio . . 600
A vida ironica . . . 800
Pasquinadas . . . 600
Contos 600

Flaubert

Salammbô. 700

Balzac

Physiologia do matrimonio. . . . . . 1$000

Debey

Arte de conservar a belleza 500

[illegible]o Chagas

[illegible] de um condemnado 500

[illegible] Pinto

[illegible]nque . . . 600

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

DP
659
V5C35
1901

Castello Branco, Camillo
Maria da Fonte